

---

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**

**ANA MARIA DOS SANTOS GARCIA FERREIRA MARTINS**

**A OCORRÊNCIA DE EPÊNTESE NA PRODUÇÃO ORAL  
(DIRECIONADA) DA LÍNGUA INGLESA POR ALUNOS BRASILEIROS**

---

**CURITIBA - 2005**

---

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**

**ANA MARIA DOS SANTOS GARCIA FERREIRA MARTINS**

**A OCORRÊNCIA DE EPÊTESE NA PRODUÇÃO ORAL  
(DIRECIONADA) DA LÍNGUA INGLESA POR ALUNOS BRASILEIROS**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em letras na área de concentração de Estudos Lingüísticos.

Orientador: Prof. Dr. Michael Alan Watkins

---

**CURITIBA - 2005**

## **AGRADECIMENTOS**

**Agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Michael Alan Watkins que agiu com sabedoria, foi paciente e brilhante na tarefa de orientar. Guardo no íntimo do meu coração sua figura tranqüila, seu equilíbrio e sua disposição para ensinar. Obrigada.**

**Agradeço aos professores participantes da banca examinadora, Profa. Dra. Adelaide Hercília P. Silva, Profa. Dra. Bárbara Oughton Baptista e Prof. Dr. José Erasmo Gruginski que contribuíram com valiosas críticas e sugestões.**

**Agradeço a incansável presença e incentivo de meu amado esposo, Cláudio. Seu apoio, confiança e estímulo o tornam co-autor deste trabalho e de todas as conquistas de minha vida. Você é o grande responsável, neste mundo, por este momento de alegria.**

**Agradeço com toda sinceridade e carinho do meu coração a minha mãe, Tereza. Pessoa vencedora em várias batalhas e presente em todas as minhas lutas: minha grande incentivadora. Obrigada.**

**Agradeço a compreensão de meus filhos Arthur, Lucas e Susana: presentes que Deus me deu e através de quem tem me abençoado. Agradeço também minha sogra e cunhada, Maria do Carmo e Claudemara.**

**Agradeço ao meu Deus, meu Senhor, criador de todas as coisas. Aquele que conduz minha vida desde o levantar até o deitar. Por Ele vivi até este momento.**

## **DEDICATÓRIA**

**Decido este trabalho a todos aqueles que comigo colaboraram durante toda minha vida escolar e profissional.**

**Em particular, quero dedicar como que entregando em mãos, à minha mãe. Que você possa sentir este feito como sendo teu.**

**E de maneira especial, dedico este trabalho ao meu amado, fiel companheiro, meu esposo, Cláudio. Que junto aos frutos do nosso amor, nossos filhos, você receba esta obra como sua.**

**O temor do Senhor é o princípio da  
sabedoria; mas os loucos desprezam  
a sabedoria e o ensino.**

**Provérbios 1:7**

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
1.1 O Problema .....	9
1.2 O Objetivo do Estudo .....	10
1.3 Justificativa do Estudo .....	10
1.4 Organização da Dissertação .....	13
<b>CAPÍTULO 2 – TEORIAS DE AQUISIÇÃO DA FONOLOGIA DA LÍNGUA ESTRANGEIRA .....</b>	<b>15</b>
2.1 Hipótese da Análise Contrastiva .....	15
2.2 Hipótese de Diferencial de Marca .....	17
2.3 Fonologia da Interlíngua / Transferência Lingüística .....	20
2.4 Modelo de Aprendizagem da Fala .....	24
2.5 A Interferência da Idade Sobre a Produção Oral em L2 .....	25
2.5.1 Evidências Favoráveis à Hipótese do Período Crítico .....	26
2.5.2 Evidências Contrárias à Hipótese do Período Crítico .....	27
2.6 A Estrutura Silábica .....	30
2.6.1 O que é uma sílaba .....	30
2.6.2 Sílabas Abertas – Preferência na Maioria das Línguas .....	34
2.6.3 A Estrutura Silábica da Língua Portuguesa .....	36
2.6.4 A Estrutura Silábica da Língua Inglesa .....	39
2.6.5 Diferenças entre a Sílaba da Língua Portuguesa e da Língua Inglesa .....	42
<b>CAPÍTULO 3 - PESQUISAS ANTERIORES .....</b>	<b>44</b>
3.1 Pesquisas a Partir da Fala Espontânea dos Informantes .....	44
3.2 Pesquisas a Partir da Leitura dos Estímulos .....	48
<b>CAPÍTULO 4 – PESQUISA ATUAL - METODOLOGIA .....</b>	<b>55</b>
4.1 Da Escolha dos Informantes .....	56
4.2 Da Coleta dos Dados .....	60
4.3 Da Escolha da Fala Direcionada .....	65
4.4 Da Escolha das Figuras .....	67
4.5 Do Tratamento dos Dados .....	67
4.6 Análise dos Dados .....	67
4.6.1 Variável Dependente: Ocorrência ou não de Epêntese .....	68
4.6.2 Grupo de Fator 1: Sonoridade da Coda .....	68
4.6.3 Grupo de Fator 2: Som do Ataque .....	68
4.6.4 Grupo de Fator 3: Sonoridade do Ataque .....	68
4.6.5 Grupo de Fator 4: Modo de Articulação do Ataque .....	68
4.6.6 Grupo de Fator 5: Ponto de Articulação do Ataque .....	69
4.6.7 Associação dos Grupos de Fatores .....	69

<b>CAPÍTULO 5 – DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....</b>	<b>71</b>
<b>5.1 Ocorrência de Epêntese .....</b>	<b>71</b>
<b>5.2 Ocorrência de Epêntese conforme Sonoridade da Coda .....</b>	<b>73</b>
<b>5.2.1 Ocorrência de Epêntese conforme Sonoridade da Coda e Sonoridade do Ataque .....</b>	<b>75</b>
<b>5.2.2 Ocorrência de Epêntese com Coda Sonora e Ataque Sonoro .....</b>	<b>77</b>
<b>5.2.3 Ocorrência de Epêntese com Coda Sonora e Ataque Surdo .....</b>	<b>79</b>
<b>5.2.4 Ocorrência de Epêntese com Coda Surda e Ataque Sonoro .....</b>	<b>80</b>
<b>5.2.5 Ocorrência com Coda Surda e Ataque Surdo .....</b>	<b>83</b>
<b>5.3 Ocorrência de Epêntese a partir do Ponto de Articulação do Ataque .....</b>	<b>85</b>
<b>5.3.1 Distribuição do Ponto de Articulação do Ataque nas Ocorrências de Epêntese .....</b>	<b>87</b>
<b>5.4 - Ocorrência de Epêntese Conforme Sonoridade da Coda e Modo de Articulação do Ataque .....</b>	<b>88</b>
<b>5.4.1 - Distribuição do Modo de Articulação do Ataque em Ocorrência com Coda Surda e Sonora .....</b>	<b>90</b>
<b>5.5 Ocorrência de Epêntese com Ataque Vazio .....</b>	<b>91</b>
<b>5.6 Ocorrência por Informante .....</b>	<b>93</b>
<b>CAPÍTULO 6 – CONCLUSÃO .....</b>	<b>97</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>100</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>125</b>

## LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – VERIFICAÇÃO DE OCORRÊNCIA DE EPÊNTESE .....	71
TABELA 2 – OCORRÊNCIA TOTAL DE EPÊNTESE CONFORME SONORIDADE DA CODA .....	73
TABELA 3 – OCORRÊNCIA DE EPÊNTESE CONFORME SONORIDADE DA CODA .....	74
TABELA 4 - SONORIDADE DA CODA E SONORIDADE DO ATAQUE .....	75
TABELA 5 - OCORRÊNCIA DE EPÊNTESE COM CODA VOZEADA E ATAQUE VOZEADO .....	77
TABELA 6 – OCORRÊNCIA DE EPÊNTESE COM CODA VOZEADA E ATAQUE NÃO-VOZEADO .....	79
TABELA 7 - OCORRÊNCIA DE EPÊNTESE COM CODA NÃO-VOZEADA E ATAQUE VOZEADO .....	81
TABELA 8 - OCORRÊNCIA DE EPÊNTESE COM CODA NÃO-VOZEADA E ATAQUE NÃO-VOZEADO .....	84
TABELA 9 - OCORRÊNCIA DE EPÊNTESE A PARTIR DO PONTO DE ARTICULAÇÃO DO ATAQUE .....	86
TABELA 10 - PONTO DE ARTICULAÇÃO DO ATAQUE EM OCORRÊNCIA COM CODA NÃO-VOZEADA E VOZEADA (EM NÚMERO DE SENTENÇAS) .....	87
TABELA 11 – OCORRÊNCIA DE EPÊNTESE CONFORME SONORIDADE DA CODA E MODO DE ARTICULAÇÃO DO ATAQUE .....	89
TABELA 12 – DISTRIBUIÇÃO DO MODO DE ARTICULAÇÃO DO ATAQUE EM OCORRÊNCIA COM CODA NÃO-VOZEADA E VOZEADA .	90
TABELA 13 – SONORIDADE DA CODA E ATAQUE VAZIO .....	92
TABELA 14 – OCORRÊNCIA POR INFORMANTE (EM NÚMERO DE SENTENÇAS) .....	93
TABELA 15 – OCORRÊNCIA POR INFORMANTE (EM PERCENTAGEM) ...	94
TABELA 16 – IDADE E TEMPO DE ESTUDO DE ALGUNS DOS INFORMANTES .....	94
TABELA 17 – AMBIENTES DE EPÊNTESE DE ALGUNS DOS INFORMANTES .....	96

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>GRÁFICO 1 – VERIFICAÇÃO DE EPÊNTESE .....</b>	<b>72</b>
<b>GRÁFICO 2 – OCORRÊNCIA TOTAL DE EPÊNTESE CONFORME SONORIDADE DA CODA .....</b>	<b>73</b>
<b>GRÁFICO 3 – OCORRÊNCIA DE EPÊNTESE CONFORME SONORIDADE DA CODA .....</b>	<b>74</b>
<b>GRÁFICO 4 – EPÊNTESE A PARTIR DA SONORIDADE DA CODA E DO ATAQUE .....</b>	<b>76</b>
<b>GRÁFICO 5 – OCORRÊNCIA DE EPÊNTESE COM CODA VOZEADA E ATAQUE VOZEADO .....</b>	<b>78</b>
<b>GRÁFICO 6 – OCORRÊNCIA DE EPÊNTESE COM CODA VOZEADA E ATAQUE NÃO-VOZEADO .....</b>	<b>80</b>
<b>GRÁFICO 7 - OCORRÊNCIA DE EPÊNTESE COM CODA NÃO-VOZEADA E ATAQUE VOZEADO .....</b>	<b>82</b>
<b>GRÁFICO 8 - OCORRÊNCIA DE EPÊNTESE COM CODA NÃO-VOZEADA E ATAQUE NÃO-VOZEADO .....</b>	<b>85</b>
<b>GRÁFICO 9 – OCORRÊNCIA DE EPÊNTESE CONFORME SONORIDADE DA CODA E PONTO DE ARTICULAÇÃO DO ATAQUE .....</b>	<b>86</b>
<b>GRÁFICO 10 – PONTO DE ARTICULAÇÃO DO ATAQUE EM OCORRÊNCIA COM CODA NÃO-VOZEADA E VOZEADA (EM PORCENTAGEM) .....</b>	<b>88</b>
<b>GRÁFICO 11 - OCORRÊNCIA DE EPÊNTESE CONFORME SONORIDADE DA CODA E MODO DE ARTICULAÇÃO DO ATAQUE .....</b>	<b>89</b>
<b>GRÁFICO 12 - DISTRIBUIÇÃO DO MODO DE ARTICULAÇÃO DO ATAQUE EM OCORRÊNCIA COM CODA NÃO-VOZEADA E VOZEADA .....</b>	<b>91</b>
<b>GRÁFICO 13 – DISTRIBUIÇÃO CONFORME SONORIDADE DA CODA E ATAQUE VAZIO .....</b>	<b>92</b>

## RESUMO

Este trabalho tem origem na observação da produção oral da língua inglesa por alunos brasileiros em sala de aula e descreve um estudo de ocorrência de epêntese na fala direcionada da língua inglesa por dez alunos. Para proceder à análise da fala dos alunos, 58 figuras foram selecionadas e mostradas aos informantes. Estas figuras os induziram à produção de sentenças com adjetivos monossilábicos com coda final em oclusiva alveolar surda e sonora [t, d], seguidos por substantivos também monossilábicos em sua maioria, com diferentes segmentos iniciais. Ao descreverem as gravuras através da sentença veículo “*I can see ...*”, em três seqüências diferentes, o *corpus* foi composto de 1740 sentenças. A análise mostrou percentagem de produção de epêntese de 12,13% do total das sentenças, o que comprova a ocorrência de epêntese na fala de alunos brasileiros e mostra que a coleta de dados através da fala direcionada, adotada por esta pesquisa, pode revelar resultados próximos aos obtidos por pesquisas com coleta através de leitura ou fala espontânea. Porém, conforme sugerido por Brown (2000) e pelos dados apresentados nesta pesquisa, epêntese pode ocorrer em menor proporção quando a exposição dos alunos à L2 é realizada através de pouca interação com textos escritos. Os procedimentos adotados por esta pesquisa indicam a necessidade da análise acústica verificação dos dados, e o programa VARBRUL de análise para tabulação.

**Palavras chaves:** língua materna, língua estrangeira, interlíngua, estrutura silábica, epêntese.

## ABSTRACT

This work arose from observation of the oral production of Brazilian students in the EFL classroom and describes a study of the occurrence of epenthesis in ten students' stimulated English speech. In order to analyze the students' speech, 58 pictures were selected and shown to the informants. These pictures induced them to produce sentences with monosyllabic adjectives with voiced and voiceless alveolar plosive final coda [t, d], followed by nouns with a range of initial segments, and yielded a total of 1740 sentences, all containing the carrier sentence “*I can see...*”. The analysis showed an overall rate of epenthesis occurrence of 12,13%; this confirms that Brazilian learners add the epenthetic vowel to final coda and reveals that the data collection through stimulated speech, adopted by this research, shows results that are similar to those obtained in studies whose data collection was either through reading sentences or spontaneous speech. However, according to Brown (2000) and the results presented by this research, epenthesis may occur in smaller proportion when students are not widely exposed to written forms of L2. Acoustic analysis would provide a surer way of understanding the data, and the use of the VARBRUL statistical program would allow deeper interpretation.

**Key word:** native language, foreign language, interlanguage, syllable structure, epenthesis.

# CAPÍTULO 1

## INTRODUÇÃO

### 1.1 O Problema

A partir da observação da produção oral de meus alunos em sala de aula comecei a perceber que muitos deles apresentam acréscimo de vogal epentética. Trata-se do acréscimo das vogais [ e ], [ i ] ou [ ə ] a consoantes internas ou finais de sílaba e palavra, ou a encontros consonantais iniciais e finais da L2, um fenômeno normalmente encontrado na fala dos alunos, e que tem sido objeto de estudo não apenas na produção oral de brasileiros, como mostra o trabalho de Baptista e Silva Filho (1997), o de Rebello (1997) e o de Silveira (2004), entre outros; mas também tem sido investigado a partir da fala de alunos de outras nacionalidades e que têm a primeira língua (L1) diferente da língua inglesa. É o que mostram as pesquisas de Flege, Munro e Mackay (1995) *apud* Flege (1997), que examina a produção oral da língua inglesa por nativos italianos; de Abrahamson (1997) e Carlisle (1994) que analisam a vogal epentética de espanhóis durante processo de aprendizagem da língua inglesa.

No decorrer dos anos, atuando em sala de aula notei também que este fenômeno não é constante, já que às vezes os alunos produzem epêntese - acréscimo da vogal - e às vezes não o fazem. Surgiu, então, o interesse por descobrir por que os alunos apresentam essa variabilidade; o que só seria possível através de um trabalho científico. Então, o presente estudo visa a mostrar especificamente uma característica apresentada pelos

alunos na tarefa de produzir oralmente a língua alvo: a ocorrência da vogal epentética.

## **1.2 O Objetivo do Estudo**

O objetivo deste trabalho é analisar a produção oral da L2 por alunos brasileiros, no tocante a ocorrência do fenômeno conhecido por epêntese. Atuando em sala de aula, com contato permanente com os alunos, me foi possível perceber que tal fenômeno ocorre com frequência. Muitos são os alunos que ora ou outra acrescentam som vocálico ao final de palavras terminadas em sons consonantais, como /t, d, k, g, p, b/, por exemplo; no entanto, esse contato com alunos não permite identificar se há um contexto fonológico onde a vogal epentética se faz mais ou menos presente. Para verificação destes dados e posterior identificação dos ambientes onde produzem epêntese seria necessário uma pesquisa que pudesse trazer dados empiricamente comprováveis. O foco deste estudo é, então, perceber se há contextos fonológicos que favorecem a ocorrência da epêntese em coda consonantal, e quais são estes contextos.

## **1.3 Justificativa do Estudo**

A produção oral é uma parte do processo de aquisição da segunda língua (L2) reconhecidamente negligenciada; esta é a consideração inicial de Tarone (1987) em texto que trata da Fonologia da Interlíngua, e que destaca a importância e necessidade de se aumentar o número de pesquisas sobre a produção oral da L2.

A pesquisa de aquisição de segunda língua até bem recentemente - anos 70 - não apresentava dados sobre fonologia da interlíngua. Quando, em 1976, Schumann *apud*

Tarone (op. cit) resumiu a existência da pesquisa de aquisição de L2, não encontrou estudos na fonologia da interlíngua. Ainda hoje há poucas informações fonológicas coletadas sobre alunos de L2 em situação de fala espontânea. Talvez um dos motivos seja a crença, por parte de pesquisadores, professores e alunos, de que a pronúncia não é muito importante, conforme sugere Tarone (1987). Muito provavelmente em consequência disto, a pronúncia da L2 é um objeto de ensino e também de aprendizagem que, de certa forma, tem sido pouco explorado ou pouco privilegiado em relação à quantidade de atenção que se destina à aquisição da sintaxe da L2, por exemplo. No entanto, aprender uma língua depende não apenas da quantidade de conhecimento gramatical ou lexical que o indivíduo apresenta, mas também da sua capacidade de se fazer entender por outros falantes da mesma língua, nativos ou estrangeiros. Se ao invés de produzir [θin] para *thin*, o indivíduo produzir [sɪn] como em *sin*, com certeza a compreensão daquilo que pretende comunicar será incorreta. Acuidade na pronúncia é um elemento que pode favorecer ou prejudicar o processo de comunicação oral, não podendo então ser considerada como pouco importante.

Da mesma forma, se ao produzir oralmente a língua inglesa uma vogal for acrescentada ao final das palavras com coda consonantal, presume-se que a compreensão dessa fala pode ser afetada. Essa interferência na compreensão da fala se dá em função da importância que as vogais finais têm na estrutura da língua inglesa. Michael Watkins (comunicação pessoal) indica que para o ouvinte nativo –y é frequentemente um morfema que carrega informação importante; no momento em que a vogal final é ouvida o ouvinte nativo lhe atribui significado. A língua inglesa apresenta muitos contrastes como *book-bookie*, *red-ready*, *fat-fatty*, *luck-lucky*; e isso indica que epêntese final pode gerar mais falhas na compreensão do que a epêntese inicial. Trata-se, então de um aspecto relevante para a comunicação em L2, e não um aspecto meramente estético.

Outro ponto relevante desta pesquisa é a metodologia adotada para coleta dos dados. Ao estabelecer um paralelo entre estudos anteriores que discutem a realização de epêntese, percebe-se a prática de coleta dos dados através de leitura de frases em grande parte dos estudos; trata-se de um traço comum aos trabalhos que buscam discutir a ocorrência da vogal epentética até aqui. Considerando que a literatura atribui à linguagem escrita, entre outros fatores, o motivo pelo qual a vogal epentética surge na fala dos alunos, conforme Odlin (1989), vimos propor uma metodologia que não dependa da leitura de sentenças.

Uma metodologia na qual a linguagem escrita não viesse a influenciar a produção oral dos informantes. Além disso, uma metodologia que permitisse controlar os ambientes de ocorrência de epêntese, o que não seria possível através da fala espontânea, uma vez que esta metodologia oferece total liberdade de produção aos sujeitos e não garante que os ambientes de ocorrência serão repetidos para que se possa comprová-los.

Entendemos, então, que conhecimentos científicos adquiridos até o presente momento, através de pesquisas anteriores que também tratam da ocorrência de epêntese, podem ser corroborados ou refutados a partir de uma outra metodologia; trata-se da fala direcionada, que me permitiu induzir os informantes para a produção oral de alguns ambientes pré-estabelecidos, sem que fosse necessário recorrer ao processo de leitura de sentenças. Adotamos então uma metodologia aplicada a partir da exposição de figuras estrategicamente selecionadas, que são descritas pelos sujeitos. Assim, os ambientes são controlados, permitindo inclusive seqüências diferentes, e a produção oral não é influenciada pela forma escrita. A essa metodologia aplicada à coleta dos dados chamamos de fala direcionada dos informantes.

Novas possibilidades de análise podem ser seguidas a partir desta metodologia, o que vem contribuir com a pesquisa fonológica no que diz respeito à aprendizagem da L2.

Trata-se então de uma nova proposta de trabalho que pode abrir novos caminhos para outras pesquisas e trazer resultados relevantes ao assunto.

#### **1.4 Organização da Dissertação**

O próximo capítulo desta dissertação trata do estudo da literatura relacionada à ocorrência de epêntese na fala de alunos de língua inglesa, discorrendo desde a aquisição de fonologia da L2, a fonologia da interlíngua, a transferência lingüística, a interferência da idade sobre a produção oral em L2, a estrutura silábica da língua materna, até os ambientes de ocorrência de epêntese. O Capítulo 3 aborda pesquisas já realizadas sobre a vogal epentética, discutindo resultados e metodologia, não apenas daquelas que investigaram alunos brasileiros, mas de outras nacionalidades também, a destacar Abrahamson (1997), Sato (1984), Benson (1988), Tarone (1980), Eckman e Iverson (1994), Weinberger (1987), Riney (1990), Flege et al. (1995), Carlisle (1992), Baptista e Silva Filho (1997).

No Capítulo 4 encontra-se o desenvolvimento desta pesquisa, todas as informações sobre sua realização bem como a metodologia aplicada para obtenção dos resultados. O Capítulo 5 apresenta e discute os resultados obtidos através da pesquisa, destacando as dificuldades enfrentadas pela pesquisadora para proceder toda a análise. Finalizando a dissertação, o Capítulo 6 trata das implicações teóricas para a aplicação prática do ensino e aprendizagem da língua inglesa enquanto L2; este capítulo também sugere

encaminhamentos para outras pesquisas a partir dos resultados encontrados.

## CAPÍTULO 2

### TEORIAS DE AQUISIÇÃO DA FONOLOGIA DA LÍNGUA ESTRANGEIRA

#### 2.1 Hipótese da Análise Contrastiva

Este estudo propõe-se a observar um aspecto da produção oral da língua inglesa enquanto L2, a partir da fala direcionada de alunos brasileiros; objetivamente, investiga a ocorrência de epêntese, que entre outros fatores pode ocorrer em função da diferença existente entre a estrutura silábica da L1 e da L2, que tem sido considerada como relevante para estudos que tratam da produção oral da L2. Odlin (1989, p.113) acredita que há poucas dúvidas sobre a influência da L1 sobre a pronúncia da L2: *“There is little doubt that native language phonetics and phonology are powerful influences on second language pronunciation...”* .

Do ponto de vista histórico, o estudo comparativo entre L1 e L2 começa com a hipótese que trata da interferência da L1 sobre a L2: a *Contrastive Analysis Hypothesis* (CAH) de Lado (1957), formulada com base na idéia de que os indivíduos tendem a transferir as formas e significados e a distribuição das formas e dos significados de suas línguas maternas e de sua cultura para uma língua estrangeira e sua cultura.<sup>1</sup>

Assim, CAH postula a previsibilidade dos erros durante o processo de

---

<sup>1</sup> Individuals tend to transfer the forms and meanings and the distribution of forms and meanings of their native language and culture to the foreign language and culture - both productively when attempting to speak the language and to act in the culture and receptively when attempting to grasp and understand the language and the culture as practiced by natives. (Lado 1957, in Larsen-Freeman & Long 1991:52-53)

aprendizagem da L2. Os pontos fortes da CAH resumem-se em:

- A fonte principal de erros em L2 está na transferência de hábitos obtidos na L1;
- Os erros podem ser previstos através de uma análise contrastiva entre L1 e L2;
- Quanto maior for a diferença entre L1 e L2, maior a quantidade de erros.

Quanto à transferência, CAH indica que pode ter aspecto positivo (quando as duas línguas são parecidas) ou negativo (quando as duas línguas são diferentes), podendo também ser chamado de transferência negativa ou interferência: *“Where two languages were similar, positive transfer would occur; where they were different, negative transfer, or interference, would result.”*, Larsen-Freeman e Long (1991).

Além dessa previsão, CAH assegura que todas as áreas que geram dificuldades durante aquisição da L2 podem ser explicadas a partir das diferenças estruturais existentes entre L2 e L1; CAH determina também que tais diferenças são necessárias e suficientes para explicar as dificuldades encontradas na aprendizagem da L2. Porém, os fatos não apóiam a teoria: alguns indivíduos não produzem os erros esperados a partir da diferença entre L1 e L2, enquanto que outros alunos produzem erros em contextos onde não seriam esperados, já que as estruturas da L1 e L2 são consideradas iguais. Pode-se dizer que a hipótese apresenta alguns problemas, de acordo com Larsen-Freeman e Long (1991);

- Ocorrem erros que não são relacionados à L1;
- Erros que não foram previstos acabam por ocorrer;
- Dificuldade operacional para contrastar – como medir diferenças entre L1 e L2.
- A imitação e correção não parecem ser importantes para aquisição de linguagem.

## 2.2 Hipótese de Diferencial de Marca

Posterior à Análise Contrastiva proposta por Lado (1957), surgiu a hipótese de Eckman (1977), a *Markedness Differential Hypothesis* (MDH). De acordo com MDH, as áreas de dificuldade que um aluno de língua estrangeira terá podem ser previstas a partir de uma comparação entre a gramática da L2, da L1 e relações de marca estabelecidas pela gramática universal. A definição de Eckman (1977, p. 320) para marca diz que *“If the presence of a structure p in a language implies the presence of some other structure, q, but the presence of q in some language does not imply the presence of p, then structure p is marked relative to structure q, and structure q is unmarked relative to structure p.”*

Ao comparar MDH, que não atribui todas as dificuldades encontradas pelos alunos às diferenças entre L1 e L2, como prevê CAH, percebe-se que MDH consegue explicar fatos que CAH não consegue, já que MDH estabelece que a simples existência de diferenças entre L2 e L1 não é suficiente para causar dificuldades, o que explica o fato de algumas diferenças entre L2 e L1 não gerarem obstáculos à aprendizagem.

Quanto às relações de marca utilizadas na hipótese proposta por Eckman diz-se que: a) as áreas da L2 que diferem da L1 e são mais marcadas do que a L1 serão mais difíceis; b) o grau de dificuldade das áreas da L2 que são mais marcadas do que a L1 corresponderá ao grau de marca; c) as áreas da L2 que são diferentes da L1, mas não são mais marcadas do que a L2 não serão difíceis.

Certos sons são mais marcados do que outros porque são universalmente evitados até que se possa evitá-los; isto quer dizer que estes sons são mais incomuns do que outros sons, ou combinações de sons, se considerarem todas as línguas do mundo. Codas

consonantais, por exemplo, são marcadas porque a maioria das línguas as evitam, já que (CV) são consideradas sílabas ótimas.

Segundo Eckman (1977), quando as línguas permitem coda consonantal o fazem em ambientes restritos, como é o caso da língua portuguesa, que apresenta um inventário de sons em coda em menor número do que os sons presentes em ataques. Línguas que permitem coda consoante-consoante (CC) sempre permitem codas consoante (C), e línguas que apenas permitem codas (C) também permitem sílabas abertas. Quanto mais complexa uma estrutura, mais marcada será. Sílabas do tipo consoante-vogal CV são as mais simples, e são consideradas como o tipo universalmente preferido, o que as torna não-marcadas; por consequência, sílabas CVC são mais marcadas e sílabas CVCC mais marcadas ainda

Quando se trata de transferir conhecimento lingüístico conforme a estrutura da L1 admite-se que este fenômeno é possível não apenas na aprendizagem da sintaxe da L2, mas poderá estar relacionado à sua morfologia e fonologia também. Enquanto o indivíduo se encontra neste processo de transferência de informações de uma língua para outra, dizemos que ele está realizando a interlíngua; ou seja, é como se estivesse passando por um estágio transitório no qual ele aplica os conhecimentos que tem a uma língua que ainda não conhece o suficiente para usá-la segundo suas próprias regras; trata-se do processo de empréstimo lingüístico que caracteriza a interlíngua, conforme Eckman (1991).

Enquanto a MDH faz previsões sobre a base de universais lingüísticos e diferenças entre a L1 e L2, outra teoria proposta por Eckman (1991), a *Structural Conformity Hypothesis* (SCH), faz previsões específicas à base dos universais lingüísticos, o que quer

dizer que a hipótese considera que as interlínguas tendem a seguir os mesmos princípios universais que a primeira língua apresenta; tudo o que é verdade para a L1 também é verdade para a interlíngua. SCH é usada para verificar a influência dos universais lingüísticos implicacionais na aquisição da fonologia da L2. Sugere que os alunos de L2 modificarão as estruturas mais marcadas com mais freqüência do que modificarão as estruturas menos marcadas.

Conforme Major (1987) a transferência de conhecimentos que dá origem à interlíngua pode acontecer com maior freqüência nos estágios iniciais do que nos mais avançados, além de ser influenciada por vários outros aspectos, entre eles a idade do aluno, e fatores desenvolvimentais. Neste estudo Major também recupera alguns dos processos operantes na fonologia da interlíngua. Trata da transferência negativa da L1 – que é mencionada na grande maioria dos estudos realizados anteriormente; dos processos de aquisição da L1; da generalização exagerada por parte dos alunos; da aproximação de regras entre L1 e L2, e da atitude que os alunos adotam ao aprender língua estrangeira.

Todos estes aspectos são relevantes às pesquisas que tratam da ocorrência de epêntese, objeto de estudo desta dissertação, pois relacionam direta e indiretamente a fonologia da L1, a fonologia da interlíngua e a fonologia da L2.

### **2.3 Fonologia da Interlíngua / Transferência Lingüística**

O fenômeno denominado de interlíngua (IL) é caracterizado pela variação, ou seja, diversidade de realizações de uma determinada estrutura lingüística. É uma teoria

proposta por Selinker (1972) na qual o aluno desenvolve um sistema de transição, ao longo de seu processo de assimilação de uma língua estrangeira. Trata-se de uma linguagem produzida por um falante não nativo a partir do início do aprendizado, caracterizada pela interferência da língua materna, até o aluno ter alcançado seu teto na língua estrangeira, ou seja, seu potencial máximo de aprendizado.

A interlíngua trata também dos erros que alguns alunos produzem e que nem sempre estão relacionados à estrutura lingüística da língua materna, apesar de Selinker aceitar que a influência da L1 é um dos principais motivos da interlíngua.

Por exemplo, falantes espanhóis, árabes e japoneses podem ter o mesmo erro em inglês, e este erro não tem relação nenhuma com suas línguas. Selinker indica que todo aluno começa a aprender a partir do conhecimento adquirido na L1. Pouco a pouco, o indivíduo ajusta o modelo da L2, melhorando sua competência comunicativa naquela língua. As hipóteses que o aluno desenvolve mentalmente e que são bem sucedidas - que podem ser consideradas como transferência positiva para a estrutura da L2 - acabam se transformando em regras para aquela língua. As hipóteses que não se enquadram - que são vistas como transferência negativa para aprendizagem da L2 - são revisadas ou descartadas. Enquanto se encontra nesse processo intermediário entre L1 e L2 diz-se que o aluno está fazendo uso da IL. Aqueles alunos que são bem sucedidos no processo de aprendizagem da L2 deixam o sistema de IL e atingem um nível mais alto de competência em L2, enquanto que alunos que não são bem sucedidos encontram-se “fossilizados” em algum lugar na IL.

A diversidade de realizações de uma estrutura lingüística pelo aluno se dá em função de obstáculos lingüísticos internos e estilísticos, que são condicionados pelo

contexto; e obstáculos externos, que são condicionados a questões sociais.

Quanto aos obstáculos lingüísticos e obstáculos estilísticos a hipótese de marca MDH de Eckman (1977) estabelece que:

- Alunos de L2 adquirem estruturas menos marcadas de maneira mais fácil do que adquirem as estruturas mais marcadas;
- Oclusivas vozeadas em posição final são mais marcadas do que oclusivas não-vozeadas na mesma posição.

Apesar de a natureza cross-lingüística da MDH ter sido questionada por estudos feitos por Carlisle (1988) e Hammarberg (1990) *apud* Carlisle (1994), Eckman nunca re-escreveu a teoria original, mas antes de Carlisle (1988) já havia publicado um artigo sobre relação de marca dentro da L2; Eckman (1991) desenvolveu a hipótese de conformidade estrutural – *Structural Conformity Hypothesis* (SCH). Conforme esta hipótese existe preferência universal para sílaba CV entre as línguas naturais, o que torna a sílaba aberta CV universalmente menos marcada uma vez que todas as línguas têm sílaba CV, e mais ainda, em algumas línguas CV é o único tipo de sílaba existente. Sendo sílaba universal absoluta, CV é a menos marcada de todas; portanto pode ocorrer no período de interlíngua independente da ocorrência ou não de transferência da L1 para L2.

A transferência da estrutura lingüística da L1 para a L2 tem sido considerada um forte item no que diz respeito à aquisição da fonologia da L2. Entre outros autores, Weinberger (1987), Tarone (1987), Major (1987) e Odlin (1989), consideram o processo de transferência de conhecimento lingüístico da L1 do aluno para a língua alvo

como um fato relevante em suas pesquisas.

Pressupor que o conhecimento lingüístico da L1 pode ser transferido e utilizado no processo de aprendizagem de uma nova estrutura - a da L2 - é concordar que as generalizações universais feitas para a primeira língua são também válidas para o sistema de interlíngua, período no qual o aluno fará uso de seu prévio conhecimento lingüístico para se expressar em L2. Esta relação entre L1 e L2 determinando as características da IL tem base na proposta da SCH.

Conforme Eckman (1991) uma vez estabelecida uma característica qualquer na fonologia da L1, espera-se que esta mesma característica seja presente na fonologia da interlíngua. Em termos práticos isto quer dizer que falantes nativos de línguas que não apresentam oclusivas vozeadas /b, d, g/ como sons finais, como é o caso de alemão, turco, russo, e outras, tendem a produzir tais oclusivas como não-vozeadas /p, t, k/ quando as vozeadas ocorrerem em posição final na L2, como mencionado em Yavas (1994).

Quanto aos falantes de português, língua que não apresenta as consoantes oclusivas não-vozeadas /p, t, k/, nem as vozeadas /b, d, g/ em posição de coda, em final de palavra, presume-se que a produção destes sons seja modificada pelo aluno, que buscará em seu domínio fonológico uma aproximação para aquela produção.

Neste caso a transferência de conhecimento não se restringe à substituição de um som por outro, como pode ser o caso de alunos alemães, turcos e

russos, mencionado acima. Três fenômenos podem ser esperados e percebidos quando do momento da produção dos sons oclusivos finais por falantes de português enquanto alunos de língua inglesa. O primeiro deles é a possibilidade de apagamento da oclusiva, uma vez que sua aparição no ambiente sucedido de silêncio é incomum ao aluno; o segundo fenômeno é o surgimento da vogal epentética após a oclusiva, o que tornaria a estrutura silábica da L2 semelhante à estrutura silábica predominante na L1 (a língua portuguesa), e o terceiro fenômeno refere-se à possibilidade de ensurdecimento da oclusiva final.

Major (1987) qualifica a transferência de conhecimento a partir de dois princípios. O primeiro indica que nos estágios iniciais de aprendizagem da L2 a transferência ocorre com maior frequência do que nos estágios mais avançados e o segundo princípio apresenta o fato de os efeitos desenvolvimentais, conhecidos como processos universais, interagirem com a transferência cross-lingüística.

Major desenvolveu um modelo chamado *Ontogeny Phylogeny Model* (OPM), que estabelece que no processo de aquisição de L2 a relação básica entre L1 e L2 no desenvolvimento de qualquer IL é que, conforme L2 se desenvolve gradualmente, a influência da L1 também diminui gradualmente enquanto o efeito dos universais lingüísticos primeiramente aumenta e depois diminui. Isto implica assumir que a cronologia é relevante para a inter-relação entre L1 e L2. Outros fatores incorporados pelo modelo, além da cronologia mencionada anteriormente, são a similaridade entre L1 e L2 e a marca. Quanto à similaridade, L1 é relativamente mais importante quando comparada com os universais, ou seja, a transferência persiste. Por outro lado, no que se refere à marca, os universais lingüísticos são relativamente mais importantes que L1. O modelo também indica que os mesmos princípios governam aquisição de mais de uma língua estrangeira, de aquisição

monolíngüe e bilíngüe, e perda de L1.

## **2.4 Modelo de Aprendizagem da Fala**

A proposta de Flege (1995), apresentada através do *Speech Learning Model* (SLM), estabelece que L1 e L2 interagem através das categorias fonéticas estabelecidas por alofones de vogais e consoantes. Assim, o sotaque perceptível na produção oral da LE, que pode ser identificado, por exemplo, pela ocorrência de epêntese, vem a ser consequência indireta do prévio desenvolvimento fonético, e não o resultado da perda da habilidade de aprendizagem da fala; para SLM, a habilidade de aprender a falar permanece intacta durante todo o período de vida.

Para SLM, um aluno de L2 perceberá a diferença fonética entre um som da L2 e um som parecido, mas não idêntico ao da L1, conforme: a) o estado de desenvolvimento do sistema fonológico da L1 no momento em que a aprendizagem da L2 se inicia (que normalmente é classificado conforme a idade de chegada do indivíduo a um ambiente de fala da L2) e b) a quantidade de experiência em L2 (normalmente relacionada ao tempo de residência em um ambiente onde a predominância seja a L2). Por hipótese, conforme aumenta a idade do aluno de L2 sua facilidade para perceber as diferenças entre os sons da L2 e aqueles que são parecidos com os da L1 tende a diminuir, bem como a facilidade para perceber a natureza dos aspectos que são usados para distinguir contrastes fonológicos na L2.

## 2.5 A Interferência da Idade Sobre a Produção Oral em L2

A interferência da idade sobre a produção oral em L2 nos leva a mencionar as possíveis diferenças biológicas sugeridas pelo *Critical Period Hypothesis* (CPH) que estabelece a existência de um período no desenvolvimento humano em que o cérebro está predisposto à aprendizagem, tornando-a mais bem sucedida quando sua ocorrência coincide com tal período. Originalmente formulada por Penfield e Roberts (1959) e Lenneberg (1967) *apud* Celce-Murcia, Brinton e Goodwin (1987), a pesquisa que suporta tal teoria indica que após o período crítico ocorre a lateralização do cérebro, o que implica considerar o período crítico como período da vida biologicamente determinado, durante o qual existe máxima condição para aquisição da língua.

De acordo com esta interpretação, a aprendizagem da linguagem que ocorre após o final do período crítico não pode ser baseada sobre as estruturas biológicas inatas que se acredita que contribuem com a aquisição de primeira língua ou com a aquisição da língua estrangeira. Alguns pesquisadores defendem a idéia de que o período crítico termina próximo à puberdade, no entanto, outros sugerem que pode ser encerrado ainda antes disso.

Krashen e Terrell (1982), ao discorrerem sobre a Abordagem Natural, também tratam da diferença de idade para aquisição de L2 como sendo um dos fatores que influenciam a aquisição; determinam que o período da puberdade pode ser decisivo para o sucesso na aquisição da L2; relacionam este período com o que chamam de filtro afetivo, sugerindo que este aumenta consideravelmente no referido período. Ou seja, enquanto variáveis afetivas têm efeito sobre a aquisição antes da puberdade, elas não parecem ser fortes o suficiente para limitar a produção durante o período da infância, o que leva as crianças a

uma quantidade tal de exposição que lhes permite atingir nível de competência similar ao de falantes nativos.

### **2.5.1 Evidências Favoráveis à Hipótese do Período Crítico**

Um estudo realizado por Patkowski (1980) *apud* Lightbown e Spada (2003), analisou o efeito da idade sobre a aquisição de outros aspectos da L2 que não apenas o sotaque. Foram examinados 67 imigrantes estabelecidos nos Estados Unidos, que haviam iniciado os estudos em L2 em idades diferentes, mas todos haviam morado nos Estados Unidos por mais de 5 anos. Comparados à fala de 15 Americanos nativos os imigrantes foram analisados a partir do questionamento: “Há diferença entre alunos que começaram a aprender inglês antes da puberdade e alunos que começaram depois?”.

Dos 33 sujeitos que tinham começado aprender inglês antes dos 15 anos, 32 foram avaliados com pontuação entre 4<sup>+</sup> e 5 (considerando pontuação mínima 0 e máxima 5), o que mostra como certo o sucesso na aprendizagem coincidente com o período da puberdade. Por outro lado, a maioria dos sujeitos cuja aprendizagem se deu após a puberdade obteve pontuação 3+, o que vem a indicar uma diferença significativa de aprendizagem entre um grupo e outro: equivale a dizer, em porcentagem, que os alunos que aprenderam inglês após a puberdade atingiram aproveitamento pouco maior que 60%, enquanto que a variação entre os que aprenderam antes dos 15 foi de 90 a 100% de aproveitamento.

Certamente a idade de aquisição de L2 não pode ser considerada isoladamente como um fator determinante, muitos outros são os fatores que determinam o sucesso ou o fracasso do aluno na tarefa de falar fluentemente uma L2, mas as evidências

apresentadas através da pesquisa respondem à pergunta inicial de maneira afirmativa:

“Sim, há diferença entre alunos que começaram aprender inglês antes da puberdade e alunos que começaram a estudar inglês depois da puberdade.”

Sobre a habilidade de alunos adultos de produzir sons novos e sons parecidos com os da sua língua materna, Flege (1986) mostra que a fala humana não se torna imutável nem se cristaliza em algum ponto no desenvolvimento do indivíduo nem com sua maturidade. Sugere que adultos mantêm a capacidade de aprendizagem de novos sons em L2, e de modificar sua produção de sons da L1. No entanto, reconhece que há importante diferença entre crianças e adultos mais velhos aprendendo L2. Adultos já desenvolveram representação fonética para sons da L1 quando aprendem L2. Parecem interpretar os sons de L2 conforme categorias estabelecidas durante a aquisição da L1.

Este processo é chamado de classificação por equivalência e indica que os sons da L1 influenciam os sons da L2. Tal mecanismo é considerado como não favorável durante o processo de aprendizagem, já que parece estabelecer produção pouco autêntica da L2. Na verdade, a classificação por equivalência pode ser uma das causas do sotaque persistente de muitos alunos adultos.

### **2.5.2 Evidências Contrárias à Hipótese do Período Crítico**

Flege e Hillenbrand (1987) mostram a produção de alunos adultos nativos e não-nativos, das sílabas do francês /tu/ e /ty/. Os resultados mostram que os adultos conseguem produzir novos sons em L2 com mais acuidade do que sons da L2 que têm um

equivalente na L1; ou seja, os sons novos são mais bem pronunciados do que os que são parecidos; o que capacita alunos adultos de L2 para produzirem sons da L2 com acuidade. Estes dados indicam que alunos adultos nem sempre produzem palavras da L2 com sons da L1, o que equivale a assumir que sons existentes podem ser modificados e novos podem ser estabelecidos.

Conforme Flege (1997), os defensores da CPH não conseguem identificar qual ou quais aspectos permitem às crianças aprenderem a pronunciar sua L1 com acuidade e que parecem ser reduzidos ou até mesmo perdidos após o período crítico. Outra questão levantada por Flege (op. cit), quanto à validade da CPH é a evidência de que pelo menos alguns indivíduos altamente motivados que começam a aprender L2 após o suposto período crítico, conseguem atingir boa pronúncia. No entanto, o grande e maior problema com relação à CPH é o fato de não poder ser testada diretamente; isto porque muitos fatores que podem influenciar a aprendizagem da fala são inevitavelmente confundidos com idade cronológica, que serve de parâmetro para a maturidade neurofuncional. Esta maturidade, por sua vez, é vista como a responsável pela redução na habilidade de aprendizagem da fala.

Uma nova hipótese foi testada por Flege et al. (1996) *apud* Flege (1997), e oferece uma alternativa para CPH; trata-se da “hipótese da interação”. Esta hipótese assume que as duas línguas faladas por um indivíduo necessariamente influenciam uma a outra. Sob esse ponto de vista, os “erros” que se pode perceber na fala de indivíduos altamente proficientes de uma L2 podem não ser a evidência de uma falha na aprendizagem. A hipótese da interação prevê que a perda da L1 ou seu pouco uso fará com que o grau de sotaque perceptível em L2 possa ser reduzido. Ou seja, quanto menos L1 é usada, menor será sua influência sobre a pronúncia da L2.

Para testar a hipótese Flege et al. (1996) *apud* Flege (1997) realizam uma pesquisa com dois grupos de italianos e um grupo de ingleses. Todos os italianos haviam chegado ao Canadá, vindos da Itália com cerca de cinco anos de idade, quando então aprenderam a língua inglesa. A diferença entre eles é que um grupo foi formado por italianos que usavam pouco sua L1, e o outro grupo foi formado por italianos que usavam bastante a L1, apesar de falarem a língua inglesa por mais de trinta anos.

O resultado da pesquisa mostra que ambos os grupos apresentaram quantidade significativa de sotaque na fala da L2, apesar de todos terem iniciado o processo de aprendizagem enquanto crianças. Porém, o grupo dos italianos que usavam bastante sua L1 apresentou sotaque significativamente mais forte que o outro grupo, o dos italianos que informaram pouco uso da L1. A diferença na produção oral a partir da quantidade de uso da L1 não poderia ser prevista pela CPH, que atribui o sotaque a aspectos da maturidade neurológica.

Hoje, o período crítico é tido como pouco consistente diante da grande quantidade de adultos que alcançam pronúncia como de nativos em L2. A condição estabelecida pelo período crítico vem sendo contra-argumentada através da proposta feita por cientistas cognitivos que trata da existência de um número de períodos sensíveis, durante os quais vários aspectos da aquisição da língua ocorrem, conforme Celce-Murcia et al. (1987). Acredita-se que a hipótese de “atrofiamento” do cérebro ou a incapacidade de produzir novos sons é errônea, uma vez que o cérebro contém flexibilidade ou “plasticidade” por toda sua vida. Flege et al. (1995) iniciam seu modelo *Speech Learning Model* com a hipótese de que a habilidade de um indivíduo de aprender a falar não termina após o período crítico, que fundamenta CPH.

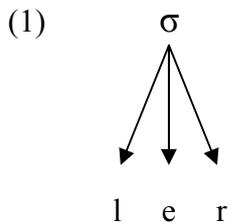
Por outro lado, é ponto comum e aceitável entre os pesquisadores o fato de que alunos adultos adquirem o sistema fonológico da L2 de maneira diferente da aquisição da L1, uma vez que a aquisição de novos sons em L2 deve ser integrada ao sistema já existente, o da L1.

## 2.6 A Estrutura Silábica

Um dos fatores influenciadores da produção da vogal epentética é a transferência de conhecimento lingüístico da L1 para a L2, podendo ocorrer em função da diferença existente entre a estrutura silábica de uma e outra. Então, analisar a estrutura silábica das duas línguas é tarefa relevante para o desenvolvimento desta pesquisa. Os itens que seguem tratarão de conceituar sílaba, apresentar a estrutura silábica da língua portuguesa e em seguida, da língua inglesa.

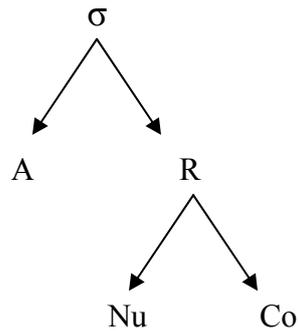
### 2.6.1 O que é uma Sílaba

A noção de sílaba não é nova em fonologia; porém, apenas nos anos 70 a partir de trabalhos como Hooper (1976) e Kahn (1976), a sílaba passou a ser gradativamente aceita como unidade fonológica. Duas teorias básicas sobre a estrutura interna da sílaba devem ser consideradas: uma, formulada em Kahn (1976), é inspirada na notação autosegmental, que estabelece camadas independentes, uma das quais representa as sílabas (indicadas pela letra grega  $\sigma$ ) às quais os segmentos são ligados.



A outra teoria vê as sílabas como em estruturas, conforme Selkirk (1982), a partir de propostas apresentadas por Pike e Pike (1947) e Fudge (1969), como em (2).

(2)



Em (2) uma sílaba consiste em um ataque (A) e em uma rima (R), que é formada por um núcleo (Nu) e uma coda (Co). Nesta representação, qualquer das categorias pode ser vazia, com exceção de Nu.

De acordo com Collischonn (1999), as línguas diferem quanto ao número de segmentos permitido em cada constituinte silábico; podendo haver línguas com unicamente um segmento no ataque e outro na rima; outras cujo ataque apresenta um segmento e a rima apresenta dois; outras com dois segmentos no ataque, um no núcleo e até três segmentos na coda.

De acordo com a concepção de Giegerich (1992), os diversos falantes de uma língua qualquer conseguem facilmente perceber quantas sílabas uma palavra tem, evidenciando que apenas uma pequena minoria das pessoas acharia difícil identificar a quantidade de sílabas de uma palavra, o que não quer dizer que os mesmos falantes consigam com a mesma facilidade definir o que é uma sílaba. Ou seja, parece ser relativamente fácil contar a quantidade de sílabas em uma palavra, identificar então, onde uma sílaba termina e onde outra começa; no entanto, identificar o início e final de uma sílaba quando o encontro consonantal é no início da palavra já se torna mais fácil, como é o caso de “prata” ou “cloro”; a dificuldade maior está em identificar as sílabas quando o encontro consonantal se dá no

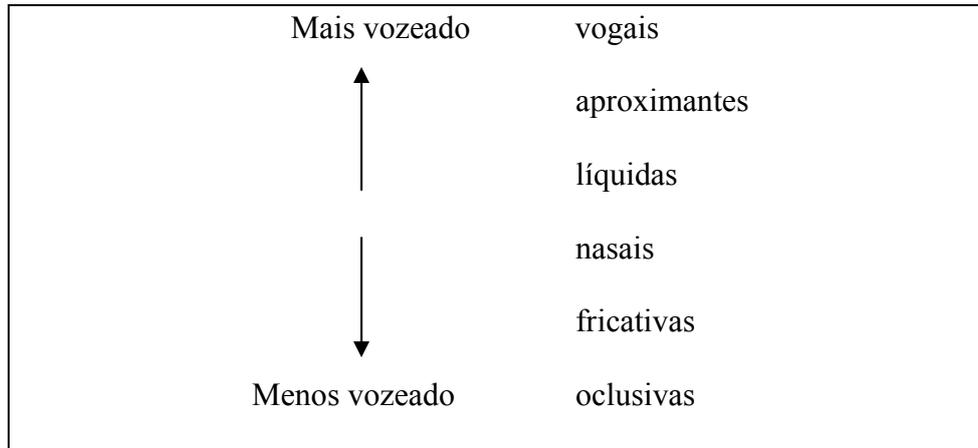
meio da palavra.

Em contrapartida, dar a definição de uma sílaba sob aspectos fonológicos e fonéticos parece ser bastante difícil. Gussmann (2002, p. 91) afirma que a noção tradicional de silabificação, ou seja, a divisão de uma palavra em pequenos segmentos precisa ser revisada. No passado isso era um procedimento mecânico relativamente simples onde cada segmento era atribuído a uma unidade silábica, e nada era deixado de lado; quando, na verdade, a silabificação é uma operação que envolve a estrutura silábica da língua mais do que apenas seqüências de segmentos de palavras transcritas foneticamente.

A silabificação é vista a partir de duas abordagens: a de regras da estrutura silábica e a de condições. A primeira prevê o uso de regras para formação do núcleo, do ataque e da coda; todas são ordenadas entre si, criando primeiramente o núcleo, depois o ataque e então a coda. A segunda abordagem é a de condições, que podem ser universais, ou seja, são as mesmas para todas as línguas, ou paramétricas, que prevêem várias possibilidades, cabendo a cada língua a sua escolha.

Uma condição universal de boa formação de uma sílaba é a seqüência de sonoridade, que tem papel importante na estrutura silábica por permite correlacionar a sonoridade de um segmento com a posição ocupada por ele na sílaba. Equivale a dizer que o elemento mais vozeado sempre ocupará o núcleo da sílaba, cabendo ao ataque e a coda, os elementos menos vozeados. Em se tratando de seqüência de elementos dentro do ataque ou da coda, devem apresentar sonoridade crescente em direção ao núcleo. Os elementos da sílaba são classificados quanto à sonoridade conforme uma escala que estabelece a seguinte seqüência:

(3)



GIEGERICH, Heinz J. (1992, p. 133)

Gussmann (2002), tratando da definição da sílaba, apresenta exemplos onde a sílaba se constitui exclusivamente de vogal, como em *err* [ɜ:], ou *oar* e *awe* [ɔ:], o que sugere ser a vogal o núcleo da sílaba, portanto elemento indispensável para a construção silábica. Em exemplos como *bay* [beɪ] ou *low* [ləʊ], vê-se a presença de um som consonantal precedendo o núcleo, ocupando a posição e função de ataque da sílaba.

Assim, as sílabas abertas – tradicionalmente conhecidas por apresentarem som final vocálico – constituem-se de um núcleo vocálico precedido de um ataque consonantal opcional; que em algumas palavras pode ou não existir. O ataque é um componente da estrutura silábica das palavras que pode ter conteúdo melódico, como é o caso de *bay* [beɪ], que tem ataque representado por [b]; e pode até mesmo não apresentar conteúdo algum que pudesse ser representado no esqueleto da sílaba, como acontece em *err* [ɜ:].

Para Gussmann o ataque da sílaba pode ser classificado de três formas diferentes: vazio – quando não apresenta composição fonética, como em [ɔ:]; não ramificado – quando apresenta apenas um som antecedendo o núcleo da sílaba, como em [beɪ]; e

ramificado – quando apresenta mais de uma posição precedendo o núcleo da sílaba, como em [pleɪ]. Assim, as três formas usadas para classificar o ataque das sílabas, conforme Gussmann (2002), podem ser representadas da seguinte maneira:

(4)

<b>Ataque Vazio</b>		<b>Ataque não Ramificado</b>		<b>Ataque Ramificado</b>	
<u>Ataque</u>	<u>Núcleo</u>	<u>Ataque</u>	<u>Núcleo</u>	<u>Ataque</u>	<u>Núcleo</u>
↓	↓	↓	↓	↓	↓
∅	ɔ:	b	er	pl	er

Estes exemplos representam uma seqüência de ataque seguido de um núcleo. O ataque é um elemento opcional, pode ou não estar anexado ao núcleo; no entanto, o núcleo é uma parte obrigatória da sílaba, deve ter sempre uma representação.

### 2.6.2 Sílabas Abertas – Preferência na Maioria das Línguas

Estudos realizados sobre universais lingüísticos e tipologia lingüística são relevantes para a pesquisa que pretende investigar a pronúncia em L2. Entre estes estudos, alguns permitem entender a freqüência lingüística de sons, a naturalidade de regras fonológicas e preferências por certos tipos de estrutura silábica.

Em se tratando de estrutura silábica, Jakobson (1962) atribui à sílaba consoante + vogal (CV) a condição de ser a primeira construção silábica produzida pelo ser humano. Jakobson exemplifica esse fato através da seqüência de sons /ma/ ou /mama/, que

em várias línguas correspondem à palavra “mãe”. Entre elas “*mamma*”, em italiano; “*mamá*” em espanhol, “*mama*” em gíria da língua inglesa; “*ma*” em chinês mandarim, que por sua vez não tem origem associada com nenhuma das línguas mencionadas acima.

Carlisle, (1994) discute estudo feito com alunos cuja língua materna é o espanhol, que estão aprendendo inglês, e vê na estrutura silábica um atributo para a ocorrência de epêntese.

O autor classifica as sílabas CV como sendo menos marcadas universalmente, o que implica atribuir-lhe uma condição de sílaba de mais fácil assimilação pelos alunos. Esta estrutura é encontrada em todas as línguas, e ainda é capaz de compor a única representação silábica de alguns idiomas. No tocante à língua portuguesa, pode-se dizer que CV é a estrutura silábica predominante.

Ao investigar a influência da L1 sobre a pronúncia na L2, nos deparamos com erros de pronúncia que variam desde o efeito da forma escrita e o ensurdecimento de consoantes finais até a aparição da vogal epentética, formando assim uma nova sílaba na palavra.

Em Eckman (1981), a produção oral da palavra *pig* por cantoneses permite perceber o recurso de ensurdecimento de /g/, tornando-o em /k/ uma vez que a língua em questão não apresenta plosivas vozeadas em ambiente final de palavras. Isto faz com que ao usar a L2, os falantes de cantonês produzam apenas plosivas não-vozeadas em posição final, pelo menos em estágios iniciais de aprendizagem da língua inglesa enquanto L2.

Outro erro de pronúncia poderia ser percebido na produção de *pig*. Em função de a língua japonesa ser uma das muitas que apresentam poucas consoantes na coda da sílaba, é natural que um japonês estudante da língua inglesa realize [pigi] para *pig*. Esta ocorrência da vogal epentética, adição de uma vogal, parece relacionar-se com a preferência tipológica da língua japonesa para sílabas abertas, ou seja, sílabas que não terminam em sons consonantais. Na verdade, este comportamento do aluno reflete uma possível influência da estrutura silábica da L1 sobre a L2.

De acordo com Eckman a preferência de falantes japoneses por sílabas abertas surge da influência da L1, sendo possível que esta preferência esteja relacionada com universais lingüísticos. Tarone (1980) apud Carlisle (1994), comparou os erros de pronúncia na língua inglesa por falantes de cantonês, português e coreano e descobriu que alguns erros poderiam ser atribuídos a transferência lingüística, outros não. Muitos dos erros, de acordo com Tarone, sugerem uma preferência universal por sílabas abertas do tipo CV (consoante + vogal); assim, os erros apresentados na pesquisa de Tarone, passam a ser erros entendidos como aqueles que falantes de todas as línguas podem estar predispostos a cometer, usando sílabas CV em uma segunda língua.

### **2.6.3 A Estrutura Silábica da Língua Portuguesa**

Este item apresenta conceitos básicos sobre a estrutura silábica do português; cabe ressaltar que se trata do português falado por brasileiros, já que não se sabe se os fenômenos encontrados na fala de alunos brasileiros ao aprender a língua inglesa seriam os mesmos encontrados na fala do português por europeus, por exemplo.

A estrutura silábica do português brasileiro difere da encontrada na língua inglesa não apenas em número de elementos, mas também em termos de seqüência destes elementos. Na língua portuguesa não encontramos oclusivas em posição final de sílaba, como ocorre na língua inglesa e em outros idiomas.

Mattoso Câmara Jr. (1969) vê a estrutura da língua portuguesa como sendo formada por um aclave, um ápice e um declive; sendo que o primeiro – aclave – é constituído por uma ou duas consoantes, o segundo – ápice - é constituído por uma vogal e o terceiro – declive – é constituído por uma das seguintes consoantes /s/, /r/ e /l/ - já em desuso - ou pelas semivogais /j, w/. É possível também observar a presença de uma consoante nasal no declive, já que as vogais nasais são fonologicamente “vogal fechada por consoante nasal”, segundo Câmara Jr.

Apesar de não haver acordo entre os autores quanto ao número máximo de elementos que uma sílaba pode ter, é possível deduzir um molde silábico para a língua portuguesa a partir da análise de Mattoso Câmara Jr.

(5)

V	<u>é</u>
VC	<u>ar</u>
VCC	<u>instante</u>
CV	<u>cá</u>
CVC	<u>lar</u>
CVCC	<u>monstro</u>
CCV	<u>tri</u>
CCVC	<u>três</u>
CCVCC	<u>transporte</u>
VV	<u>aula</u>
CVV	<u>lei</u>
CCVV	<u>grau</u>
CCVVC	<u>claustro</u>

Gisela Collischonn, (1999, p. 107 )

Cristóforo Silva (2003) apresenta a possibilidade de se encontrar o arquifonema /S/ em posição pós-vocálica em palavras como “pasta” que, conforme o dialeto do falante pode ser transcrita foneticamente como [pastə] ou [paʃtə], mas indica que a transcrição fonêmica de tal palavra será idêntica para qualquer dialeto: /paSta/. O mesmo acontece com “paz” que pode ocorrer foneticamente como [pas] ou [paʃ], e que fonemicamente terá sempre a seguinte transcrição: /paS/. Então, o arquifonema deve ser usado exclusivamente na transcrição fonêmica em contextos onde a neutralização ocorre, ou seja, posição final de sílaba.

O outro arquifonema indicado como possível para posição final de sílaba é /R/, que pode ocorrer em palavras como “parto” que em Belo Horizonte pode ser transcrita foneticamente como [pahtʊ] e em São Paulo como [partʊ]. É o mesmo que se vê com a forma “par”, que também pode ter transcrições fonéticas distintas conforme o dialeto: [pah] em Belo Horizonte e [par] em São Paulo.

Outra possibilidade de uma consoante ocupar a posição final de uma sílaba da língua portuguesa é o arquifonema /N/, que conforme Cristóvão Silva (2003) surge em tal posição quando combinado com vogais orais, como em “sim” [sɪj]. No entanto, essa análise de Mattoso Câmara Jr. que argumenta que as vogais nasais do português consistem da combinação de uma vogal oral com o arquifonema nasal /N/ parece não resistir à constatação fonética de que em português a ocorrência de consoantes nasais posvocálicas não prevalecerem, já que não se ouve a produção [kampo] para “campo” ou [sin] para “sim”. O que se percebe na fala é a presença de um elemento nasal que ocorre após vogais nasais: [kã<sup>m</sup>pʊ] e [sĩ<sup>n</sup>].

#### 2.6.4 A Estrutura Silábica da Língua Inglesa

Quanto ao núcleo silábico, a língua inglesa permite um núcleo silábico que não vocálico, como em *brittle* [brɪtl] ou em *button* [bʌtn], onde há apenas uma vogal, mas a lateral final e a nasal são vistas como silábicas. Consoantes silábicas, então, respaldam a decisão de apresentar um nível adicional de representação além do esqueleto e da melodia; um nível formado pela seqüência de um ataque e uma consoante “*vowel-like*”.

Uma vez sendo possível encontrar número diferente de segmento em cada

constituente silábico, conforme mencionado no item 2.5.1, Collischonn (1999) *apud* Bisol (1999) apresenta um molde silábico de Hogg e McCully (1987) *apud* Bisol (1999) para indicar uma representação geral da estrutura silábica de uma língua. O molde em (6) refere-se aos padrões de sílabas da língua inglesa:

(6)

id	VC	I	VV	([aj])
bad	CVC	isle	VVC	([ajl])
bread	CCVC	bye	CVV	([baj])
band	CVCC	bide	CVVC	([bajd])
brand	CCVCC	bind	CVVCC	([bajnd])
		bride	CCVVC	([brajd])
		grind	CCVVCC	([grajnd])

(Hogg e McCully, 1987, p.35)

A partir deste molde pode-se constatar uma predominância das possibilidades de coda consonantal em relação à possibilidade de codas vocálicas, dentro da língua inglesa.

Conforme Jakobson e Halle (1956, p. 42), diferente da língua portuguesa, a língua inglesa apresenta oclusivas não-vozeadas e sonoras em posição final da sílaba, podendo ocorrer através de articulação bilabial [p, b] como em *cap-cab*; articulação dental-alveolar [t, d] como em *right-ride* e articulação velar [k, g] como em *back – bag*.

Quanto à aparição de consoantes finais há uma forte restrição quanto aos

sons que podem ocupar a posição de coda em uma sílaba. Gussmann destaca o caso das nasais, por exemplo, que podem aparecer em posição de coda final, mas têm que compartilhar o lugar de articulação com o ataque seguinte. O que parece surpreendente são as seqüências envolvendo consoantes oclusivas: as únicas que podem ocorrer sem restrição em posição de coda são [p, k], conforme Gussmann (2002).

Trata-se de uma alternativa de análise da estrutura da sílaba, que tem uma definição de coda diferente, não admitindo que final de palavra seja vista como coda. Considerando que a língua inglesa tem seis consoantes oclusivas /p, t, k, b, d, g/, a restrição da coda a apenas duas delas passa a ser uma informação marcante dentro da fonotaxe da língua inglesa. Não há nada que seja foneticamente impossível sobre combinar seqüências oclusivas, e a língua inglesa faz isso regularmente em *bugbear* [gb], *headgear* [dg], *robbed* [bd] *good-bye* [db], *outcast* [tk].

Segundo Gussmann (2002) este fato idiossincrático se torna ainda mais surpreendente quando se considera a posição de final de palavra, onde todas as plosivas podem aparecer como em *sack*, *rib*, *bud*, *big*. Na verdade, todas as plosivas aparecem em final de palavra sem restrições, do mesmo modo que elas aparecem em ataques.

Quanto à ocorrência de oclusivas em posição de coda, Gussmann (2002) estabelece algo que parece pouco comum: “*if word-final consonants were codas, we would need to say that phonotactically word-final codas are different objects from word-internal ones, a conclusion that is at odds with the very notion of a syllabic constituent.*” (p.96)

Gussmann (2002) trata também da pronúncia de consoantes finais antes de

palavras com som inicial vocálico, e do apagamento dessas consoantes antes de palavras com som inicial consonantal, ou quando a produção é isolada. É possível generalizar dizendo que uma consoante é apagada antes de uma outra consoante; que uma vogal é suprimida antes de outra vogal; e que uma consoante final é mantida quando em ambiente em que a palavra seguinte tem som vocálico.

### 2.6.5 Diferenças entre a Sílabas da Língua Portuguesa e da Língua Inglesa

Façamos então um paralelo entre a estrutura silábica da língua inglesa e da língua portuguesa; vamos nos deparar com elementos divergentes e a distribuição destes elementos também diferente, o que para alunos brasileiros alunos de língua inglesa pode ser relevante.

(7)

	<b>Língua Portuguesa</b>	<b>Língua Inglesa</b>
<b>Núcleo silábico</b>	Composto apenas por som vocálico.	Composto por sons vocálicos e também consonantais ( <i>vowel-like</i> ).
<b>Final de palavra</b>	Predominantemente vocálico, sílabas (CV) na maioria. Permitindo coda consonantal com fonemas /S/, /R/ e /N/ apenas.	Grande ocorrência de sílabas fechadas (CVC) através de coda oclusiva não-vozeada e vozeada.

Alunos cuja L1 não permita som final consonantal apresentam acentuada dificuldade para produção oral em L2 cuja ocorrência de som final consonantal seja amplamente permitida; a língua inglesa é uma língua que apresenta grande número de sons finais consonantais, entre eles as oclusivas / t / e / d / que são objeto de estudo desta pesquisa.

Isso implica considerar que, falantes de português ao aprender inglês se defrontarão com a dificuldade de produção oral das palavras onde a posição final da sílaba for ocupada por som consonantal. A *Markedness Differential Hypothesis* (MDH) prevê esta dificuldade, conforme Eckman (1977): “*the areas of difficulty that a language learner will have can be predicted on the basis of a systematic comparison of the grammar of the NL, the TL and the marked relations stated in universal grammar.*” (p. 197-198).

Mas não apenas a hipótese de marca de Eckman foi mencionada neste capítulo para abordar a produção oral da L2. Outras teorias, hipóteses e modelos são necessários para discutir ou fundamentar o assunto.

A dificuldade de produção das consoantes finais da língua inglesa por falantes do português brasileiro também pressupõe o processo de interlíngua estabelecido por Selinker (1972); também tem base na preferência das línguas naturais pelas sílabas abertas estabelecidas como universais. A idade de aprendizagem da L2 também foi discutida a partir de algumas pesquisas que são favoráveis e outras que são contrárias a CPH, incluindo o modelo de Major (1987) que estabelece uma relação entre a transferência de conhecimentos e a frequência de uso da L2, indicando que pode haver redução do sotaque conforme a quantidade de uso da L1.

O modelo de Flege et al. (1995) também foi focado neste capítulo por servir de fundamentação teórica para a grande maioria das pesquisas que tratam da produção oral da L2. Algumas dessas pesquisas serão comentadas no capítulo a seguir, que apresenta uma descrição de alguns estudos a partir de duas metodologias diferentes para a coleta dos dados: a leitura de sentenças, e a fala espontânea dos informantes.

## CAPÍTULO 3

### PESQUISAS ANTERIORES

Esta pesquisa pretende verificar a ocorrência de epêntese na produção oral das oclusivas [t, d] em final de sílaba por alunos brasileiros, alunos de língua inglesa. Alguns estudos já foram realizados com este mesmo objetivo; e inúmeras outras pesquisas abordam a produção oral sob outros pontos de vista, não necessariamente a ocorrência de epêntese. No entanto, o que a maioria delas tem em comum é a metodologia; não importa se o foco é a ocorrência de epêntese ou qualquer outro aspecto da produção oral da L2, grande parte dos estudos utiliza a fala espontânea dos informantes para gravação e posterior análise; e outra proporção se faz através da coleta a partir de leitura de frases estrategicamente elaboradas. Este capítulo pretende resgatar algumas pesquisas realizadas anteriormente, ressaltando a metodologia e os resultados atingidos, não importando se as pesquisas abordam epêntese ou se outros quaisquer itens que caracterizam a produção oral da L2.

#### **3.1 Pesquisas a Partir da Fala Espontânea dos Informantes**

Abrahamson (1997) investigou a vogal epentética de encontros consonantais iniciais na fala de informantes espanhóis enquanto alunos de língua inglesa. Ao final da pesquisa, entre outras descobertas o autor sugere que não há regras para epêntese na língua espanhola; que o par léxico-fonológico de /esC(C)/ é usado no processo de adaptação, como um empréstimo, e assim a palavra nova entra para o léxico com a presença da vogal; como se o falante precisasse da vogal /e/ ou qualquer outra vogal para superar as dificuldades

articulatórias que aquele encontro consonantal oferece. Para proceder a pesquisa Abrahamson (1997) coletou os dados a partir da gravação de nove horas e meia de fala de um informante boliviano. Este informante era aluno iniciante de sueco, morando em Estocolmo; a gravação se deu a partir da fala natural, quando um ou dois nativos suecos o entrevistaram fazendo perguntas sobre artigos de jornal, eventos mundiais, questões políticas e assuntos do dia-a-dia.

Ao analisar a gravação o pesquisador detectou a presença de epêntese em aproximadamente 60% dos casos; analisou também a qualidade do ambiente que precedeu a epêntese, e a qualidade do encontro consonantal. Tal análise indicou influência do ambiente precedente sobre a ocorrência de epêntese pelos informantes.

O estudo de Sato (1984) é outro que trata da fala espontânea de duas crianças vietnamitas, que já haviam passado pelo período de aquisição da língua materna; os dados foram coletados durante período de 10 meses. Ela escolheu vietnamitas porque 81% das sílabas daquela língua são fechadas. Ela percebeu que de 489 codas de dois membros, 363 foram reduzidos – um membro foi apagado; 61 foram totalmente apagados; e 12% das sílabas com coda de dois membros foram pronunciados como sílaba aberta CV, ou seja, houve a inclusão da vogal epentética.

O estudo de Benson (1988) com dois vietnamitas adultos cujos dados foram coletados também através de fala espontânea / informal, investigou palavras monossilábicas: sílabas abertas e sílabas fechadas terminadas em [p, t, k, m, n, ŋ], já que a L1 dos informantes apresenta sílabas fechadas que têm aqueles sons em posição de coda final. Três tipos de erros foram examinados:

- Acréscimo de consoante após vogal final;
- Acréscimo de vogal epentética após consoante final;
- Apagamento de consoante final.

Entre estes três tipos de erro dois deles podem ser considerados como ausentes na interlíngua dos dois informantes: a inserção de consoante final, já que ocorreu uma única vez, e epêntese não ocorreu nenhuma vez. Das 537 sílabas fechadas apresentadas, 92 foram modificadas através do apagamento, o que equivale a aproximadamente 17% das sílabas fechadas produzidas pelos informantes. Destes 92 apagamentos, apenas 11 – correspondente a cerca de 11,95% - não puderam ser atribuídos a transferência.

Tarone (1980) transcreveu a narrativa em inglês de dois coreanos, dois cantoneses, dois portugueses e chegou aos seguintes resultados:

- Os informantes modificaram 20% da produção através de epêntese, apagamento ou acréscimo de glotal;
- Apesar das modificações poderem ser atribuídas à transferência da LM, 30 não podiam e foram interpretadas como preferência pela sílaba aberta (CV).

Este estudo indica também que ao modificar consoantes finais os coreanos preferem apagamento, os portugueses preferem epêntese e os cantoneses usam as duas estratégias em proporções iguais. Este comportamento diferente apresentado por cada um dos informantes parece condizer com a condição de falantes de línguas distintas, com estruturas fônicas também distintas.

Eckman et al. (1994) entrevistaram seis sujeitos, sendo dois japoneses, dois coreanos e dois cantoneses estudantes de inglês como segunda língua, matriculados em um programa intensivo na Universidade de Wisconsin-Milwaukee. A coleta dos dados também foi realizada através da fala espontânea quando os informantes participaram de pelo menos oito conversas casuais com duração de cinco a dez minutos cada. As conversas foram pré-determinadas para discorrerem sobre aspectos pessoais da vida de cada um dos sujeitos, que expressaram opinião ou recontaram algum acontecimento. O foco da pesquisa foram as codas consonantais durante o processo de interlíngua ao aprender inglês, enfatizando as dificuldades de pronúncia dos informantes.

Permanecem, no entanto, alguns questionamentos sobre a coleta de dados a partir da fala espontânea dos informantes: a) como é possível aos pesquisadores generalizar a ocorrência de epêntese sendo que os dados não podem ser controlados, uma vez que a coleta ocorreu a partir da fala espontânea dos informantes; a qual não garante que o indivíduo produza as mesmas palavras nos mesmos ambientes; b) como conseguir detectar a qualidade do encontro consonantal com facilidade sem fazer uso da análise acústica, conforme procedeu Abrahamson (1997).

A fala espontânea parece, portanto, ser um recurso útil por permitir liberdade de escolha das palavras pelos informantes, que produzem os sons com naturalidade. No entanto, parece também ser um recurso que não atende um aspecto empírico da pesquisa: a confirmação dos dados. Pensemos num fenômeno qualquer como foco da pesquisa; tal fenômeno poderia ocorrer durante o discurso de um informante, em um determinado momento da fala, em ambiente específico. Mas a fala espontânea não garante ao pesquisador que o informante lhe oferecerá este mesmo ambiente para que possa verificar a ocorrência ou

não do fenômeno novamente. Desta maneira o pesquisador não tem como definir se o foco da pesquisa foi percebido naquele ambiente específico por mera coincidência, ou se foi percebido naquele contexto por se tratar de uma regra aplicável ao assunto.

### **3.2 Pesquisas a Partir da Leitura dos Estímulos**

A leitura de sentenças estrategicamente elaboradas é uma metodologia comumente usada na coleta de dados. Várias pesquisas que tratam da produção oral da L2 fazem uso do recurso da leitura, como acontece em Weinberger (1987) que descobriu que a fala de quatro falantes de mandarim apresenta duas vezes mais epêntese do que apagamento durante leitura de lista de palavras. O recurso da leitura para coleta de dados vem a ser um estilo bastante formal e comumente escolhido por diversos autores por permitir que o *corpus* da pesquisa seja controlado, diferentemente da coleta de dados através da fala espontânea dos informantes. Através desta pesquisa Weinberger sinaliza para a possibilidade de o aluno preferir o apagamento à epêntese conforme aumenta sua proficiência. Isso porque o aluno passa a ter consciência do potencial de ambigüidade em L2 quando epêntese é produzida; assim, o aluno procura evitá-la para que não haja comprometimento da comunicação.

Estudo de Riney (1990), que investiga a produção silábica de 40 vietnamitas em quatro grupos definidos a partir da idade, mostra o uso de epêntese duas vezes maior do que a ocorrência do apagamento pelos informantes. Riney estabelece relação entre ocorrência de epêntese e a idade dos falantes no período da coleta dos dados. O estudo não indica a idade dos sujeitos quando da aprendizagem da L2, o que poderia representar posteriores discussões para a análise; mas trata apenas da idade dos alunos no período em que os dados foram coletados. Indica que quanto maior a idade do informante maior o número de epêntese:

- 5,6% dos informantes entre idade 10-12 anos produziram epêntese;
- 16,3% dos informantes entre idade 15-18 anos produziram epêntese;
- 20,4% dos informantes entre idade 20-25 anos produziram epêntese;
- 32,4% dos informantes entre idade 35-55 anos produziram epêntese.

Flege et al. (1995) examinaram a produção de inglês de nativos italianos que imigraram para Ottawa, Canadá, entre 2 e 23 anos de idade. Os 240 informantes estavam morando no Canadá por pelo menos 15 anos no período em que foram analisados e a maioria falava mais inglês do que italiano. As sentenças gravadas foram ouvidas por nativos falantes de inglês que tiveram a tarefa de identificar e classificar o sotaque dos informantes. Trata-se de mais uma pesquisa que aborda a idade dos informantes no período de aprendizagem da L2. Os resultados mostraram que quanto mais tarde os italianos se mudaram para o Canadá, maior a quantidade de sotaque na leitura das sentenças.

Carlisle (1992) faz uma re-análise de Carlisle (1988) que investigou a frequência de epêntese antes dos ataques /sl/, /sm/ e /sn/ prevendo que a vogal epentética ocorreria com menos frequência antes de ataque com consoante líquida do que antes de ataque com consoante nasal, uma vez que os primeiros são menos marcados do que os últimos, uma vez que as líquidas são mais “*vowel-like*” que as nasais, conforme quadro com escala de sonoridade do Capítulo 2, item 2.6.1. A coleta de dados foi feita a partir de uma lista de 435 frases ordenadas aleatoriamente, sendo 145 frases para cada um dos três ataques selecionados - /sl/, /sm/ e /sn/.

Outro estudo que pesquisa a ocorrência de epêntese foi realizado por Baptista e Silva Filho (1997). Os autores investigaram a influência de marcação na produção

da consoante final da língua inglesa e usaram dados coletados a partir da leitura de 432 frases – todas apresentaram palavras monossilábicas terminadas em sons consonantais - por seis alunos brasileiros, o que permitiu aos pesquisadores controlar os ambientes de ocorrência. Os resultados desta pesquisa apontaram a ocorrência de epêntese para simplificação da estrutura silábica da L2 como estratégia quase que exclusiva. Os alunos apresentaram apenas alguns poucos casos de apagamento, e excluindo as nasais, houve a omissão de apenas uma consoante na leitura das sentenças. De acordo com os pesquisadores este resultado coincide com o esperado, em função da experiência em sala de aula e corrobora estudos anteriores como de Tarone (1980).

Para levantamento dos resultados as palavras e contextos alvos foram transcritos e as ocorrências das epênteses foram tabuladas seguindo várias categorias. O que os autores não mencionam é a facilidade ou dificuldade que tiveram para identificar a ocorrência de epêntese, que parece não ser uma tarefa fácil mesmo quando a gravação é realizada em estúdio. Não se trata de dificuldade de percepção por conta da qualidade de som da gravação, mas da dúvida ao decidir se realmente ocorreu epêntese ou apenas mera aspiração/palatalização da consoante, por exemplo, o que só poderia ser captado via análise acústica. Tal dificuldade representa um aspecto da análise que parece ter sido negligenciado, não sendo mencionado nesta e nem mesmo em outras pesquisas.

Outro estudo feito com falantes de português (brasileiros) e espanhol (argentinos) é o apresentado por Rauber (2002) e se assemelha à metodologia adotada por Carlisle (1992) e Rebello (1997), que permitiu o uso de algumas sentenças usadas em sua pesquisa. Os participantes leram 180 sentenças organizadas em seqüência diferenciada, que apresentavam os clusters [sp, st, sk, sw, sm, sn, sl, spr, str, skr, spl, skw], e que foram

gravadas no laboratório de suas universidades. Conforme os autores, a opção pela leitura se deu em função da necessidade de controlar os contextos fonológicos de ocorrência, garantindo assim que tais contextos fariam parte do *corpus* da pesquisa.

Os resultados mostram que tanto brasileiros como argentinos modificaram os encontros consonantais mais longos com mais frequência do que modificaram os encontros consonantais mais curtos; além disso, ambos inseriram epêntese com mais frequência antes de encontros consonantais que violam a hierarquia de sonoridade do que o fizeram diante de encontros consonantais que não violam a hierarquia, conforme quadro de escala de sonoridade (vogais, aproximantes, líquidas, nasais, fricativas, e oclusivas) apresentado no Capítulo 2, item 2.6.1. A diferença na produção de brasileiros e argentinos se deu quanto ao contexto fonológico de ocorrência da vogal epentética: os brasileiros produziram epêntese com maior frequência após vogal, seguida de consoantes e silêncio. Os informantes argentinos tiveram maior ocorrência de epêntese após consoante, seguido de vogal e silêncio. O mais importante é que esta distinção para os brasileiros é significativa, para os argentinos não.

Mesmo estudo mais recente como de Silveira (2004), que investiga o papel da instrução sobre a pronúncia da LE na aquisição de consoantes finais do inglês, por alunos brasileiros com nível básico de proficiência, também usam a leitura como procedimento para a coleta dos dados. Silveira desenvolve a pesquisa a partir da formação de dois grupos de alunos, onde um deles (10 alunos), chamado de grupo de controle, não recebe orientação, e o outro grupo (12 alunos), chamado de grupo experimental, foi orientado pela pesquisadora. Assim, um deles passou pelos estágios de pré-teste, orientação e pós-teste; enquanto o outro foi submetido apenas ao pré-teste e ao pós-teste. Os pré e pós-testes incluíram 78 frases, cada uma contendo uma consoante final. Para testar os efeitos da frequência das palavras sobre a

pronúncia dos informantes, um grupo de sentenças contendo uma frequência de palavras sem muito sentido foi incluído no pré e no pós-teste. As consoantes alvo foram testadas nos seguintes ambientes:

- V\_V (entre vogais – “*There is a nice clubover there.*”)
- V\_C (precedida de vogal e seguida de consoante – “*He goes to the cluboto dance.*”)
- V\_# (precedida de vogal e seguida de silêncio – “*I’m going to the clubo.”)*

Estes sons foram testados três vezes cada, com duas palavras diferentes, uma terminando em um grafema consonantal e outra terminando no mesmo grafema seguido de “e” não pronunciável.

Os resultados mostram efeito positivo das instruções sobre pronúncia na aquisição da consoante final. Porém, conforme a dificuldade de uso da fala espontânea em função do nível de proficiência dos alunos, o estudo limita-se a testar a leitura dos informantes. Assim, a sugestão da pesquisadora é que outras pesquisas fossem realizadas com informantes mais proficientes para que se pudesse obter amostras que permitam analisar os dados de maneira controlada, porém, mais natural, que não fosse através da leitura.

O que os pesquisadores concordam é que na maioria das modificações silábicas em LE o resultado é o aparecimento de sílabas abertas CV, por serem menos marcadas e naturais em todas as línguas.

Todos estes estudos permitiram controle dos ambientes de ocorrência,

porque usaram a leitura como forma de coleta dos dados, o que inquestionavelmente valoriza a pesquisa permitindo que os dados possam ser empiricamente comprovados; porém, não mencionam a influência que a forma escrita pode exercer sobre a produção dos informantes. Até que ponto se pode garantir que a ocorrência da epêntese não se deu em função da forma escrita? Odlin (1989) estabelece um contraste entre os sistemas da escrita na L1 e na L2, e atribui a este contraste uma outra parcela de influência sobre a produção da epêntese. Esta influência pode ser presente o suficiente para induzir o informante em pelo menos alguns dos casos indicados como casos de ocorrência.

Outro ponto importante é a naturalidade com que se consegue ler, de maneira que não se comprometa a qualidade dos dados coletados. Levanta-se aqui o questionamento: com que naturalidade esses informantes lêem as sentenças que são estrategicamente elaboradas e que muitas vezes parecem não ser sentenças comuns ou facilmente encontradas na fala natural? Caso não consigam ler naturalmente, o que é comum, a estranheza das sentenças pode ser uma determinante da epêntese, gerando a inclusão da vogal em contextos onde a fala natural não traria o mesmo resultado.

Um último ponto trazido para discussão quanto à análise dos dados é a dificuldade de identificar com nitidez e segurança a ocorrência de epêntese nos dados dos informantes. É curioso que nenhum dos estudos aponte para dificuldades na tarefa de identificação da vogal epentética através da simples audição humana. Tal dificuldade poderia naturalmente ocorrer uma vez que o acréscimo de vogal a consoantes finais pode se confundir à aspiração/palatalização de oclusivas não-vozeadas, ou duração maior das oclusivas vozeadas, não caracterizando necessariamente o acréscimo de uma outra sílaba. Essa confusão poderia tornar a tarefa de identificação um tanto quanto inconsistente ou até mesmo incerta.

Este parece ser um aspecto comum às pesquisas que tratam da produção oral: os investigadores não registram dúvidas quanto à identificação da epêntese. No caso desta pesquisa a identificação da vogal epentética não foi uma tarefa fácil; gerou, sim, bastante questionamento e demandou tempo de análise e re-análise dos dados.

## **CAPÍTULO 4**

### **PESQUISA ATUAL - METODOLOGIA**

A metodologia de uma pesquisa pode constituir-se de procedimentos tais que, combinados, ofereça ao trabalho consistência e sustentação. Algumas pesquisas podem ter como foco o mesmo conteúdo que outras e diferenciarem-se em termos de relevância, aplicabilidade e credibilidade a partir da metodologia adotada. Até mesmo os informantes poderiam ser os mesmos que os de outra pesquisa, como também o seu objeto, bem como a hipótese.

No entanto, o uso de uma metodologia diferenciada das aplicadas anteriormente em pesquisas parecidas ou distintas pode trazer ao conhecimento científico informações diferentes das já adquiridas, ou ainda confirmá-las, criando, assim, novas hipóteses, revalidando ou reforçando ou refutando teorias.

Esta pesquisa parte de uma hipótese nula ( $H_0$ ) na qual falantes de português brasileiro, alunos de inglês como L2, inserem uma vogal epentética em palavras monossilábicas (adjetivos) cujo som final é /t/ ou /d/, o que resulta numa sílaba do tipo CV para os casos em que o substantivo seguinte ao adjetivo, no sintagma alvo, tem uma consoante como primeiro som. A epêntese é condicionada pelo som seguinte, a depender de seu ponto, modo de articulação e sonoridade; podendo também ser induzida conforme a sonoridade da coda. A partir daí, a pesquisa propõe-se a desenvolver a análise de dados com

base em uma metodologia diferenciada.

Através das leituras feitas sobre o assunto, pode-se dizer que neste trabalho se aplicou uma metodologia ainda não vista em pesquisas que identificam a ocorrência de epêntese e seus ambientes. Trata-se de uma coleta de dados que diverge da comum e freqüente leitura de sentenças, que são elaboradas com prováveis ambientes que favorecem ocorrência de epêntese.

Grande parte das pesquisas realizadas anteriormente adotou o mesmo processo de leitura para gravação dos dados de falas, correndo o risco de ter a produção dos alunos alterada pela forma escrita, bem como podendo ocorrer o surgimento de epêntese meramente em função da elaboração das frases, já que algumas delas parecem ser pouco prováveis de se encontrar em contextos naturais de comunicação, e outras parecem não ter sentido algum, pelo menos não em sentenças comuns. Caracteriza-se também pela elicitación das falas a partir da apresentação de figuras pela pesquisadora. As figuras foram organizadas em três seqüências diferentes e, de acordo com estas seqüências, os dados foram gravados. Todos os critérios selecionados para a aplicação de tal metodologia são especificados nos itens deste capítulo.

#### **4.1 Da Escolha dos Informantes**

A pesquisa foi desenvolvida a partir da análise da fala de dez alunos brasileiros, estudantes de língua inglesa; com idade que varia entre 16 e 25 anos e todos foram avaliados como alunos que apresentam nível intermediário de proficiência na língua alvo. São alunos de língua inglesa residentes na região norte do estado do Paraná, que além da aprendizagem no ambiente de escola particular regular (ensino fundamental e médio),

também freqüentam aulas em escolas de idiomas e buscam aprimorar seus conhecimentos lingüísticos com participação efetiva nessas aulas.

A escolha de tais alunos deu-se a partir da indicação dos professores das escolas de idiomas, que os caracterizaram como capazes de boa comunicação em L2. Além das aulas, trata-se de alunos que frequentemente usam a língua inglesa em contato com intercambistas falantes de inglês; no entanto, nenhum deles viajou ou morou em qualquer país cuja língua materna seja a língua inglesa. Sabe-se, por intermédio de relato dos próprios informantes, que nenhum deles tem fluência em outra língua estrangeira.

#### **4.2 Da Coleta dos Dados**

Inicialmente realizou-se um experimento piloto com dois voluntários para coleta dos dados, que aconteceu em estúdio profissional de gravação de áudio, equipado de parede com revestimento de isolamento acústico, para que não houvesse interferência externa na qualidade da gravação, vindo a prejudicar a análise e desenvolvimento da pesquisa. Ambos responderam a quinze perguntas de caráter pessoal, que lhes permitiram uso natural da língua inglesa.

Este plano piloto teve como ponto de partida a metodologia usada na pesquisa de Abrahamson (1997), que investigou a fala de um espanhol aprendendo sueco. Em sua pesquisa Abrahamson usou dois entrevistadores suecos para gravar a fala do informante a partir de perguntas que discorriam sobre assuntos pessoais, do dia a dia, artigos de jornal, política, acontecimentos mundiais, e outros. A presente pesquisa aplicou um plano piloto com

perguntas de ordem pessoal feitas a dois voluntários, o que gerou gravação de aproximadamente 25 minutos de cada um deles.

Este piloto foi importante para que se pudesse tomar conhecimento de informações técnicas do processo de coleta dos dados, além de ter sido determinante na escolha da metodologia para essa coleta. Através deste piloto pôde-se constatar que a fala natural, ou seja, a liberdade dada aos informantes para uso de seu próprio vocabulário constituía-se em um complicador para a análise dos dados. Equivale a dizer que, naturalmente, cada um deles respondeu às perguntas usando de vocabulário e expressões pertinentes ao seu conhecimento lingüístico e à sua realidade pessoal.

Essa diversidade de vocábulos, combinada com uma diversidade de ambientes, não permitiu que se corroborassem os possíveis ambientes de ocorrência. Ou seja, epêntese que ocorreu entre coda constituída de oclusiva alveolar não-vozeada e oclusiva bilabial vozeada (*fat boy*) na fala de um dos informantes, por exemplo, não poderia ser entendida como relevante para a pesquisa por não ter sido constatada na fala do outro informante, uma vez que cada um respondia livremente a cada uma das perguntas, conforme suas experiências pessoais.

Esta metodologia para coleta dos dados não permitiu controlar os ambientes de ocorrência, portanto prosseguir com tal plano e aplica-lo não agregaria valor científico à pesquisa por torná-la inconsistente e até mesmo irrelevante. Então, a fala espontânea a partir das 20 perguntas foi abandonada por não permitir controle dos ambientes e não garantir que diferentes informantes produzissem contextos iguais para as possíveis ocorrências de epêntese, uma vez que não seria possível controlar as falas.

### 4.3 Da Escolha da Fala Direcionada

Abandonando o plano piloto inicial por entender que a pesquisa poderia ser prejudicada, foi necessário pensar numa outra metodologia para a coleta dos dados; uma metodologia que permitisse repetição dos ambientes de ocorrência para os diversos informantes. Para desenvolver uma pesquisa com validade científica, entre outros fatores, faz-se necessária uma metodologia que gere dados controláveis como mencionado anteriormente.

Assim, ao invés de gravar a fala a partir de perguntas, decidiu-se por pedir-lhes que, diante da exposição de figuras previamente selecionadas, realizassem a tarefa de descrevê-las sistematicamente através de uma sentença-veículo como “*I can see white pants.*” Dessa maneira todos estariam produzindo sentenças com palavras monossilábicas, seria possível garantir a combinação dos adjetivos e substantivos monossilábicos e os informantes não teriam como fugir da produção dos sons previamente selecionados.

Além disso, conforme Brown (2000) a exposição dos alunos à L2 através de pouca interação com textos escritos apresenta epêntese com menor frequência; o que permite uma análise com poucas possibilidades de influência sobre a fala dos informantes.

Assim, as falas coletadas puderam ser controladas, oferecendo maior riqueza e relevância à análise, uma vez que as figuras induziam os informantes a produzir os sons cujos ambientes de ocorrência se enquadram no grupo daqueles onde a epêntese pode ser esperada. Apesar de se tratar de uma fala direcionada, pôde-se manter a coleta dos dados de maneira mais livre, sem que o recurso da leitura fosse aplicado como nas metodologias de pesquisas anteriores.

#### 4.4 Da Escolha das Figuras

Uma vez decidida a metodologia para coleta do *corpus* (fala direcionada e não leitura), passou-se à eleição das figuras a serem utilizadas. Primeiramente escolheu-se combinar adjetivos e substantivos monossílabos comuns para que servissem de contexto previsto para a possível ocorrência de epêntese.

O próximo passo foi selecionar os sons finais dos adjetivos e os sons iniciais dos substantivos, ou seja, a combinação da coda e do ataque.

Não seria possível desenvolver a pesquisa sem que houvesse limitação na produção oral dos falantes; fez-se necessário restringir as falas através da escolha de alguns sons para as codas. Partindo deste princípio e entendendo que a língua inglesa permite a presença de todas as oclusivas não-vozeadas e vozeadas em codas, conforme Jakobson e Halle (1956; p. 42), e que esta característica não está presente na estrutura do léxico da língua portuguesa, optou-se por selecionar adjetivos cujos sons finais fossem oclusivos. A princípio pensou-se em todos os sons oclusivos / p, b, t, d, k, g /, por serem sons comuns em posição final de palavras em língua inglesa, e incomuns quando em posição final em português; porém tantos sons gerariam muitas combinações possíveis, e por consequência uma quantidade muito grande de dados para análise. Então, optou-se pelas oclusivas alveolares não-vozeada e vozeada / t, d / por terem ponto de articulação anterior na boca, nem frente como é o caso das bilabiais / p, b /, nem posterior como as velares / k, g /. Certamente que distinção da vogal epentética em ocorrência em /p/ ou /b/ seria mais fácil, porém sua ocorrência final em adjetivos é restrita ou inexistente.

Assim a fala dos alunos seria toda com base na produção oral de sons cujos

ambientes não são comuns a sua língua materna. Para a pesquisa esse é um dado relevante uma vez que se acredita que o conhecimento lingüístico estabelecido pela língua materna pode exercer influência sobre a produção da L2, conforme Odlin (1989). A partir da escolha dos sons consonantais oclusivos alveolares como posição final nos adjetivos, os informantes apresentaria sons da língua inglesa parecidos com os da língua portuguesa, porém, em ambientes não encontrados na língua materna dos alunos.

Outro critério importante para a seleção das figuras foi a opção por adjetivos monossilábicos, como “white”, “hot”, “fat”, “cute”, “red”, “blond”, “old”, “sad”, “wild” e “gold”. Não houve, no entanto, preocupação em selecionar adjetivos que fossem terminados apenas em “t” ou “te”, uma vez que este fato parece ser crucial apenas em metodologias onde os alunos procedem à leitura das frases. No caso desta pesquisa, apresentar ou não a letra “e” ao final dos adjetivos passa a ser irrelevante. Por isso pôde-se selecionar adjetivos como “white” e “cute” sem que a ortografia oferecesse riscos ao andamento da pesquisa.

Pretendendo que tais adjetivos, todos com coda oclusiva alveolar (/t/ e /d/), fossem sucedidos de grande variedade de ataques, selecionei figuras que permitissem a produção dos seguintes sons: / p, b, t, d, k, g, f, v, s, ʃ, l, r, m, n, j, w, e, eɪ, ʌ, æ, ɪə /. Na verdade, alguns ataques apresentaram-se através de encontros consonantais complexos, como é o caso de *truck* (*white truck*), *credit* (*gold credit*), *skirt* (*short skirt*), *statue* (*white statue*), *plane* (*red plane*), *blouse* (*red blouse*), *dress* (*red dress*); no entanto, esta informação não foi considerada para análise, prevalecendo consideração para apenas o som inicial do encontro consonantal dos substantivos, majoritariamente monossílabos. Decidiu-se por desconsiderar a junção dos sons consonantais entendendo-se que este dado seria irrelevante para a pesquisa. Então, foi possível a combinação de coda oclusiva alveolar (/ t/ e /d /) e vários ataques,

conforme lista abaixo.

**Alveolar não-vozeada /t/ combinada com diversos ataques.**

1. I can see white pants. / t p /
2. I can see a cute baby. / t b /
3. I can see a fat boy. / t b /
4. I can see white teeth. / t t /
5. I can see a white truck / t t /
6. I can see a fat dog. / t d /
7. I can see a white dog. / t d /
8. I can see a hot dog. / t d /
9. I can see a white cat. / t k /
10. I can see a white cup. / t k /
11. I can see a credit card / t k /
12. I can see a fat girl. / t g /
13. I can see a white face. / t f /
14. I can see a white phone. / t f /
15. I can see a white vase. / t v /
16. I can see a short/white skirt. / t sk /
17. I can see a white sofa. / t s /
18. I can see a white statue. / t st /
19. I can see white socks. / t s /
20. I can see a white shirt. / t ʃ /
21. I can see a white lamb. / t l /
22. I can see a white lamp. / t l /

23. I can see a white refrigerator. / t r /
24. I can see a fat man. / t m /
25. I can see a white machine. / t m /
26. I can see white nails. / t n /
27. I can see a white uniform. / t j /
28. I can see a fat woman. / t w /
29. I can see white eggs. / t e /
30. I can see a white angel. / t er /
31. I can see white underwear. / t ʌ /

As figuras que serviram de elicitación para os informantes produzirem som final /t/ foram organizadas em três seqüências denominadas de A, B e C.

**Alveolar vozeada / d / combinada com diversos ataques.**

1. I can see a red pencil. / d p /
2. I can see a red plane. / d pl /
3. I can see a red box. / d b /
4. I can see a blond boy. / d b /
5. I can see a red blouse. / d bl /
6. I can see red tennis shoes. / d t /
7. I can see a red dress. / d dr /
8. I can see an old car. / d k /
9. I can see a red car. / d k /
10. I can see a blond girl. / d g /
11. I can see a red flower. / d fl /

12. I can see a red vase. / d v /
13. I can see a red sofa. / d s /
14. I can see a red shirt. /d ʃ /
15. I can see red lips. / d l /
16. I can see a red lipstick. / d l /
17. I can see a red robot. / d r /
18. I can see a diamond ring. / d r /
19. I can see an old man. / d m /
20. I can see a red nose. / d n /
21. I can see a red uniform. / d j /
22. I can see an old woman / d w /
23. I can see a sad woman / d w /
24. I can see a wild animal / d æ /
25. I can see gold earrings. / d iə /
26. I can see red apples. / d æ /
27. I can see a red umbrella. / d ʌ /

As figuras que serviram de elicitación para os informantes produzirem som final /d/ também foram organizadas em três seqüências, agora denominadas de D, E e F. Juntamente com as três seqüências de figuras usadas para coda /t/ a produção oral dos 10 informantes resultou em um número de 1740 sentenças que foram gravadas em CD.

#### **4.5 Do Tratamento dos Dados**

Após coleta dos dados através de gravação em CD, realizada em estúdio

profissional, os dados dos informantes foram analisados por dois ouvintes individualmente, com posterior confrontamento dos resultados. Nos casos de discordância entre os dois ouvintes os dados foram analisados novamente, agora não mais individualmente e, então decididas as ocorrências.

Esta tarefa de identificação de epêntese nos 1740 dados foi mais exaustiva e de difícil definição do que se esperava. Não se vê, na literatura pertinente ao assunto, relatos que demonstrem dificuldades para analisar comparativamente as leituras dos informantes e decidir pela ocorrência ou não de epêntese, porém, neste trabalho essa tarefa exigiu esforço e demandou mais tempo, dedicação e concentração do que se esperava. A pesquisa parecia andar em passos lentos no momento da identificação das ocorrências de epêntese, isso em função da dificuldade de se perceber se o que se ouvia poderia ser mesmo considerado como epêntese, ou palatalização da consoante final ou ainda aumento de sua duração.

Por fim, optou-se por considerar epêntese apenas e unicamente os casos em que os alunos nitidamente acrescentaram uma vogal ao som consonantal final dos adjetivos. Em casos onde parecia haver vogal epentética, mas a ocorrência era duvidosa, parecendo confundir-se com prolongamento da consoante, ou palatalização, decidiu-se por desconsiderar aquela produção para a contagem final das ocorrências.

Na verdade, uma boa alternativa para decidir pela ocorrência ou não da vogal epentética teria sido o uso da análise acústica, que permitiria inclusive a identificação da duração de cada uma das epênteses encontradas. No entanto, optou-se por fazer uso da mesma técnica adotada por pesquisas anteriores, uma vez que nenhuma delas relata qualquer dificuldade na tarefa de decidir quando houve ou quando não houve epêntese. Apenas após início da análise é que foi possível perceber que não se tratava de uma tarefa tão fácil quanto

presumida a partir das leituras.

#### **4.6 Análise dos Dados**

Uma vez decididos os ambientes onde epêntese ocorreu e onde não ocorreu, foram criados grupos de fatores – Anexo 1 - que foram usados para tabulação dos dados. Os diferentes fatores de cada um dos grupos, quando combinados entre si proporcionaram facilidade e rapidez na leitura dos dados. As combinações dos fatores – Anexo 2 - foram aplicadas ao programa Excel através dos dados contidos no Anexo 3, e a partir destes dados foram criados os gráficos e tabelas que apresentam o resultado da pesquisa. Os grupos de fatores criados para serem aplicados ao programa estão especificados a seguir.

##### **4.6.1 Variável Dependente: Ocorrência ou não de Epêntese**

Esta variável restringe-se a identificar se na fala dos informantes ocorreu (O), ou não ocorreu (N) epêntese. Este foi o primeiro critério; as falas foram classificadas conforme a produção do som final dos adjetivos que os informantes produziram.

##### **4.6.2 Grupo de Fator 1: Sonoridade da Coda**

Este grupo trata meramente de classificar o som final dos adjetivos entre oclusivo alveolar vozeado (o) e oclusivo alveolar não-vozeado (u), considerando que a sonoridade da coda tem relevância para o processo de surgimento da vogal epentética.

#### **4.6.3 Grupo de Fator 2: Som do Ataque**

Entre as figuras selecionadas para servirem de elicitación da fala dos informantes, algumas sugeriam produção do ataque a partir de vogal (i) e outros a partir de som consonantal (x).

#### **4.6.4 Grupo de Fator 3: Sonoridade do Ataque**

Conforme mencionado anteriormente, vários sons foram selecionados para o ataque dos substantivos que poderiam ser combinados com adjetivos na fala dos informantes. Um critério importante para a análise então, é a sonoridade do ataque, que recebeu código (o) para os ataques vozeados e (u) para os não-vozeados.

#### **4.6.5 Grupo de Fator 4: Modo de Articulação do Ataque**

Entre os sons selecionados para a busca das figuras usadas na pesquisa foi possível perceber vários modos de articulação. Os sons existentes foram classificados como ( c ) para os oclusivos, ( d ) para os africados, ( f ) para os fricativos, ( r ) para /r/, ( n ) para os nasais, ( l ) para os laterais, e ( s ) para as semivogais. Houve ainda a produção de palavras cujo ataque tinha som inicial vocálico, conforme determina o grupo de fator 2; nestes casos, quando a posição de ataque foi ocupada por som vocálico foi classificado através do símbolo “ / “, indicando que naquele som não se aplicam os critérios estabelecidos pelo grupo de fator 4.

#### 4.6.6 Grupo de Fator 5: Ponto de Articulação do Ataque

O ponto de articulação do ataque também se constitui de informações relevantes para a análise da pesquisa. Os códigos determinados para as possibilidades de articulação são: ( b ) para bilabial, ( l ) para labiodental, ( a ) para alveolar, ( p ) para palatal ( t ) para palato-alveolar e ( v ) para velar. Da mesma forma que no grupo de fator 4, que tratava do modo de articulação do ataque, neste grupo também adotou-se o símbolo “/” para classificação dos ataques vazios, uma vez que o critério de ponto de articulação não se aplica as vogais.

#### 4.6.7 Associação dos Grupos de Fatores

Os grupos de fatores permitiram criar sistema de análise através de combinações como, por exemplo, (Nuxucb *(white pants)* 1.a.1, de onde se faz a seguinte interpretação: ao ser exposta a figura “1”, na seqüência “ a”, o aluno “1” não produziu epêntese (N) entre coda oclusiva alveolar não-vozeada (u) e ataque consonantal (x) oclusivo (c) bilabial ( b ); ou seja, o aluno não produziu vogal epentética entre o som final / t / e o som inicial / p /.

Outra combinação possível é (Ooio // *(red apples)* 3.f.57, indicando que, ao ser mostrada a figura 57, na seqüência “f”, o aluno “3” produziu epêntese ( O ) entre coda consonantal oclusiva alveolar vozeada ( o ) e ataque vazio ( i ), portanto vozeado ( o ); ataque esse que não pode ser avaliado dentro dos critérios dos grupos de fatores 4 e 5, que tratam do modo e ponto de articulação respectivamente, então o símbolo ( / ).

Através destas combinações procedeu-se a contagem das ocorrências e a criação dos gráficos e tabelas.

## CAPÍTULO 5

### DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este capítulo apresenta os resultados obtidos através desta pesquisa, que investiga a inserção da vogal epentética por falantes de português brasileiro, enquanto alunos de inglês como L2. Os resultados são demonstrados em número de sentenças onde epêntese ocorreu, bem como as percentagens referentes às ocorrências.

#### 5.1. Ocorrência de Epêntese

A Tabela 1, abaixo, representa a percentagem de epêntese encontrada na fala dos 10 informantes: 12,13%, equivalente a 211 ocorrências em um universo de 1740 sentenças gravadas.

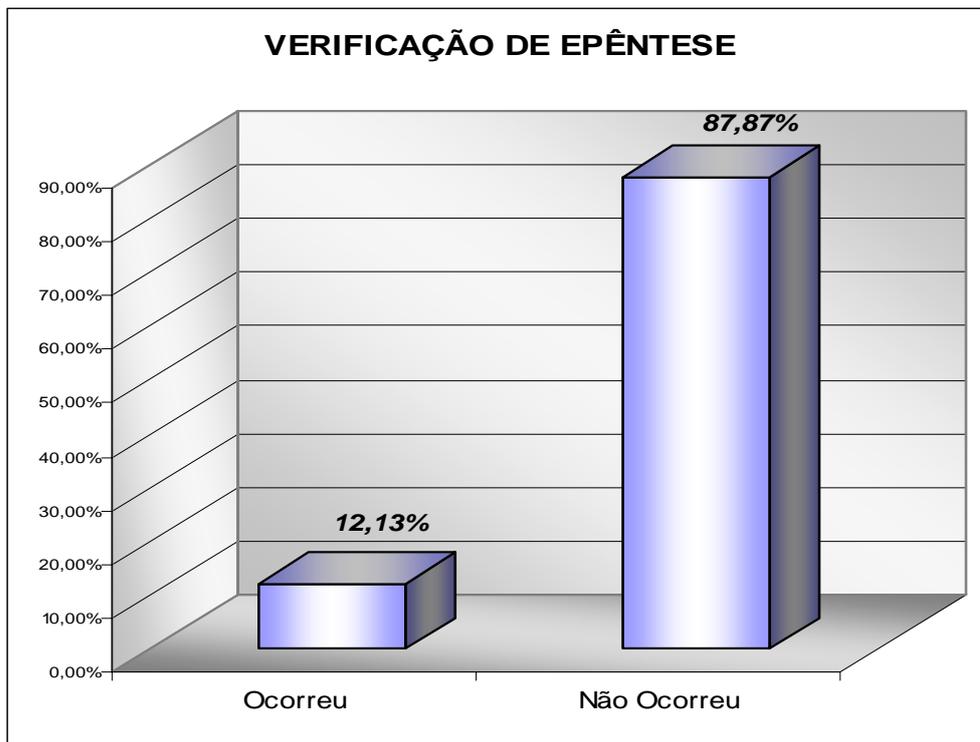
**Tabela 1 – Verificação de Ocorrência de Epêntese**

<b>Verificação</b>		<b>Total</b>
<b>Ocorreu</b>	12,13%	211
<b>Não Ocorreu</b>	87,87%	1529
<b>Total</b>	<b>100%</b>	<b>1740</b>

Este índice, também representado no Gráfico 1, a seguir, é semelhante aos resultados encontrados por Sato (1984), que pesquisou a fala espontânea de crianças vietnamitas, 12%. Os dados obtidos nesta pesquisa também são próximos aos apresentados

por Baptista e Silva Filho (1997), que mostraram 15,2% de epêntese. Apesar da proximidade dos índices, a coleta de dados através da leitura de sentença em Baptista e Silva Filho, mostrou maior ocorrência de epêntese (quase 3 pontos percentuais) do que esta pesquisa, cuja coleta aconteceu através de fala direcionada por figuras.

**Gráfico 1 – Verificação de Epêntese**



Conforme mencionado no Capítulo 4, item 4.5, a análise dos dados constituiu-se de uma tarefa exaustiva no que diz respeito à identificação da epêntese na fala dos informantes. Em grande parte do *corpus* foi difícil diferenciar a ocorrência de epêntese (inserção de vogal epentética), de uma possível palatalização da consoante final, ou ainda um simples aumento na duração da consoante. Tanto a palatalização da consoante quanto a maior duração da consoante final podem interferir no processo de comunicação, porém não podem ser consideradas como epêntese, que é rigorosamente constituída de acréscimo de vogal.

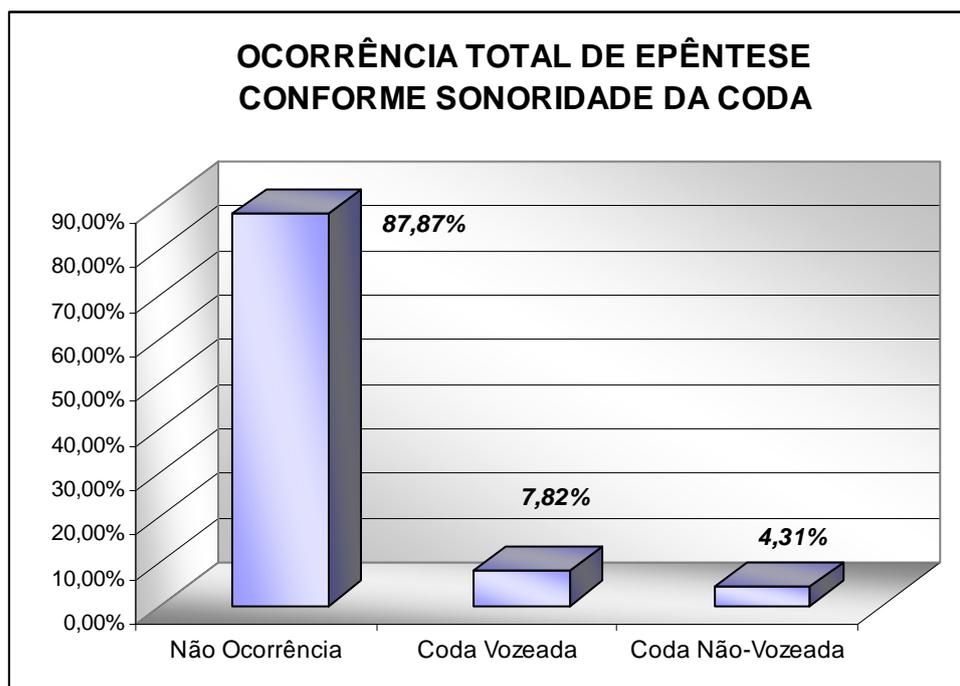
## 5.2 Ocorrência de Epêntese conforme Sonoridade da Coda

A Tabela 2, abaixo, indica a porcentagem de ocorrência de epêntese percebida na fala dos informantes, a partir da sonoridade da coda; no total de 1740 sentenças, observou-se epêntese em 7,82% daquelas que apresentavam coda vozeada, e 4,31% de ocorrência nas sentenças com coda não-vozeada. A porcentagem de sentenças onde não foi percebida a epêntese é de 87,87%, conforme Tabela 2 e Gráfico 2, abaixo.

**Tabela 2 – Ocorrência Total de Epêntese conforme Sonoridade da Coda**

Verificação		Total
<b>Não Ocorrência</b>	87,87%	1529
<b>Coda Vozeada</b>	7,82%	136
<b>Coda Não-Vozeada</b>	4,31%	75
<b>Total</b>	<b>100,00%</b>	<b>1740</b>

**Gráfico 2 – Ocorrência Total de Epêntese conforme Sonoridade da Coda**

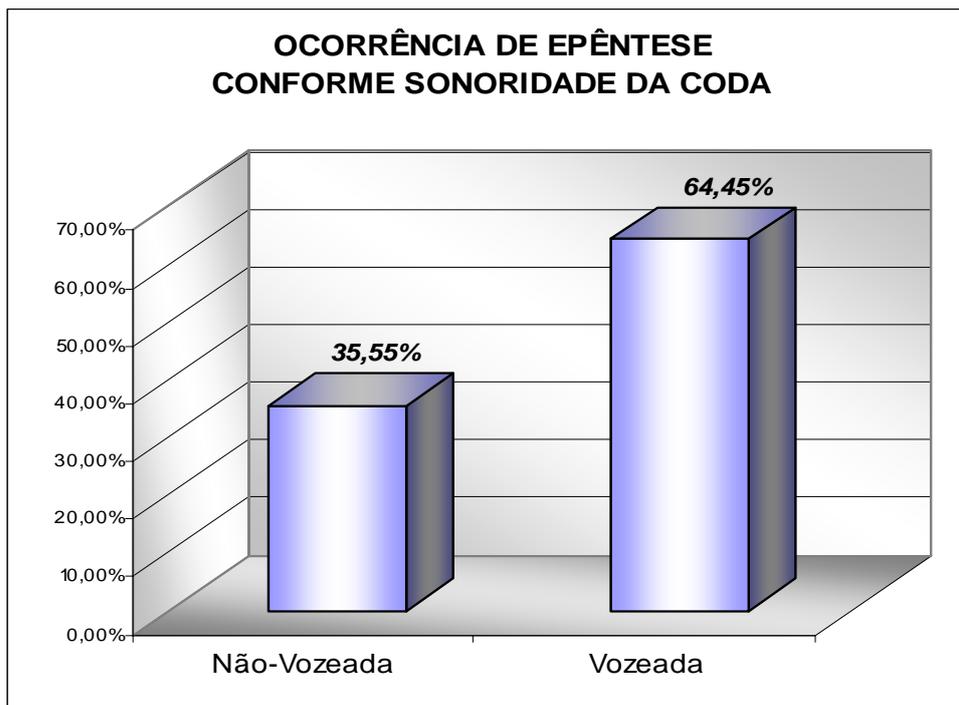


Considerando a produção de epêntese nas 211 sentenças, equivalente a 12,13% do total das 1740 sentenças, percebe-se que a maior parte se deu em coda vozeada /d/; um número consideravelmente maior (136 ocorrências) do que o encontrado nas epênteses produzidas em coda não-vozeada /t/ (75 ocorrências), Tabela 3. Isto equivale a 64,45% de epêntese em coda vozeada /d/ e 35,55% de epêntese em coda não-vozeada, conforme a demonstração a seguir.

**Tabela 3 – Ocorrência de Epêntese conforme Sonoridade da Coda**

Verificação		Total
Não-vozeada	35,55%	75
Vozeada	64,45%	136
<b>Total</b>	<b>100,00%</b>	<b>211</b>

**Gráfico 3 – Ocorrência de Epêntese conforme Sonoridade da Coda**



A diferença entre o percentual de epêntese em coda vozeada e coda não-vozeada, representada no Gráfico 3, acima, também foi encontrada na pesquisa de Baptista e Silva Filho (1997) que mostra resultado de 62,03 de epêntese em coda vozeada, e 37,97% em coda não-vozeada, conforme análise dos números apresentados em tabela 1, p. 29.

### 5.2.1 Ocorrência de Epêntese conforme Sonoridade da Coda e Sonoridade do Ataque

O número total de ocorrências com ataque consonantal equivale a 175 sentenças, conforme mostra Tabela 4, abaixo. Esta tabela apresenta a ocorrência de epêntese dividida em quatro grupos diferentes, que levam em conta a sonoridade do ataque.

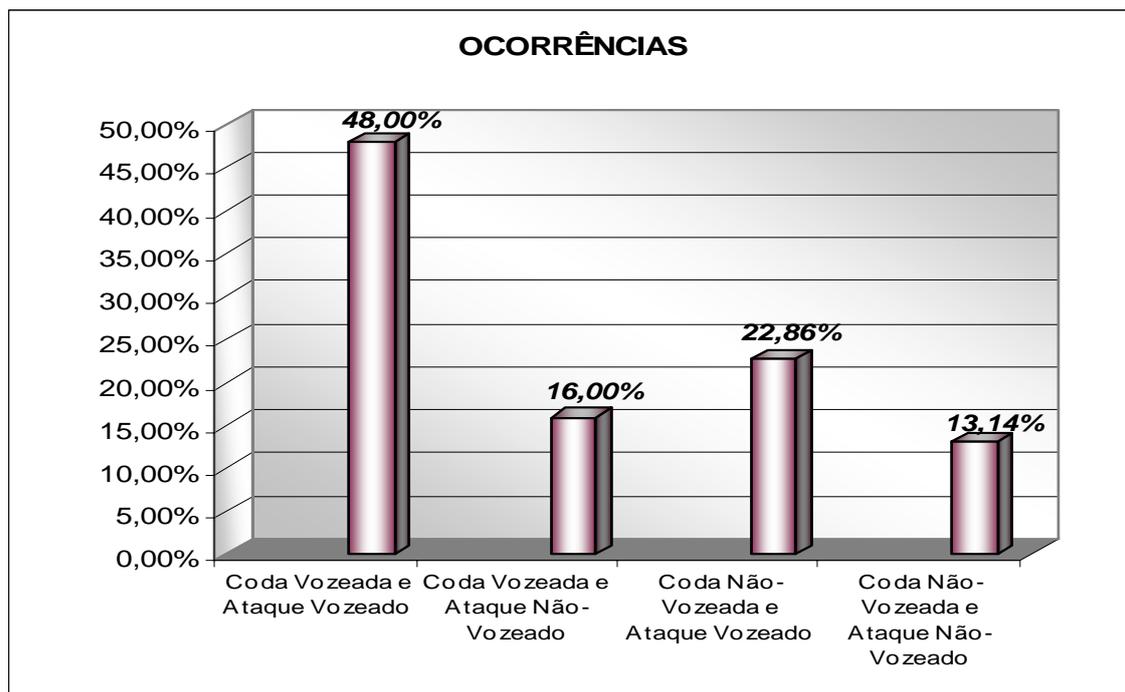
**Tabela 4 - Sonoridade da Coda e Sonoridade do Ataque**

Coda Vozeada e Ataque Vozeado	84	48%
Coda Vozeada e Ataque Não-vozeado	28	16%
Coda Não-vozeada e Ataque Vozeado	40	22,86%
Coda Não-vozeada e Ataque Não-vozeado	23	13,14%
<b>Total de Sentenças</b>	<b>175</b>	<b>100%</b>

Nota: Do total de 211 ocorrências de epêntese, 36 pertencem ao grupo cujo segmento seguinte à coda final é um som vocálico.

O maior índice de ocorrência de epêntese, conforme Gráfico 4, abaixo, aponta para coda vozeada combinada com ataque vozeado que totaliza 48% das ocorrências (84 sentenças) do total de 175 ocorrências de epêntese com ataque consonantal. Essa percentagem parece ser compreensível, já que qualquer epêntese será automaticamente vozeada, já que se trata da inserção de vogal, que é sempre vozeada.

**Gráfico 4 – Epêntese a partir da Sonoridade da Coda e do Ataque**



A grande porcentagem de epêntese com coda vozeada (64% considerando ataques vozeados e não-vozeados, enquanto que o número de epêntese com coda não-vozeada é de 36% no mesmo contexto) nos remete aos pressupostos de MDH de Eckman (1977), que ao tratar de obstáculos lingüísticos internos estabelece que oclusivas vozeadas em posição final são mais marcadas do que oclusivas não-vozeadas na mesma posição.

Então, considerando que as oclusivas vozeadas em posição final são mais marcadas do que as oclusivas não-vozeadas, conforme MDH, entende-se que as oclusivas vozeadas são sons mais difíceis de serem realizados pelos alunos. Este princípio pode justificar o fato de os informantes terem apresentado porcentagem de epêntese com a coda oclusiva vozeada maior do que a porcentagem de epêntese com coda não-vozeada.

Por outro lado, o menor índice de ocorrência de epêntese apresentado no Gráfico 4 refere-se à coda não-vozeada e ataque não-vozeado, que apresentaram 23 sentenças

modificadas através da vogal epentética, equivalente a 13,14% das 175 sentenças. Estes dados também condizem com MDH de Eckman (1977), que considera coda com oclusiva não-vozeada menos marcada que coda com oclusiva vozeada.

### 5.2.2 Ocorrência de Epêntese com Coda Vozeada e Ataque Vozeado.

A ocorrência de epêntese com coda vozeada e ataque vozeado, do total das 1740 sentenças, foi de 4,42%; no que diz respeito ao universo de 211 ocorrências, isso representa 36,49% (77 ocorrências). Destacamos na Tabela 5, abaixo, a maior ocorrência de epêntese com ataque consonantal vozeado: 37,66% (29 ocorrências), entre coda oclusiva alveolar vozeada /d/ e semivogal bilabial /w/ como em “*I can see an old woman*”, “*I can see a sad woman*”, e “*I can see a wild animal*”; e a menor ocorrência de epêntese com ataque consonantal vozeado: 1,30% (01 ocorrência), entre coda oclusiva alveolar vozeada /d/ e nasal bilabial /m/ como em “*I can see an old man*”.

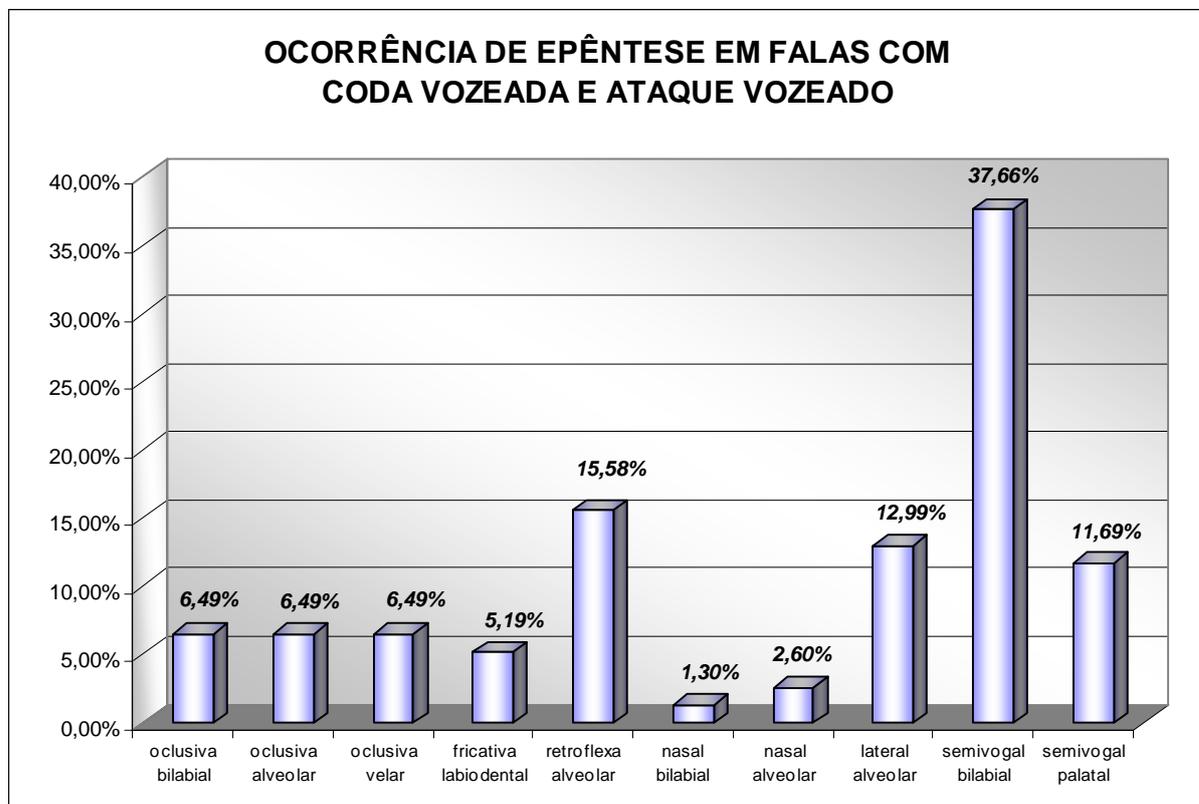
**Tabela 5 - Ocorrência de Epêntese com Coda Vozeada e Ataque Vozeado.**

Oclusivo bilabial	5	6,49%
Oclusivo Alveolar	5	6,49%
Oclusivo Velar	5	6,49%
Fricativo Labiodental	4	5,19%
Retroflexa Alveolar	12	15,58%
Nasal Bilabial	1	1,30%
Nasal Alveolar	2	2,60%
Lateral Alveolar	10	12,99%
Semivogal bilabial	29	37,66%
Semivogal palatal	9	11,69%
<b>Total de Sentenças</b>	<b>77</b>	<b>100%</b>

Um fato interessante sobre a ocorrência de vogal epentética com coda vozeada e ataque não-vozeado está representado no Gráfico 5, abaixo. Trata-se da ocorrência de epêntese entre coda vozeada e ataque oclusivo; tanto bilabial, quanto alveolar e velar obtiveram a mesma percentagem de vogal epentética: 6,49% (5 sentenças) com vogal epentética.

Esta coincidência nas percentagens de ocorrências com ataque oclusivo nos remete à influência que o modo de articulação pode exercer na produção da vogal epentética. Em se tratando de modo de articulação, percebe-se também semelhança nos índices de ataque nasal: 01 ocorrência em bilabial (1,30%) e 02 ocorrências em alveolar (2,60%).

**Gráfico 5 – Ocorrência de Epêntese com Coda Vozeada e Ataque Vozeado**



### 5.2.3 Ocorrência de Epêntese com Coda Vozeada e Ataque Não-Vozeado

A ocorrência de epêntese com coda vozeada e ataque não-vozeado, do total das 1740 sentenças, foi de 1,32%; quanto ao número total de 211 ocorrências, esse valor representa 10,90% (23 ocorrências). A Tabela 6, abaixo traz a percentagem equivalente às 23 ocorrências distribuída em diferentes ataques não-vozeados onde os informantes realizaram a inclusão da vogal epentética.

**Tabela 6 – Ocorrência de Epêntese com Coda Vozeada e Ataque Não-Vozeado**

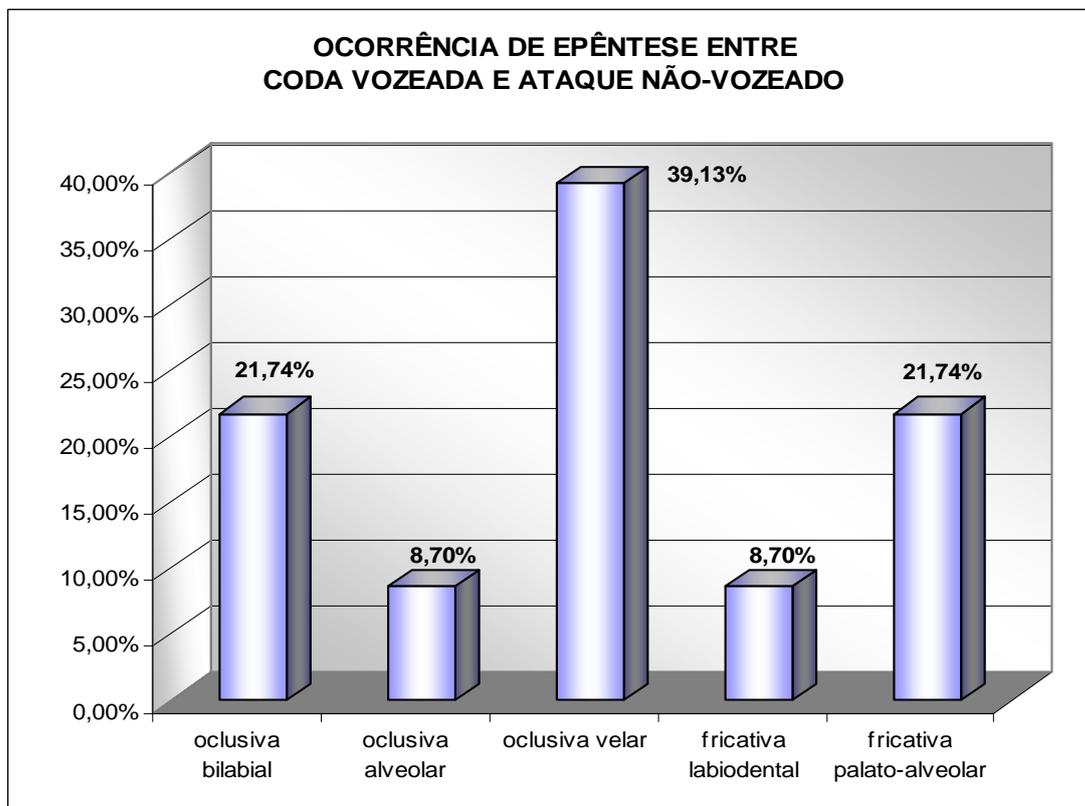
Oclusiva bilabial	5	21,74%
Oclusiva Alveolar	2	8,70%
Oclusiva Velar	9	39,13%
Fricativa Labiodental	2	8,70%
Fricativa Palato-alveolar	5	21,74%
<b>Total de Sentenças</b>	<b>23</b>	<b>100%</b>

O Gráfico 6, abaixo, mostra a maior ocorrência de epêntese com coda vozeada e ataque não-vozeado: 39,13%, equivalente a 09 sentenças com ataque oclusivo velar /k/, como em *“I can see an old car”*, *“I can see a red car”*. Os dados apresentam também igual número de ocorrência em ataque oclusivo bilabial /p/ e fricativo palato-alveolar /ʃ/, ambos representam 21,74% do número de ocorrência com coda vozeada e ataque não-vozeado.

Outra igualdade nos índices refere-se à ocorrência de epêntese com ataque oclusivo alveolar /t/, e fricativo labiodental /f/: 8,70% para ambos, ou seja, 02 sentenças para cada um dos ataques.

Os dados do Gráfico 6, indicam ainda que não houve registro de ocorrência entre coda vozeada e ataque fricativo alveolar /s/, que foi produzido pelos informantes através da sentença-veículo “ *I can see a red sofa*”, nenhum dos informantes, em nenhuma das seqüências produziu epêntese neste ambiente.

**Gráfico 6 – Ocorrência de Epêntese com Coda Vozeada e Ataque Não-Vozeado**



#### 5.2.4 Ocorrência de Epêntese com Coda Não-Vozeada e Ataque Vozeado

A ocorrência de epêntese com coda não-vozeada e ataque vozeado (36 sentenças) representa 2,07% do total das 1740 sentenças do *corpus*. A participação destas 36 sentenças no total das ocorrências (211) foi de 17,06%.

A Tabela 7, apresenta a distribuição desta percentagem (36 sentenças) entre

vários ataques vozeados, seguida do Gráfico 7, abaixo, onde destaca-se a pouca ocorrência de epêntese com coda não-vozeada e ataque fricativo labiodental /v/, na sentença “*I can see a white vase*”: houve registro de 01 única ocorrência do total das 36 com ataque vozeado - 2,70%.

O mesmo aconteceu com o ataque semivogal palatal /j/: 01 única ocorrência através da sentença “*I can see a white uniform*”. No caso do ataque semivogal palatal /j/ é possível que os informantes tenham transformado a coda não-vozeada /t/ em africada /tʃ/.

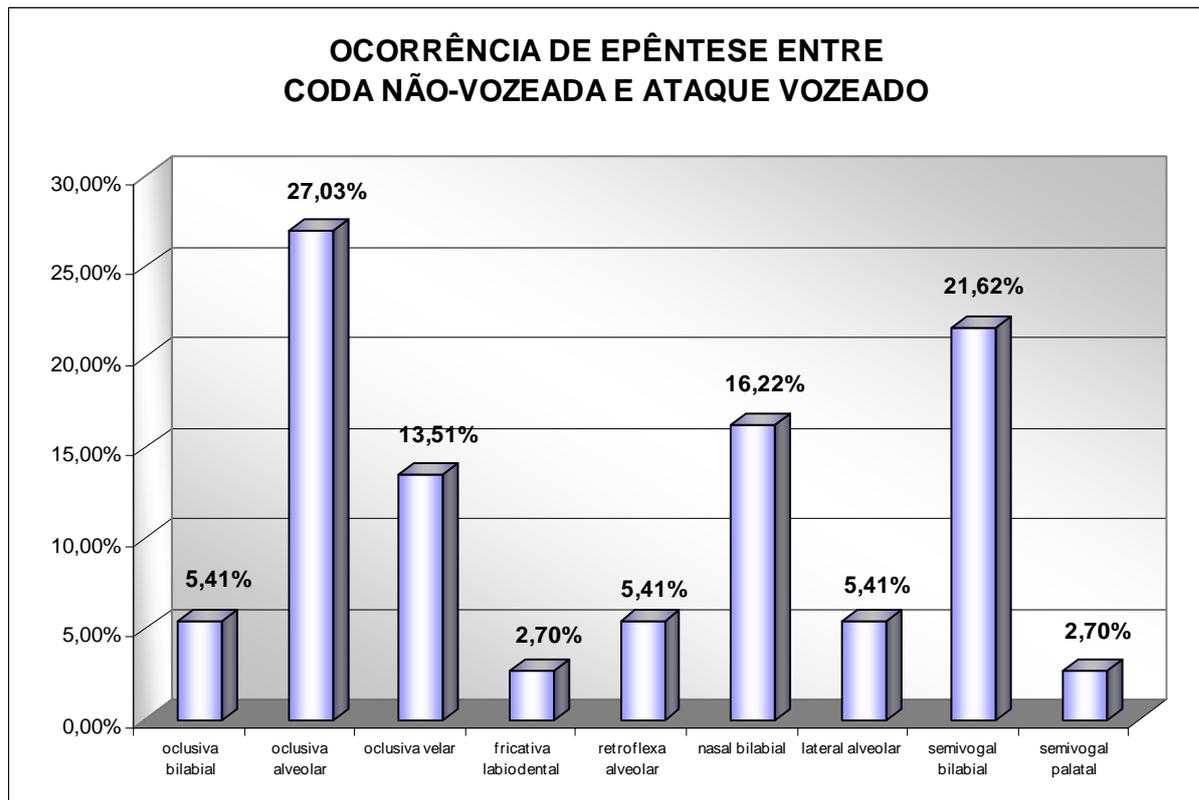
**Tabela 7 - Ocorrência de Epêntese com Coda Não-Vozeada e Ataque Vozeado**

Oclusivo bilabial	2	5,41%
Oclusivo Alveolar	9	27,03%
Oclusivo Velar	5	13,51%
Fricativo Labiodental	1	2,70%
Retroflexa Alveolar	2	5,41%
Nasal Bilabial	6	16,22%
Lateral Alveolar	2	5,41%
Semivogal bilabial	8	21,62%
Semivogal palatal	1	2,70%
<b>Total de Sentenças</b>	<b>36</b>	<b>100%</b>

Comparando Gráfico 6 (item 5.2.3) e Gráfico 7, abaixo, pode-se notar grande diferença de ocorrência quando coda não-vozeada e coda vozeada são combinadas com ataques alveolares. No Gráfico 6 vemos apenas 8,7% de ocorrência com coda vozeada e ataque oclusivo alveolar, o que representa apenas 02 ocorrências. Esta percentagem poderia indicar que o ponto de articulação teria inibido a inserção da vogal epentética, já que coda e ataque são alveolares. No entanto, o Gráfico 7 mostra 27,03% de ocorrência com coda não-

vozeada e ataque oclusivo alveolar, nada menos do que a maior porcentagem do gráfico, evidenciando assim que o ponto de articulação isoladamente não pode ser visto como determinante para a ocorrência ou ausência de epêntese.

**Gráfico 7 - Ocorrência de Epêntese com Coda Não-vozeada e Ataque Vozeado**



Quanto a pequena ocorrência de epêntese com coda não-vozeada e ataque lateral alveolar /l/ (apenas 5,41%) pode-se inferir que ao produzir “*white lamb*”, por exemplo, ocorra ressilabificação na fala de alunos brasileiros, e então, o surgimento de um encontro consonantal como o vemos em “*atleta*”, ou “*atlântico*”, na língua portuguesa. Esta possibilidade nos remete à CAH de Lado (1957), que pode entender a ressilabificação como um recurso utilizado pelo aluno, com base em estruturas de sua língua materna, para modificar o ambiente de um som conhecido /t/. Trata-se de um som bastante comum na língua portuguesa, porém incomum em posição final de palavra, considerando a

predominância de sílabas aberta CV na língua.

Este processo de ressilabificação assemelha-se ao recurso utilizado por alunos alemães, turcos e russos quando produzem as oclusivas vozeadas [b, d, g] como oclusivas não-vozeadas [p, t, k] quando encontradas em posição final da L2, em YAVAS (1994).

A ressilabificação em “*white lamb*” também pode ser vista à luz da MDH, de Eckman (1977): ao construir um encontro consonantal do tipo /t/, que é permitida na língua portuguesa, o aluno transforma um ambiente incomum à sua língua (coda /t/ e ataque /l/) em um outro mais visto. Este processo torna a produção oral de “*white lamb*” mais fácil para o aluno.

No entanto, essa ressilabificação não ocorre entre coda vozeada /d/ e o mesmo ataque lateral alveolar /l/. Isto se dá muito provavelmente porque o encontro consonantal /dl/ não é comum à língua materna do aluno. O Gráfico 5, item 5.2.2, mostra 10 ocorrências de epêntese com coda vozeada /d/ e lateral alveolar /l/, equivalente a 12,99% de um universo de 77 inserções da vogal epentética.

### **5.2.5 Ocorrência com Coda Não-vozeada e Ataque Não-Vozeado**

A ocorrência de epêntese com coda não-vozeada e ataque não-vozeado, do total das 1740 sentenças, foi de 1,26% que significa inclusão de vogal epentética em 22 sentenças; quanto ao número total das 211 ocorrências, esse valor representa 10,43%.

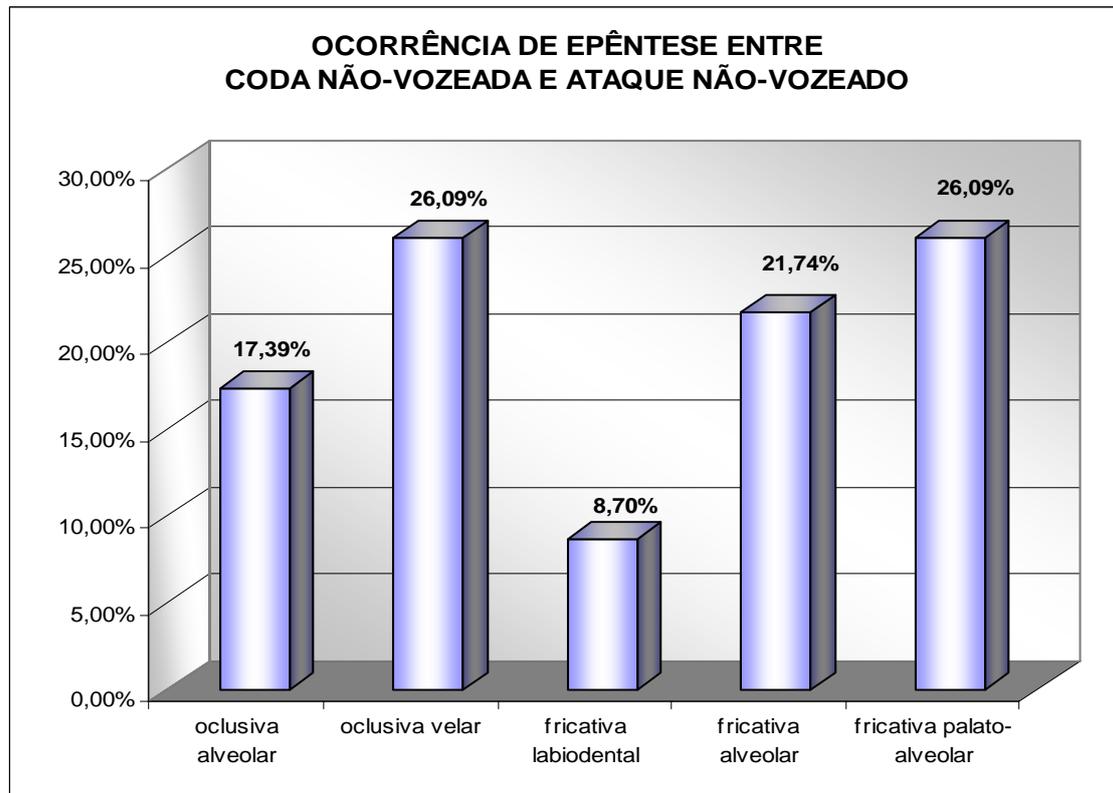
A Tabela 8, abaixo, traz a porcentagem e o número de sentenças onde houve inclusão da vogal epentética em ambiente com coda não-vozeada e diferentes ataques não-vozeados.

**Tabela 08 - Ocorrência de Epêntese com Coda Não-Vozeada e Ataque Não-Vozeado**

Oclusivo bilabial	4	17,39%
Oclusivo Velar	6	26,09%
Fricativo Labiodental	2	8,70%
Fricativo Alveolar	4	21,74%
Fricativo Palato-Alveolar	6	26,09%
<b>Total de Sentenças</b>	<b>22</b>	<b>100%</b>

Destacamos a pequena ocorrência de epêntese com coda não-vozeada /t/ e o ataque fricativo labiodental não-vozeado /f/: apenas 02 realizações que representam 8,70% de um total de 22 sentenças onde epêntese foi percebida.

No item 5.2.2, quando apresentamos os dados sobre epêntese com coda vozeada e ataque vozeado, destacamos a igualdade de ocorrência (6,49%) entre o ataque oclusivo bilabial, alveolar e velar, sugerindo que o modo de articulação pudesse ter agido como regulador da produção epentética, dirigindo a fala para a mesma quantidade de ocorrência em cada um dos ataques oclusivos. No entanto, ao analisar os dados da Tabela 8, acima, e Gráfico 8, abaixo, vemos ocorrências com ataque fricativo labiodental (8,70%), fricativo alveolar (21,74%) e fricativo palato-alveolar (26,09), que em função da porcentagem com ataque labiodental contrariam a suposição estabelecida no item 5.2.2.

**Gráfico 8 - Ocorrência de Epêntese com Coda Não-Vozeada e Ataque Não-Vozeado**

### 5.3 Ocorrência de Epêntese a partir do Ponto de Articulação do Ataque

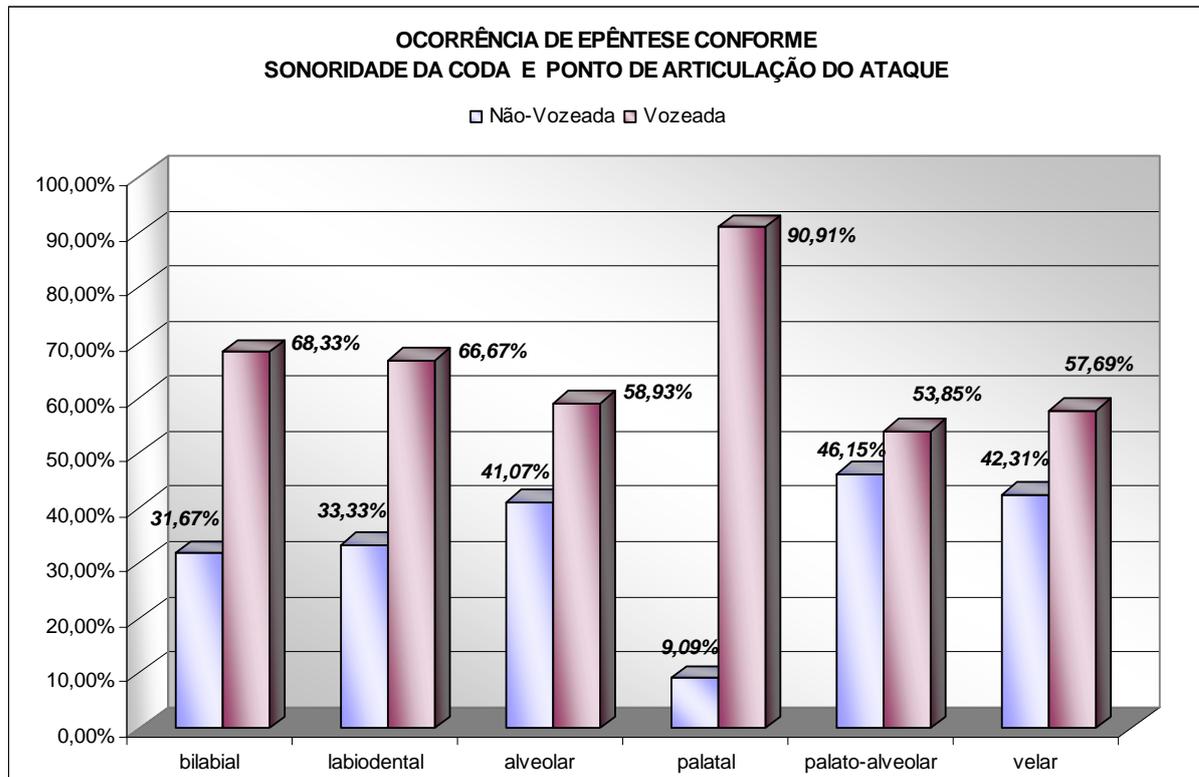
A Tabela 9, abaixo, traz os resultados da pesquisa com enfoque no ponto de articulação do ataque, verificando a porcentagem de ocorrência de epêntese entre as codas não-vozeada e vozeada. É interessante destacar que de maneira geral (com exceção do ataque palatal), a porcentagem de ocorrência considerando ponto de articulação parece ser equilibrada em coda não-vozeada e em coda vozeada. Os índices de inserção de vogal epentética em coda não-vozeada variam entre 31,67% (ataque bilabial) e 46,15% (ataque palato-alveolar). O número de ocorrência de epêntese em coda vozeada também parece ser equilibrado, oscilando entre 53,85% (ataque palato-alveolar) e 68,33% (ataque bilabial).

**Tabela 9 - Ocorrência de Epêntese a partir do Ponto de Articulação do Ataque**

	Bilabial	Labiodental	Alveolar	Palatal	Palato-alveolar	Velar
<b>Não-vozeada</b>	31,67%	33,33%	41,07%	9,09%	46,15%	42,31%
<b>Vozeada</b>	68,33%	66,67%	58,93%	90,91%	53,85%	57,69%
<b>TOTAL</b>	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

O destaque do Gráfico 9, abaixo, está na quantidade de epêntese encontrada em coda vozeada e ataque com ponto de articulação palatal vozeada /j/, como na sentença-veículo “*I can see a red uniform*”. A percentagem foi de 90,91%, enquanto que a coda não-vozeada com o mesmo ataque – palatal vozeado /j/ – teve apenas 9,9% de ocorrência de epêntese (equivalente a 01 única inclusão de vogal epentética) através da sentença-veículo “*I can see a white uniform*”.

**Gráfico 9 – Ocorrência de Epêntese conforme Sonoridade da Coda e Ponto de Articulação do Ataque**



Quanto ao baixo índice de ocorrência de vogal epentética com coda não-vozeada /t/ e ataque palatal /j/ em “*white uniform*” é possível que o informante tenha produzido som africado /tʃ/ para /t/, inibindo assim a ocorrência de epêntese.

### 5.3.1 Distribuição do Ponto de Articulação do Ataque nas Ocorrências de Epêntese

No total, 175 sentenças apresentaram vogal epentética com ataque consonantal, o que equivale a 11,43%. A Tabela 10, abaixo, apresenta a distribuição destas 175 sentenças conforme o ponto de articulação do ataque. Comparativamente os números mais expressivos de ocorrência de epêntese referem-se à coda vozeada /d/ combinada com ataque bilabial (41 ocorrências), coda vozeada /d/ combinada com ataque alveolar (33 ocorrências) e coda não-vozeada /t/ combinada com ataque alveolar (23 ocorrências). Novamente reportamos uma única ocorrência de epêntese com coda não-vozeada /t/ e ataque palatal /j/, conforme Gráfico 9, item 5.3.

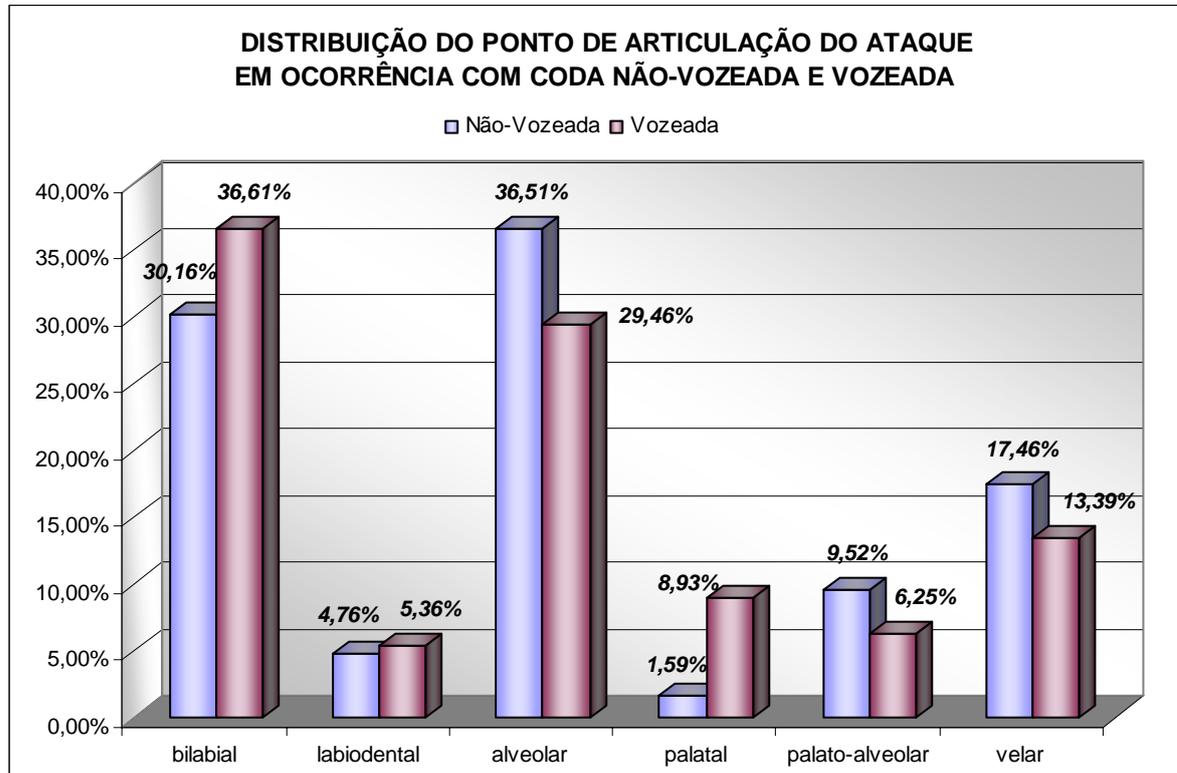
**Tabela 10 - Ponto de Articulação do Ataque em Ocorrência com Coda Não-Vozeada e Vozeada (em número de sentenças)**

	bilabial	labiodental	alveolar	palatal	palato-alveolar	velar	TOTAL
<b>Não-vozeada</b>	19	3	23	1	6	11	<b>63</b>
<b>Vozeada</b>	41	6	33	10	7	15	<b>112</b>
<b>TOTAL</b>	<b>60</b>	<b>9</b>	<b>56</b>	<b>11</b>	<b>13</b>	<b>26</b>	<b>175</b>

O Gráfico 10, abaixo, traz os resultados da Tabela 10 convertidos em percentagens, evidenciando ainda mais a pequena participação do ataque palatal em casos de epêntese com coda não-vozeada e destacando a forte presença do ataque bilabial em casos de epêntese, 30,16% do total de epêntese com coda não-vozeada, e 36,61% do total de epêntese

com coda vozeada.

**Gráfico 10 – Ponto de Articulação do Ataque em Ocorrência com Coda Não-Vozeada e Vozeada (em porcentagem)**



#### **5.4 - Ocorrência de Epêntese Conforme Sonoridade da Coda e Modo de Articulação do Ataque**

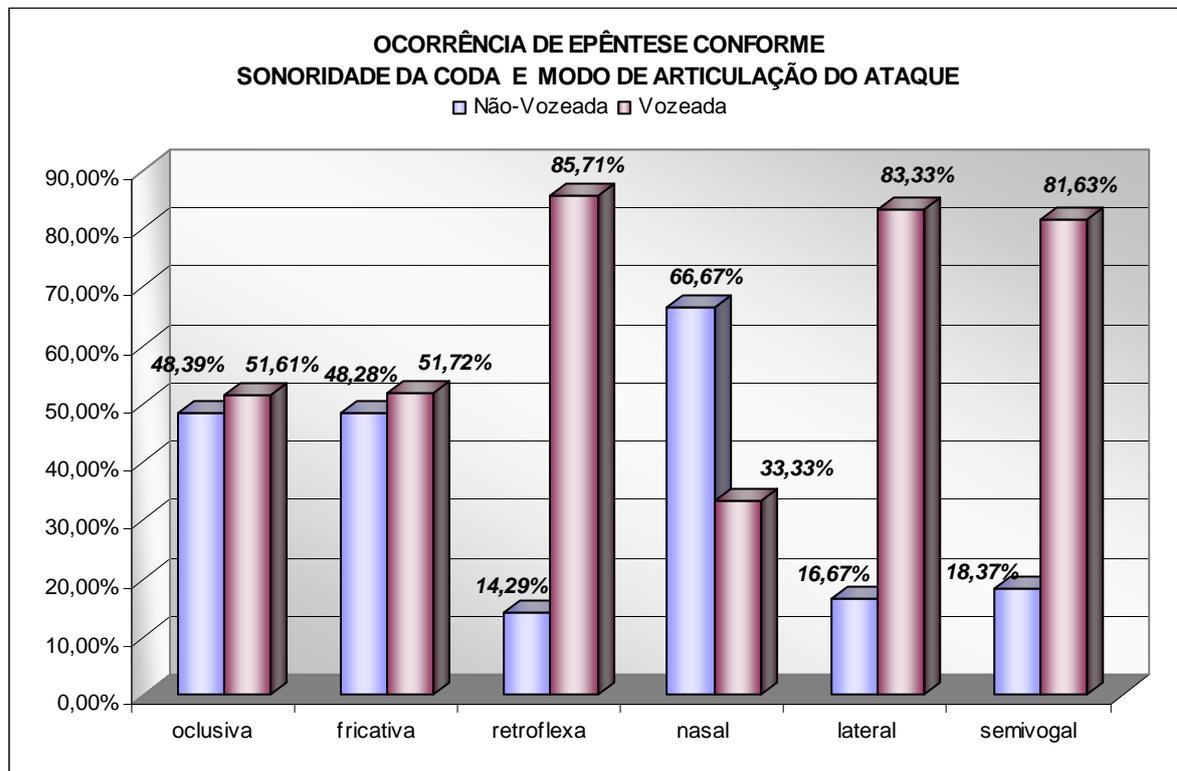
Na Tabela 11, abaixo, destaca-se a porcentagem de epêntese em coda vozeada combinada com ataque retroflexo: 85,71%, enquanto o mesmo ataque retroflexo combinado com coda não-vozeada representa apenas 14,29% das epênteses ocorridas com ataque do mesmo modo de articulação.

**Tabela 11 – Ocorrência de Epêntese Conforme Sonoridade da Coda e Modo de Articulação do Ataque**

	Oclusiva	Fricativa	Retroflexa	Nasal	Lateral	Semivogal
<b>Não-vozeada</b>	48,39%	48,28%	14,29%	66,67%	16,67%	18,37%
<b>Vozeada</b>	51,61%	51,72%	85,71%	33,33%	83,33%	81,63%
<b>Total</b>	<b>100,00%</b>	<b>100,00%</b>	<b>100,00%</b>	<b>100,00%</b>	<b>100,00%</b>	<b>100,00%</b>

Na verdade, entre todos os modos de articulação apresentados na tabela (oclusiva, fricativa, retroflexa, nasal, lateral e semivogal), a ocorrência de epêntese com coda vozeada é predominante. Apenas as nasais produziram número de epêntese maior quando combinadas com coda não-vozeada, 66,67%; e 33,33% com coda vozeada. O Gráfico 11, abaixo, permite visualizar melhor esta diferença.

**Gráfico 11 - Ocorrência de Epêntese Conforme Sonoridade da Coda e Modo de Articulação do Ataque**



#### 5.4.1 - Distribuição do Modo de Articulação do Ataque em Ocorrência com Coda Não-vozeada e Vozeada

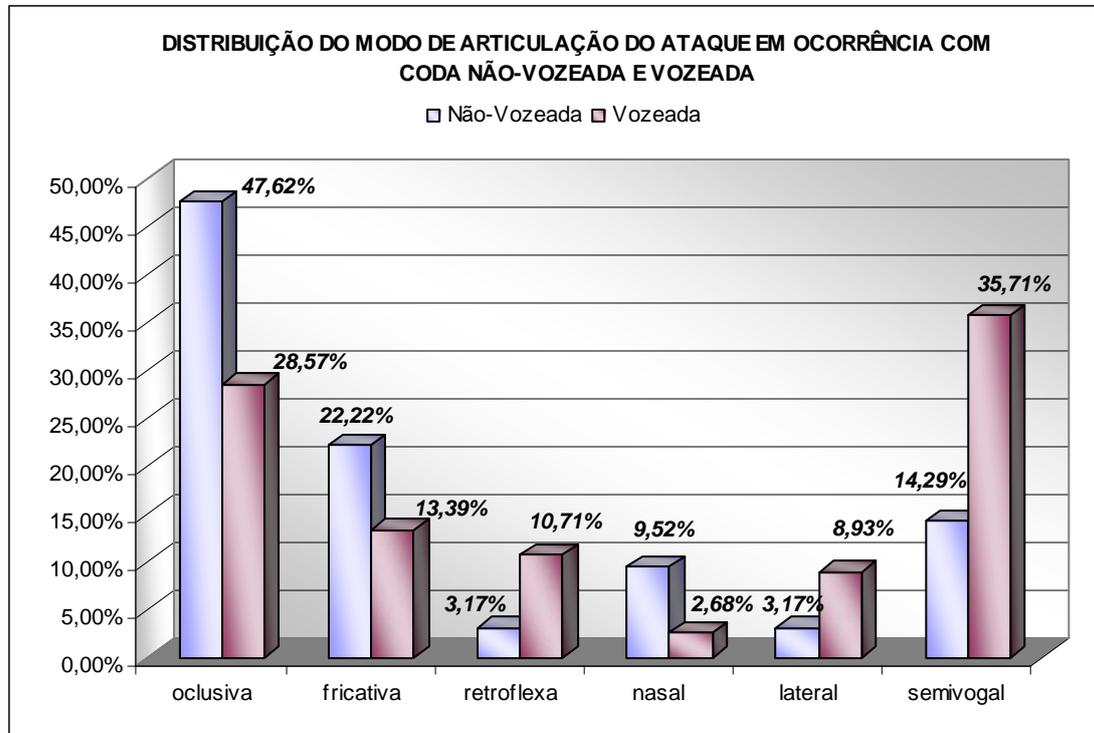
Conforme se observa na Tabela 12, abaixo, o grande índice de ocorrência de vogal epentética com base no modo de articulação do ataque está nas oclusivas, que combinadas com coda não-vozeada representam 47,62% das ocorrências, equivalente a 30 sentenças, de um total de 63. As oclusivas combinadas com coda vozeada também representam um número grande de ocorrências, 32 de um total de 112 sentenças, o que equivale a 28,57%. O índice de epêntese com ataque oclusivo só não é maior que o índice de semivogal com coda vozeada, 49% de um total de 112 sentenças, o que indica alteração da coda em 35,71% dos casos.

**Tabela 12 – Distribuição do Modo de Articulação do Ataque em Ocorrência com Coda Não-Vozeada e Vozeada**

	Oclusiva	Fricativa	Retroflexa	Nasal	Lateral	Semivogal	Total
<b>Não-vozeada</b>	30	14	2	6	2	9	63
<b>Vozeada</b>	32	15	12	3	10	40	112
<b>Total</b>	<b>62</b>	<b>29</b>	<b>14</b>	<b>9</b>	<b>12</b>	<b>49</b>	<b>175</b>

O Gráfico 12, a seguir, também trata do modo de articulação do ataque na ocorrência de epêntese; evidencia a pequena participação da retroflexa quando combinada com coda não-vozeada, apenas 3,17%, o equivalente a modificação da coda de apenas 2 sentenças.

**Gráfico 12 - Distribuição do Modo de Articulação do Ataque em Ocorrência com Coda Não-Vozeada e Vozeada**



O índice é o mesmo atribuído ao ataque lateral, que também figura com pouca expressão na produção da vogal epentética. Porém, com menor participação ainda vê-se a atuação da nasal com coda vozeada /d/, apenas 2,68%, o que significa epêntese em 3 sentenças, em um universo de 112 ocorrências com coda vozeada.

### 5.5 Ocorrência de Epêntese com Ataque Vazio

Conforme definição de Gussman (2002) mencionada no Capítulo 2, item 2.6.1 e representado em (4), uma das três possíveis classificações para o ataque da sílaba é o chamado “ataque vazio” – quando não apresenta composição fonética anterior ao núcleo, que é sempre vocálico, como em [ɔ:]. O ataque vazio também foi utilizado no *corpus* desta

pesquisa e combinado com coda não-vozeada e vozeada apresentou o seguinte resultado na produção de vogal epentética:

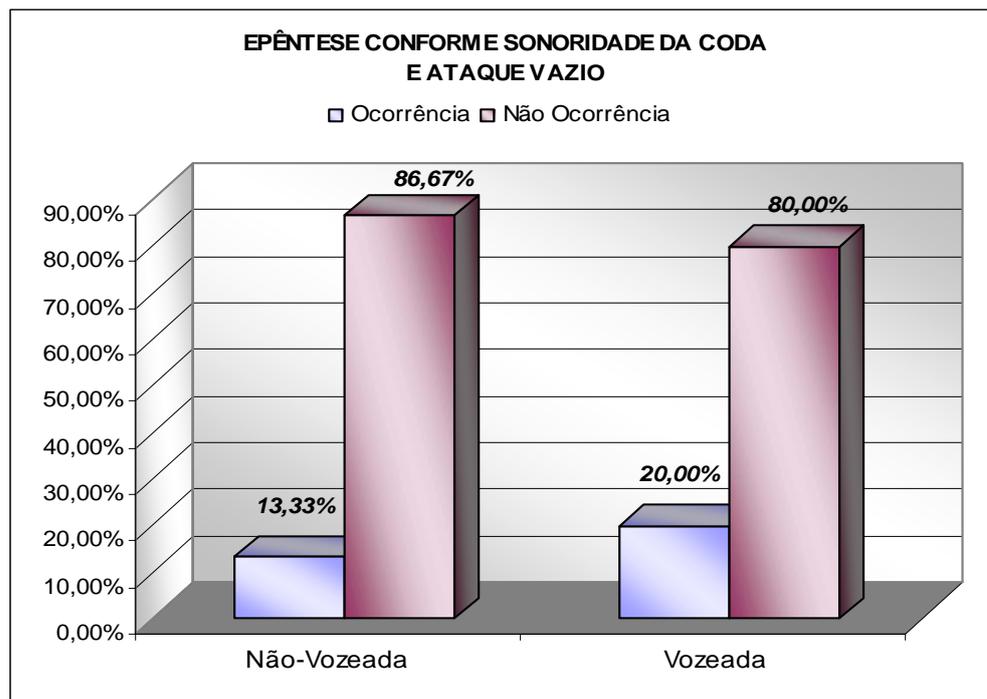
**Tabela 13 – Sonoridade da Coda e Ataque Vazio**

	Não-vozeada	Vozeada	Total
Ocorrência	13,33%	20,00%	17,14%
Não Ocorrência	86,67%	80,00%	82,86%
Total	100,00%	100,00%	100,00%

Verificamos que do total de combinações de coda consonantal e ataque vazio, 17,14% geraram vogal epentética na fala dos 10 informantes; em 82,86% das sentenças onde havia ataque vazio não ocorreu epêntese.

Outro dado obtido através dos ataques vazios está apresentado no Gráfico 5, que indica a percentagem de ocorrência em codas não-vozeadas e vozeadas, separadamente.

**Gráfico 13 - Distribuição Conforme Sonoridade da Coda e Ataque Vazio**



Do total de sentenças com coda não-vozeada e ataque vazio, vê-se ocorrência de epêntese em 13,33% delas; o que representa uma ocorrência de epêntese menor do que a observada em sentenças com coda vozeada /d/ e ataque vazio: 20%.

### 5.6 Ocorrência por Informante

Os 10 informantes desta pesquisa apresentaram epêntese entre 3,39% - menor índice, e 28,16% - maior índice. O informante que produziu epêntese em 3,39% de sua fala, apresentou modificação em 5 sentenças. O informante que produziu epêntese em 28,16% de sua fala, o fez em 49 das 174 sentenças que produziu, conforme Tabela 14, abaixo.

**Tabela 14 – Ocorrência por Informante (em número de sentenças)**

<b>Informantes</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>7</b>	<b>8</b>	<b>9</b>	<b>10</b>	<b>TOTAL</b>
<b>Ocorreu</b>	49	21	36	15	7	21	43	8	6	5	<b>211</b>
<b>Não ocorreu</b>	125	153	138	159	167	153	131	166	168	169	<b>1529</b>
<b>TOTAL</b>	<b>174</b>	<b>1740</b>									

A Tabela 14, acima, mostra que alguns informantes apresentaram número bastante reduzido de epêntese: informante 5, apenas 7 sentenças modificadas; informante 9 com 6 ocorrências de epêntese e informante 10, com apenas 5 vogais epentéticas, de um total de 174 sentenças que cada um produziu. Estes números estão representados em percentagem na Tabela 15, a seguir.

**Tabela 15 – Ocorrência por Informante (em percentagem)**

<b>Informantes</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>7</b>	<b>8</b>	<b>9</b>	<b>10</b>
<b>Ocorreu</b>	28,16%	12,07%	20,69%	8,62%	4,02%	12,07%	24,71%	4,60%	3,45%	3,39%
<b>Não ocorreu</b>	71,84%	87,93%	79,31%	91,38%	95,98%	87,93%	75,29%	95,40%	96,55%	96,61%
<b>TOTAL</b>	<b>100%</b>									

Esta pequena percentagem de ocorrência de vogal epentética na fala de alguns informantes nos leva a uma inevitável busca por informações sobre as condições de aprendizagem de cada um deles. Através dos dados coletados a partir do Anexo 1, sabe-se que os informantes 5, 9 e 10, aqueles que apresentaram menor percentagem de epêntese, iniciaram seus estudos em língua inglesa fora do ambiente escolar regular, com idade aproximada de 12, 9 e 10 anos, respectivamente. Os 3 informantes declararam ter interrompido este processo de aprendizagem por um período, conforme Tabela 16, abaixo:

**Tabela 16 – Idade e Tempo de Estudo de alguns dos Informantes**

<b>Identificação dos informantes</b>	<b>Idade atual</b>	<b>Idade de início dos estudos</b>	<b>Tempo de estudo</b>	<b>Interrupção dos estudos</b>	<b>Tempo de estudo após interrupção</b>
Informante 5	19 anos	12 anos	2 anos	2 anos	3 anos
Informante 9	16 anos	09 anos	2 anos	2 anos	3 anos
Informante 10	16 anos	10 anos	2 anos e meio	1 ano	2 anos e meio

**Defensores da teoria do período crítico – CPH (*Critical Period Hypothesis*)**, mencionada no item 2.5 - poderiam atribuir a pequena incidência de epêntese na fala dos informantes 5, 9 e 10, à idade com que iniciaram seus estudos em língua inglesa. Todos iniciaram antes da puberdade, o que favoreceria a aprendizagem, conforme CPH, por terem aprendido durante período no qual existe máxima condição para aquisição da língua.

Por outro lado, entre os que apresentaram maior índice de epêntese o informante 7 (24,71%) e o informante 3 (20,69%) informaram ter iniciado seus estudos em língua inglesa aos 17 e aos 18 anos, respectivamente.

Tudo parece estar em conformidade com CPH até que se analise as informações do informante 1, que iniciou seus estudos em língua inglesa com idade de 13 anos e que nunca interrompeu seu processo de aprendizagem; no entanto, apresentou 28,16% de epêntese.

Com o levantamento feito através da Tabela 17 percebe-se que a única epêntese produzida com ataque semivogal palatal /y/ ocorreu na fala de um informante com pouca percentagem de epêntese, apenas 3,45% (06 ocorrências). É possível observar também que apesar de a maior parte de epêntese ter ocorrido em coda vozeada (64,45%), das 18 sentenças modificadas por estes 3 informantes, 12 têm coda não-vozeada, e um deles (informante 9) apresentou epêntese exclusivamente com coda não-vozeada. Estes dados tornam as ocorrências destes 3 informantes em um fato curioso: o ambiente onde mais se esperaria epêntese não é necessariamente o mesmo ambiente de produção da vogal epentética para estes indivíduos, que não evidenciam dificuldade na produção da consoante final da língua inglesa.

Além da busca por dados sobre idade e tempo de aprendizagem dos informantes, a pouca ocorrência de epêntese na fala dos informantes 5, 9 e 10 me despertou interesse em verificar quais foram os ambientes que não lhe impediram apresentar fala com

ausência total de epêntese. Os ambientes estão demonstrados na Tabela 17, a seguir, com suas respectivas sentenças-veículo.

**Tabela 17 – Ambientes de Epêntese de Alguns dos Informantes**

<b>Informante 5</b>	Coda não-vozeada [t] e ataque fricativo labiodental não-vozeado [f] em: <i>“I can see a white phone.”</i>	2 ocorrências
	Coda não-vozeada [t] e ataque fricativo labiodental vozeado [v] em: <i>“I can see a white vase”.</i>	1 ocorrência
	Coda não-vozeada [t] e ataque fricativo palato alveolar não-vozeado [ʃ] em: <i>“I can see a white shirt”.</i>	1 ocorrência
	Coda não-vozeada [t] e ataque oclusivo velar não-vozeado [k] em: <i>“I can see a white cat”.</i>	1 ocorrência
	Coda não-vozeada [t] e ataque oclusivo bilabial vozeado [b] em: <i>“I can see a cute baby”.</i>	1 ocorrência
	Coda não-vozeada [t] e ataque nasal bilabial vozeado [m] <i>“I can see a fat man”.</i>	1 ocorrência
	<b>TOTAL</b>	<b>7 ocorrências</b>
<b>Informante 9</b>	Coda não-vozeada [t] e ataque oclusivo velar não-vozeado [k] em: <i>“I can see a white cat”.</i>	1 ocorrência
	Coda não-vozeada [t] e ataque oclusivo alveolar não-vozeado [t] em: <i>“I can see white teeth”.</i>	1 ocorrência
	Coda não-vozeada [t] e ataque vazio em: <i>“I can see a white angel”.</i>	1 ocorrência
	Coda não-vozeada [t] e ataque semivogal palatal [y] em: <i>“I can see a white uniform”.</i>	1 ocorrência
	Coda vozeada [d] e ataque semivogal bilabial [w] em: <i>“I can see a sad woman”.</i>	2 ocorrências
	<b>TOTAL</b>	<b>6 ocorrências</b>
<b>Informante 10</b>	Coda não-vozeada [t] e ataque fricativo palato alveolar não-vozeado [ʃ] em: <i>“I can see a white shirt”.</i>	1 ocorrência
	Coda não-vozeada [t] e ataque semivogal bilabial [w] em: <i>“I can see a fat woman”.</i>	1 ocorrência
	Coda vozeada [d] e ataque fricativo palato alveolar não-vozeado [ʃ] em: <i>“I can see a red shirt”.</i>	1 ocorrência
	Coda vozeada [d] e ataque oclusivo velar vozeado [g] em: <i>“I can see a blond girl”.</i>	1 ocorrência
	Coda vozeada [d] e ataque semivogal palatal [y] em: <i>“I can see a red uniform”.</i>	1 ocorrência
	<b>TOTAL</b>	<b>5 ocorrências</b>

## **CAPÍTULO 6**

### **CONCLUSÃO**

A pesquisa descrita nesta dissertação consiste de uma investigação sobre a ocorrência de epêntese na fala direcionada da língua inglesa, enquanto L2, por 10 alunos brasileiros. Considerando pesquisas realizadas anteriormente, entre elas Sato (1984) e Tarone (1980), a ocorrência de epêntese é inquestionavelmente um fenômeno presente na fala dos alunos; em algumas das pesquisas, Weinberger (1987) e Riney (1990), entre outras, a vogal epentética é mais freqüente do que o apagamento da coda final.

Os dados desta pesquisa foram coletados através da fala direcionada dos 10 alunos, que se deu através da exposição de figuras e descrição de cada uma delas pelos mesmos. As figuras foram selecionadas de modo a induzir os informantes a produzirem coda final com oclusiva alveolar não-vozeada [t], um total de 31 figuras; e coda final com oclusiva alveolar vozeada [d], um total de 27 figuras. Cada um dos informantes descreveu as 55 figuras em três seqüências diferentes, totalizando assim um corpus com 1740 sentenças.

Inicialmente, conforme mencionado na metodologia desta pesquisa no item 4.3, decidiu-se pela coleta de dados através da exposição de figuras (fala direcionada), entendendo que a leitura de sentenças poderia influenciar e aumentar a ocorrência de epêntese, conforme Brown (2000), e não pela fala espontânea devido à dificuldade de controle dos dados.

Todavia, os resultados demonstrados através de gráficos e tabelas, em percentagem e número de ocorrência, mostraram inserção de vogal epentética em 12,13% das sentenças, índice semelhante ao obtido por Sato (1984), que pesquisou a fala espontânea de crianças vietnamitas, 12%; e próximo ao resultado encontrado em Baptista e Silva Filho (1997), que investigaram a produção de informantes brasileiros através de leitura, 15,2%. No entanto, diferem dos dados de Benson (1988), que observou a fala espontânea de adultos vietnamitas: Benson não encontrou nenhum caso de epêntese.

A comparação desta pesquisa com a de Baptista e Silva Filho, ambas realizadas com informantes brasileiros falantes de português, indica que a metodologia da coleta de dados pode exercer influência sobre a ocorrência de epêntese, porém, pouco significativa.

Há ainda outras percentagens que merecem destaque. Considerando a percentagem de 12,13% de ocorrência, a coda oclusiva alveolar vozeada /d/ teve participação mais expressiva: das 211 ocorrências (12,13% do total de 1740 sentenças), 64,45% apresentavam coda vozeada, enquanto que apenas 35,55% tinham coda não-vozeada. Estes dados também se assemelham aos encontrados por Baptista e Silva Filho (1997), que concluíram ter ocorrido epêntese com coda vozeada em 62,02% dos casos, e 37,97% com coda não-vozeada.

No que diz respeito à análise dos dados, a dificuldade de avaliação da fala meramente através da audição de dois ou mais ouvintes e posterior confronto dos resultados direciona à necessidade de futuras pesquisas que contem com o recurso da análise

acústica. Este é reconhecidamente um aspecto da pesquisa sobre epêntese que merece tratamento outro que não apenas a análise instrumental, como se procedeu nesta pesquisa.

Outro procedimento adotado por esta pesquisa e que precisa ser aprimorado refere-se à análise dos dados. O uso de dados estatísticos convencionais representa limitação na interpretação dos resultados. Uma proposta para modificação deste quadro é a aplicação do programa VARBUL de análise. Trata-se de um programa desenvolvido com o objetivo de programar modelos matemáticos que procuram dar tratamento estatístico adequado a dados lingüísticos variáveis. É amplamente usado na sociolingüística e em pesquisas sobre interlíngua para situações de variação multidimensional como em Young (1988), que trata da regra de plural da língua inglesa por falantes chineses, e Young e Bayley (1996), que discorrem sobre todos os procedimentos pertinentes ao uso do programa.

Tanto o uso da análise acústica quanto o uso do programa VARBRUL podem atribuir às pesquisas sobre ocorrência de epêntese resultados mais criteriosos sobre a aprendizagem da L2.

## **ANEXO 1**

**ANEXO 1 – Grupos de Fatores ou Variáveis Independentes**

- 1. Ocorrência de epêntese:**  
ocorreu ( O ), não ocorreu ( N )
- 2. Quanto a sonoridade do coda consonantal 1:**  
não-vozeada ( o ), não-vozeada ( u )
- 3. Quanto ao som do ataque:**  
vocálico ( i ), consonantal ( x )
- 4. Quanto a sonoridade do ataque:**  
não-vozeada ( o ), não-vozeada ( u )
- 5. Quanto ao modo de articulação da consoante 2:**  
oclusiva ( c ), fricativa ( f ), vibrante ( r )  
nasal ( n ), lateral ( l ), semivogal ( s )
- 6. Quanto ao ponto de articulação da consoante 2:**  
bilabial ( b ), labiodental ( l ), alveolar ( a ), palatal ( p )  
palato-alveolar ( t ), velar ( v )

## **ANEXO 2**

**ANEXO 2 - COMBINAÇÕES**

1. Nuxucb white pants 1.a.1
2. Nuxocb white baby 1.a.2
3. Ouxocb fat boy 1.a.3
4. Nuxuca white teeth 1.a.4
5. Nuxuca white truck 1.a.5
6. Ouxoca fat dog 1.a.6
7. Nuxoca white dog 1.a.7
8. Nuxoca hot dog 1.a.8
9. Nuxucv white cat 1.a.9
10. Nuxucv white cup 1.a.10
11. Nuxucv credit card 1.a.11
12. Ouxocv fat girl 1.a.12
13. Nuxufl white face 1.a.13
14. Nuxufl white phone 1.a.14
15. Nuxofl white vase 1.a.15
16. Nuxufa white skirt 1.a.16
17. Nuxufa white sofa 1.a.17
18. Nuxufa white statue 1.a.18
19. Nuxufa white socks 1.a.19
20. Nuxuft white shirt 1.a.20
21. Nuxola white lamb 1.a.21
22. Nuxola white lamp 1.a.22
23. Ouxora white refrigerator 1.a.23
24. Nuxonb fat man 1.a.24
25. Nuxonb white machine 1.a.25
26. Nuxona white nails 1.a.26
27. Nuxosp white uniform 1.a.27
28. Nuxosb fat woman 1.a.28
29. Nuio// white eggs 1.a.29
30. Nuio// white angel 1.a.30
31. Ouio// white underwear 1.a.31
32. Nuio// white underwear 1.b.31
33. Nuio// white angel 1.b.30
34. Nuio// white eggs 1.b.29
35. Ouxosb fat woman 1.b.28
36. Nuxosp white uniform 1.b.27
37. Nuxona white nails 1.b.26
38. Ouxonb white machine 1.b.25
39. Nuxonb fat man 1.b.24
40. Nuxora white refrigerator 1.b.23
41. Nuxola white lamp 1.b.22
42. Nuxola white lamb 1.b.21
43. Nuxuft white shirt 1.b.20
44. Nuxufa white socks 1.b.19
45. Nuxufa white statue 1.b.18
46. Nuxufa white sofa 1.b.17
47. Nuxufa white skirt 1.b.16
48. Nuxofl white vase 1.b.15
49. Nuxufl white phone 1.b.14
50. Nuxufl white face 1.b.13
51. Nuxocv fat girl 1.b.12
52. Nuxucv credit card 1.b.11
53. Nuxucv white cup 1.b.10
54. Nuxucv white cat 1.b.9
55. Nuxoca hot dog 1.b.8
56. Nuxoca white dog 1.b.7
57. Nuxoca fat dog 1.b.6
58. Nuxuca white truck 1.b.5
59. Nuxuca white teeth 1.b.4
60. Ouxocb fat boy 1.b.3
61. Nuxocb white baby 1.b.2
62. Nuxucb white pants 1.b.1
63. Nuxucb white pants 1.c.1
64. Nuxocb white baby 1.c.2
65. Nuxocb fat boy 1.c.3
66. Nuxuca white teeth 1.c.4
67. Nuxuca white truck 1.c.5
68. Ouxoca fat dog 1.c.6
69. Nuxoca white dog 1.c.7
70. Nuxoca hot dog 1.c.8
71. Nuxucv white cat 1.c.9
72. Nuxucv white cup 1.c.10
73. Nuxucv credit card 1.c.11
74. Nuxocv fat girl 1.c.12
75. Nuxufl white face 1.c.13
76. Nuxufl white phone 1.c.14
77. Nuxofl white vase 1.c.15
78. Nuxufa white skirt 1.c.16
79. Nuxufa white sofa 1.c.17
80. Nuxufa white statue 1.c.18
81. Nuxufa white socks 1.c.19
82. Nuxuft white shirt 1.c.20
83. Nuxola white lamb 1.c.21
84. Nuxola white lamp 1.c.22
85. Nuxora white refrigerator 1.c.23
86. Nuxonb fat man 1.c.24
87. Ouxonb white machine 1.c.25
88. Nuxona white nails 1.c.26
89. Nuxosp white uniform 1.c.27
90. Nuxosb fat woman 1.c.28
91. Nuio// white eggs 1.c.29
92. Nuio// white angel 1.c.30
93. Nuio// white underwear 1.c.31
94. Ooxucb red pencil 1.d.32
95. Noxucb red plane 1.d.33
96. Noxocb red box 1.d.34
97. Noxocb blond boy 1.d.35
98. Noxocb red blouse 1.d.36

99. Ooxuca red tennis 1.d.37  
 100. Ooxoca red dress 1.d.38  
 101. Ooxucv old car 1.d.39  
 102. Ooxucv red car 1.d.40  
 103. Ooxocv blond girl 1.d.41  
 104. Noxufl red flower 1.d.42  
 105. Ooxofl red vase 1.d.43  
 106. Ooxufa red sofa 1.d.44  
 107. Noxufl red shirt 1.d.45  
 108. Ooxola red lips 1.d.46  
 109. Ooxola red lipstick 1.d.47  
 110. Noxora red robot 1.d.48  
 111. Noxora diamond ring 1.d.49  
 112. Noxonb old man 1.d.50  
 113. Noxona red nose 1.d.51  
 114. Ooxosp red uniform 1.d.52  
 115. Ooxosb old woman 1.d.53  
 116. Ooxosb sad woman 1.d.54  
 117. Noio// wild animal 1.d.55  
 118. Ooio// gold earrings 1.d.56  
 119. Ooio// red apples 1.d.57  
 120. Ooio// red umbrella 1.d.58  
 121. Ooio// red umbrella 1.e.58  
 122. Ooio// red apples 1.e.57  
 123. Noio// gold earrings 1.e.56  
 124. Noio// wild animal 1.e.55  
 125. Ooxosb sad woman 1.e.54  
 126. Ooxosb old woman 1.e.53  
 127. Ooxosp red uniform 1.e.52  
 128. Noxona red nose 1.e.51  
 129. Noxonb old man 1.e.50  
 130. Noxora diamond ring 1.e.49  
 131. Noxora red robot 1.e.48  
 132. Ooxola red lipstick 1.e.47  
 133. Noxola red lips 1.e.46  
 134. Ooxufl red shirt 1.e.45  
 135. Ooxufa red sofa 1.e.44  
 136. Ooxofl red vase 1.e.43  
 137. Ooxufl red flower 1.e.42  
 138. Noxocv blond girl 1.e.41  
 139. Ooxucv red car 1.e.40  
 140. Ooxucv old car 1.e.39  
 141. Noxoca red dress 1.e.38  
 142. Ooxuca red tennis 1.e.37  
 143. Noxocb red blouse 1.e.36  
 144. Noxocb blond boy 1.e.35  
 145. Ooxocb red box 1.e.34  
 146. Ooxucb red plane 1.e.33  
 147. Noxucb red pencil 1.e.32  
 148. Noxucb red pencil 1.f.32  
 149. Noxucb red plane 1.f.33  
 150. Noxocb red box 1.f.34  
 151. Noxocb blond boy 1.f.35  
 152. Noxocb red blouse 1.f.36  
 153. Noxuca red tennis 1.f.37  
 154. Noxoca red dress 1.f.38  
 155. Noxucv old car 1.f.39  
 156. Noxucv red car 1.f.40  
 157. Noxocv blond girl 1.f.41  
 158. Noxufl red flower 1.f.42  
 159. Noxofl red vase 1.f.43  
 160. Noxufa red sofa 1.f.44  
 161. Ooxufl red shirt 1.f.45  
 162. Noxola red lips 1.f.46  
 163. Ooxola red lipstick 1.f.47  
 164. Ooxora red robot 1.f.48  
 165. Noxora diamond ring 1.f.49  
 166. Noxonb old man 1.f.50  
 167. Noxona red nose 1.f.51  
 168. Noxosp red uniform 1.f.52  
 169. Ooxosb old woman 1.f.53  
 170. Ooxosb sad woman 1.f.54  
 171. Noio// wild animal 1.f.55  
 172. Ooio// gold earrings 1.f.56  
 173. Ooio// red apples 1.f.57  
 174. Ooio// red umbrella 1.f.58  
 175. Nuxucb white pants 2.a.1  
 176. Nuxocb white baby 2.a.2  
 177. Nuxocb fat boy 2.a.3  
 178. Nuxuca white teeth 2.a.4  
 179. Nuxuca white truck 2.a.5  
 180. Nuxoca fat dog 2.a.6  
 181. Nuxoca white dog 2.a.7  
 182. Nuxoca hot dog 2.a.8  
 183. Nuxucv white cat 2.a.9  
 184. Nuxucv white cup 2.a.10  
 185. Nuxucv credit card 2.a.11  
 186. Nuxocv fat girl 2.a.12  
 187. Nuxufl white face 2.a.13  
 188. Nuxufl white phone 2.a.14  
 189. Nuxofl white vase 2.a.15  
 190. Nuxufa white skirt 2.a.16  
 191. Nuxufa white sofa 2.a.17  
 192. Nuxufa white statue 2.a.18  
 193. Nuxufa white socks 2.a.19  
 194. Ooxufl white shirt 2.a.20  
 195. Nuxola white lamb 2.a.21  
 196. Nuxola white lamp 2.a.22  
 197. Nuxora white refrigerator 2.a.23  
 198. Nuxonb fat man 2.a.24

199. Nuxonb white machine 2.a.25  
 200. Nuxona white nails 2.a.26  
 201. Nuxosp white uniform 2.a.27  
 202. Ouxosb fat woman 2.a.28  
 203. Ouoio// white eggs 2.a.29  
 204. Nuio// white angel 2.a.30  
 205. Nuio// white underwear 2.a.31  
 206. Nuio// white underwear 2.b.31  
 207. Ouoio// white angel 2.b.30  
 208. Ouoio// white eggs 2.b.29  
 209. Ouxosb fat woman 2.b.28  
 210. Nuxosp white uniform 2.b.27  
 211. Nuxona white nails 2.b.26  
 212. Nuxonb white machine 2.b.25  
 213. Nuxonb fat man 2.b.24  
 214. Nuxora white refrigerator 2.b.23  
 215. Nuxola white lamp 2.b.22  
 216. Nuxola white lamb 2.b.21  
 217. Nuxuft white shirt 2.b.20  
 218. Nuxufa white socks 2.b.19  
 219. Nuxufa white statue 2.b.18  
 220. Nuxufa white sofa 2.b.17  
 221. Nuxufa white skirt 2.b.16  
 222. Nuxofl white vase 2.b.15  
 223. Nuxufl white phone 2.b.14  
 224. Nuxufl white face 2.b.13  
 225. Nuxocv fat girl 2.b.12  
 226. Nuxucv credit card 2.b.11  
 227. Nuxucv white cup 2.b.10  
 228. Nuxucv white cat 2.b.9  
 229. Nuxoca hot dog 2.b.8  
 230. Nuxoca white dog 2.b.7  
 231. Nuxoca fat dog 2.b.6  
 232. Nuxuca white truck 2.b.5  
 233. Nuxuca white teeth 2.b.4  
 234. Nuxocb fat boy 2.b.3  
 235. Nuxocb white baby 2.b.2  
 236. Nuxucb white pants 2.b.1  
 237. Nuxucb white pants 2.c.1  
 238. Nuxocb white baby 2.c.2  
 239. Nuxocb fat boy 2.c.3  
 240. Nuxuca white teeth 2.c.4  
 241. Nuxuca white truck 2.c.5  
 242. Nuxoca fat dog 2.c.6  
 243. Nuxoca white dog 2.c.7  
 244. Nuxoca hot dog 2.c.8  
 245. Nuxucv white cat 2.c.9  
 246. Nuxucv white cup 2.c.10  
 247. Nuxucv credit card 2.c.11  
 248. Nuxocv fat girl 2.c.12  
 249. Nuxufl white face 2.c.13  
 250. Nuxufl white phone 2.c.14  
 251. Nuxofl white vase 2.c.15  
 252. Nuxufa white skirt 2.c.16  
 253. Nuxufa white sofa 2.c.17  
 254. Nuxufa white statue 2.c.18  
 255. Ouxufa white socks 2.c.19  
 256. Nuxuft white shirt 2.c.20  
 257. Nuxola white lamb 2.c.21  
 258. Nuxola white lamp 2.c.22  
 259. Nuxora white refrigerator 2.c.23  
 260. Nuxonb fat man 2.c.24  
 261. Nuxonb white machine 2.c.25  
 262. Nuxona white nails 2.c.26  
 263. Nuxosp white uniform 2.c.27  
 264. Nuxosb fat woman 2.c.28  
 265. Nuio// white eggs 2.c.29  
 266. Nuio// white angel 2.c.30  
 267. Nuio// white underwear 2.c.31  
 268. Noxucb red pencil 2.d.32  
 269. Noxucb red plane 2.d.33  
 270. Noxocb red box 2.d.34  
 271. Noxocb blond boy 2.d.35  
 272. Noxocb red blouse 2.d.36  
 273. Noxuca red tennis 2.d.37  
 274. Noxoca red dress 2.d.38  
 275. Noxucv old car 2.d.39  
 276. Noxucv red car 2.d.40  
 277. Noxocv blond girl 2.d.41  
 278. Noxufl red flower 2.d.42  
 279. Noxofl red vase 2.d.43  
 280. Noxufa red sofa 2.d.44  
 281. Noxufl red shirt 2.d.45  
 282. Noxola red lips 2.d.46  
 283. Noxola red lipstick 2.d.47  
 284. Oxora red robot 2.d.48  
 285. Noxora diamond ring 2.d.49  
 286. Noxonb old man 2.d.50  
 287. Noxona red nose 2.d.51  
 288. Ooxosp red uniform 2.d.52  
 289. Ooxosb old woman 2.d.53  
 290. Ooxosb sad woman 2.d.54  
 291. Noio// wild animal 2.d.55  
 292. Noio// gold earrings 2.d.56  
 293. Noio// red apples 2.d.57  
 294. Ooio// red umbrella 2.d.58  
 295. Noio// red umbrella 2.e.58  
 296. Ooio// red apples 2.e.57  
 297. Noio// gold earrings 2.e.56  
 298. Noio// wild animal 2.e.55

299. Ooxosb sad woman 2.e.54  
300. Ooxosb old woman 2.e.53  
301. Noxosp red uniform 2.e.52  
302. Noxona red nose 2.e.51  
303. Noxonb old man 2.e.50  
304. Noxora diamond ring 2.e.49  
305. Ooxora red robot 2.e.48  
306. Noxola red lipstick 2.e.47  
307. Noxola red lips 2.e.46  
308. Noxufl red shirt 2.e.45  
309. Noxufa red sofa 2.e.44  
310. Noxofl red vase 2.e.43  
311. Noxufl red flower 2.e.42  
312. Noxocv blond girl 2.e.41  
313. Noxucv red car 2.e.40  
314. Noxucv old car 2.e.39  
315. Noxoca red dress 2.e.38  
316. Noxuca red tennis 2.e.37  
317. Noxocb red blouse 2.e.36  
318. Noxocb blond boy 2.e.35  
319. Noxocb red box 2.e.34  
320. Noxucb red plane 2.e.33  
321. Noxucb red pencil 2.e.32  
322. Noxucb red pencil 2.f.32  
323. Ooxucb red plane 2.f.33  
349. Nuxucb white pants 3.a.1  
350. Nuxocb white baby 3.a.2  
351. Nuxocb fat boy 3.a.3  
352. Nuxuca white teeth 3.a.4  
353. Nuxuca white truck 3.a.5  
354. Nuxoca fat dog 3.a.6  
355. Ouxoca white dog 3.a.7  
356. Ouxoca hot dog 3.a.8  
357. Nuxucv white cat 3.a.9  
358. Nuxucv white cup 3.a.10  
359. Nuxucv credit card 3.a.11  
360. Nuxocv fat girl 3.a.12  
361. Nuxufl white face 3.a.13  
362. Nuxufl white phone 3.a.14  
363. Nuxofl white vase 3.a.15  
364. Nuxufa white skirt 3.a.16  
365. Nuxufa white sofa 3.a.17  
366. Ouxufa white statue 3.a.18  
367. Nuxufa white socks 3.a.19  
368. Nuxufl white shirt 3.a.20  
369. Nuxola white lamb 3.a.21  
370. Nuxola white lamp 3.a.22  
371. Nuxora white refrigerator 3.a.23  
372. Nuxonb fat man 3.a.24  
373. Nuxonb white machine 3.a.25  
324. Noxocb red box 2.f.34  
325. Noxocb blond boy 2.f.35  
326. Noxocb red blouse 2.f.36  
327. Noxuca red tennis 2.f.37  
328. Noxoca red dress 2.f.38  
329. Noxucv old car 2.f.39  
330. Noxucv red car 2.f.40  
331. Noxocv blond girl 2.f.41  
332. Noxufl red flower 2.f.42  
333. Noxofl red vase 2.f.43  
334. Noxufa red sofa 2.f.44  
335. Noxufl red shirt 2.f.45  
336. Noxola red lips 2.f.46  
337. Noxola red lipstick 2.f.47  
338. Ooxora red robot 2.f.48  
339. Noxora diamond ring 2.f.49  
340. Noxonb old man 2.f.50  
341. Noxona red nose 2.f.51  
342. Noxosp red uniform 2.f.52  
343. Ooxosb old woman 2.f.53  
344. Noxosb sad woman 2.f.54  
345. Noio// wild animal 2.f.55  
346. Noio// gold earrings 2.f.56  
347. Ooio// red apples 2.f.57  
348. Ooio// red umbrella 2.f.58  
374. Nuxona white nails 3.a.26  
375. Nuxosp white uniform 3.a.27  
376. Ouxosb fat woman 3.a.28  
377. Nuio// white eggs 3.a.29  
378. Nuio// white angel 3.a.30  
379. Ouoio// white underwear 3.a.31  
380. Ouoio// white underwear 3.b.31  
381. Nuio// white angel 3.b.30  
382. Nuio// white eggs 3.b.29  
383. Nuxosb fat woman 3.b.28  
384. Nuxosp white uniform 3.b.27  
385. Nuxona white nails 3.b.26  
386. Nuxonb white machine 3.b.25  
387. Nuxonb fat man 3.b.24  
388. Nuxora white refrigerator 3.b.23  
389. Nuxola white lamp 3.b.22  
390. Nuxola white lamb 3.b.21  
391. Nuxufl white shirt 3.b.20  
392. Nuxufa white socks 3.b.19  
393. Ouxufa white statue 3.b.18  
394. Nuxufa white sofa 3.b.17  
395. Nuxufa white skirt 3.b.16  
396. Nuxofl white vase 3.b.15  
397. Nuxufl white phone 3.b.14  
398. Nuxufl white face 3.b.13

399. Nuxocv fat girl 3.b.12  
400. Nuxucv credit card 3.b.11  
401. Nuxucv white cup 3.b.10  
402. Ouxucv white cat 3.b.9  
403. Nuxoca hot dog 3.b.8  
404. Nuxoca white dog 3.b.7  
405. Nuxoca fat dog 3.b.6  
406. Ouxuca white truck 3.b.5  
407. Ouxuca white teeth 3.b.4  
408. Nuxocb fat boy 3.b.3  
409. Ouxocb white baby 3.b.2  
410. Nuxucb white pants 3.b.1  
411. Nuxucb white pants 3.c.1  
412. Nuxocb white baby 3.c.2  
413. Nuxocb fat boy 3.c.3  
414. Nuxuca white teeth 3.c.4  
415. Nuxuca white truck 3.c.5  
416. Nuxoca fat dog 3.c.6  
417. Ouxoca white dog 3.c.7  
418. Ouxoca hot dog 3.c.8  
419. Nuxucv white cat 3.c.9  
420. Nuxucv white cup 3.c.10  
421. Nuxucv credit card 3.c.11  
422. Nuxocv fat girl 3.c.12  
423. Nuxufl white face 3.c.13  
424. Nuxufl white phone 3.c.14  
425. Nuxufl white vase 3.c.15  
426. Nuxufa white skirt 3.c.16  
427. Nuxufa white sofa 3.c.17  
428. Nuxufa white statue 3.c.18  
429. Nuxufa white socks 3.c.19  
430. Nuxuft white shirt 3.c.20  
431. Nuxola white lamb 3.c.21  
432. Nuxola white lamp 3.c.22  
433. Nuxora white refrigerator 3.c.23  
434. Nuxonb fat man 3.c.24  
435. Nuxonb white machine 3.c.25  
436. Nuxona white nails 3.c.26  
437. Nuxosp white uniform 3.c.27  
438. Ouxosb fat woman 3.c.28  
439. Nuio// white eggs 3.c.29  
440. Nuio// white angel 3.c.30  
441. Ouio// white underwear 3.c.31  
442. Noxucb red pencil 3.d.32  
443. Noxucb red plane 3.d.33  
444. Noxocb red box 3.d.34  
445. Noxocb blond boy 3.d.35  
446. Noxocb red blouse 3.d.36  
447. Noxuca red tennis 3.d.37  
448. Ooxoca red dress 3.d.38  
449. Noxucv old car 3.d.39  
450. Noxucv red car 3.d.40  
451. Noxocv blond girl 3.d.41  
452. Noxufl red flower 3.d.42  
453. Noxofl red vase 3.d.43  
454. Noxufa red sofa 3.d.44  
455. Noxufl red shirt 3.d.45  
456. Noxola red lips 3.d.46  
457. Noxola red lipstick 3.d.47  
458. Ooxora red robot 3.d.48  
459. Noxora diamond ring 3.d.49  
460. Noxonb old man 3.d.50  
461. Noxona red nose 3.d.51  
462. Ooxosp red uniform 3.d.52  
463. Ooxosb old woman 3.d.53  
464. Ooxosb sad woman 3.d.54  
465. Ooio// wild animal 3.d.55  
466. Noio// gold earrings 3.d.56  
467. Noio// red apples 3.d.57  
468. Noio// red umbrella 3.d.58  
469. Ooio// red umbrella 3.e.58  
470. Noio// red apples 3.e.57  
471. Noio// gold earrings 3.e.56  
472. Noio// wild animal 3.e.55  
473. Ooxosb sad woman 3.e.54  
474. Ooxosb old woman 3.e.53  
475. Noxosp red uniform 3.e.52  
476. Noxona red nose 3.e.51  
477. Noxonb old man 3.e.50  
478. Noxora diamond ring 3.e.49  
479. Ooxora red robot 3.e.48  
480. Noxola red lipstick 3.e.47  
481. Ooxola red lips 3.e.46  
482. Noxufl red shirt 3.e.45  
483. Noxufa red sofa 3.e.44  
484. Noxofl red vase 3.e.43  
485. Noxufl red flower 3.e.42  
486. Noxocv blond girl 3.e.41  
487. Noxucv red car 3.e.40  
488. Noxucv old car 3.e.39  
489. Noxoca red dress 3.e.38  
490. Noxuca red tennis 3.e.37  
491. Noxocb red blouse 3.e.36  
492. Noxocb blond boy 3.e.35  
493. Ooxocb red box 3.e.34  
494. Ooxucb red plane 3.e.33  
495. Noxucb red pencil 3.e.32  
496. Noxucb red pencil 3.f.32  
497. Noxucb red plane 3.f.33  
498. Noxocb red box 3.f.34

499. Noxocb blond boy 3.f.35  
500. Ooxocb red blouse 3.f.36  
501. Noxuca red tennis 3.f.37  
502. Ooxoca red dress 3.f.38  
503. Noxucv old car 3.f.39  
504. Ooxucv red car 3.f.40  
505. Noxocv blond girl 3.f.41  
506. Noxufl red flower 3.f.42  
507. Noxofl red vase 3.f.43  
508. Noxufa red sofa 3.f.44  
509. Noxufl red shirt 3.f.45  
510. Noxola red lips 3.f.46  
523. Nuxucb white pants 4.a.1  
524. Nuxocb white baby 4.a.2  
525. Nuxocb fat boy 4.a.3  
526. Nuxuca white teeth 4.a.4  
527. Nuxuca white truck 4.a.5  
528. Nuxoca fat dog 4.a.6  
529. Nuxoca white dog 4.a.7  
530. Nuxoca hot dog 4.a.8  
531. Nuxucv white cat 4.a.9  
532. Ouxucv white cup 4.a.10  
533. Nuxucv credit card 4.a.11  
534. Nuxocv fat girl 4.a.12  
535. Nuxufl white face 4.a.13  
536. Nuxufl white phone 4.a.14  
537. Nuxofl white vase 4.a.15  
538. Nuxufa white skirt 4.a.16  
539. Nuxufa white sofa 4.a.17  
540. Nuxufa white statue 4.a.18  
541. Nuxufa white socks 4.a.19  
542. Nuxufl white shirt 4.a.20  
543. Nuxola white lamb 4.a.21  
544. Nuxola white lamp 4.a.22  
545. Nuxora white refrigerator 4.a.23  
546. Nuxonb fat man 4.a.24  
547. Nuxonb white machine 4.a.25  
548. Nuxona white nails 4.a.26  
549. Nuxosp white uniform 4.a.27  
550. Ouxosb fat woman 4.a.28  
551. Nuio// white eggs 4.a.29  
552. Nuio// white angel 4.a.30  
553. Nuio// white underwear 4.a.31  
554. Nuio// white underwear 4.b.31  
555. Nuio// white angel 4.b.30  
556. Nuio// white eggs 4.b.29  
557. Nuxosb fat woman 4.b.28  
558. Nuxosp white uniform 4.b.27  
559. Nuxona white nails 4.b.26  
560. Nuxonb white machine 4.b.25  
511. Ooxola red lipstick 3.f.47  
512. Ooxora red robot 3.f.48  
513. Noxora diamond ring 3.f.49  
514. Noxonb old man 3.f.50  
515. Noxona red nose 3.f.51  
516. Ooxosp red uniform 3.f.52  
517. Noxosb old woman 3.f.53  
518. Ooxosb sad woman 3.f.54  
519. Noio// wild animal 3.f.55  
520. Noio// gold earrings 3.f.56  
521. Ooio// red apples 3.f.57  
522. Noio// red umbrella 3.f.58  
561. Ouxonb fat man 4.b.24  
562. Nuxora white refrigerator 4.b.23  
563. Nuxola white lamp 4.b.22  
564. Nuxola white lamb 4.b.21  
565. Nuxufl white shirt 4.b.20  
566. Nuxufa white socks 4.b.19  
567. Nuxufa white statue 4.b.18  
568. Nuxufa white sofa 4.b.17  
569. Nuxufa white skirt 4.b.16  
570. Nuxofl white vase 4.b.15  
571. Nuxufl white phone 4.b.14  
572. Nuxufl white face 4.b.13  
573. Nuxocv fat girl 4.b.12  
574. Nuxucv credit card 4.b.11  
575. Nuxucv white cup 4.b.10  
576. Nuxucv white cat 4.b.9  
577. Nuxoca hot dog 4.b.8  
578. Nuxoca white dog 4.b.7  
579. Nuxoca fat dog 4.b.6  
580. Nuxuca white truck 4.b.5  
581. Nuxuca white teeth 4.b.4  
582. Nuxocb fat boy 4.b.3  
583. Nuxocb white baby 4.b.2  
584. Nuxucb white pants 4.b.1  
585. Nuxucb white pants 4.c.1  
586. Nuxocb white baby 4.c.2  
587. Nuxocb fat boy 4.c.3  
588. Nuxuca white teeth 4.c.4  
589. Nuxuca white truck 4.c.5  
590. Nuxoca fat dog 4.c.6  
591. Nuxoca white dog 4.c.7  
592. Nuxoca hot dog 4.c.8  
593. Nuxucv white cat 4.c.9  
594. Nuxucv white cup 4.c.10  
595. Nuxucv credit card 4.c.11  
596. Nuxocv fat girl 4.c.12  
597. Nuxufl white face 4.c.13  
598. Nuxufl white phone 4.c.14

599. Nuxofl white vase 4.c.15  
600. Nuxufa white skirt 4.c.16  
601. Nuxufa white sofa 4.c.17  
602. Nuxufa white statue 4.c.18  
603. Nuxufa white socks 4.c.19  
604. Nuxuft white shirt 4.c.20  
605. Nuxola white lamb 4.c.21  
606. Nuxola white lamp 4.c.22  
607. Nuxora white refrigerator 4.c.23  
608. Nuxonb fat man 4.c.24  
609. Nuxonb white machine 4.c.25  
610. Nuxona white nails 4.c.26  
611. Nuxosp white uniform 4.c.27  
612. Nuxosb fat woman 4.c.28  
613. Nuio// white eggs 4.c.29  
614. Nuio// white angel 4.c.30  
615. Nuio// white underwear 4.c.31  
616. Noxucb red pencil 4.d.32  
617. Noxucb red plane 4.d.33  
618. Noxocb red box 4.d.34  
619. Noxocb blond boy 4.d.35  
620. Noxocb red blouse 4.d.36  
621. Noxuca red tennis 4.d.37  
622. Noxoca red dress 4.d.38  
623. Ooxucv old car 4.d.39  
624. Noxucv red car 4.d.40  
625. Noxocv blond girl 4.d.41  
626. Noxufl red flower 4.d.42  
627. Noxofl red vase 4.d.43  
628. Noxufa red sofa 4.d.44  
629. Ooxuft red shirt 4.d.45  
630. Noxola red lips 4.d.46  
631. Noxola red lipstick 4.d.47  
632. Noxora red robot 4.d.48  
633. Noxora diamond ring 4.d.49  
634. Noxonb old man 4.d.50  
635. Noxona red nose 4.d.51  
636. Noxosp red uniform 4.d.52  
637. Ooxosb old woman 4.d.53  
638. Noxosb sad woman 4.d.54  
639. Noio// wild animal 4.d.55  
640. Noio// gold earrings 4.d.56  
641. Noio// red apples 4.d.57  
642. Noio// red umbrella 4.d.58  
643. Noio// red umbrella 4.e.58  
644. Noio// red apples 4.e.57  
645. Ooio// gold earrings 4.e.56  
646. Noio// wild animal 4.e.55  
647. Ooxosb sad woman 4.e.54  
648. Ooxosb old woman 4.e.53  
649. Noxosp red uniform 4.e.52  
650. Noxona red nose 4.e.51  
651. Noxonb old man 4.e.50  
652. Noxora diamond ring 4.e.49  
653. Noxora red robot 4.e.48  
654. Noxola red lipstick 4.e.47  
655. Noxola red lips 4.e.46  
656. Noxuft red shirt 4.e.45  
657. Noxufa red sofa 4.e.44  
658. Noxofl red vase 4.e.43  
659. Noxufl red flower 4.e.42  
660. Noxocv blond girl 4.e.41  
661. Noxucv red car 4.e.40  
662. Noxucv old car 4.e.39  
663. Noxoca red dress 4.e.38  
664. Noxuca red tennis 4.e.37  
665. Noxocb red blouse 4.e.36  
666. Noxocb blond boy 4.e.35  
667. Noxocb red box 4.e.34  
668. Noxucb red plane 4.e.33  
669. Noxucb red pencil 4.e.32  
670. Noxucb red pencil 4.f.32  
671. Noxucb red plane 4.f.33  
672. Noxocb red box 4.f.34  
673. Noxocb blond boy 4.f.35  
674. Noxocb red blouse 4.f.36  
675. Noxuca red tennis 4.f.37  
676. Noxoca red dress 4.f.38  
677. Ooxucv old car 4.f.39  
678. Noxucv red car 4.f.40  
679. Ooxocv blond girl 4.f.41  
680. Noxufl red flower 4.f.42  
681. Noxofl red vase 4.f.43  
682. Noxufa red sofa 4.f.44  
683. Noxuft red shirt 4.f.45  
684. Noxola red lips 4.f.46  
685. Noxola red lipstick 4.f.47  
686. Ooxora red robot 4.f.48  
687. Noxora diamond ring 4.f.49  
688. Noxonb old man 4.f.50  
689. Noxona red nose 4.f.51  
690. Noxosp red uniform 4.f.52  
691. Ooxosb old woman 4.f.53  
692. Noxosb sad woman 4.f.54  
693. Ooio// wild animal 4.f.55  
694. Ooio// gold earrings 4.f.56  
695. Noio// red apples 4.f.57  
696. Noio// red umbrella 4.f.58  
697. Nuxucb white pants 5.a.1  
698. Nuxocb white baby 5.a.2

699. Nuxocb fat boy 5.a.3  
700. Nuxuca white teeth 5.a.4  
701. Nuxuca white truck 5.a.5  
702. Nuxoca fat dog 5.a.6  
703. Nuxoca white dog 5.a.7  
704. Nuxoca hot dog 5.a.8  
705. Ouxucv white cat 5.a.9  
706. Nuxucv white cup 5.a.10  
707. Nuxucv credit card 5.a.11  
708. Nuxocv fat girl 5.a.12  
709. Ouxufl white face 5.a.13  
710. Nuxufl white phone 5.a.14  
711. Nuxofl white vase 5.a.15  
712. Nuxufa white skirt 5.a.16  
713. Nuxufa white sofa 5.a.17  
714. Nuxufa white statue 5.a.18  
715. Nuxufa white socks 5.a.19  
716. Nuxuft white shirt 5.a.20  
717. Nuxola white lamb 5.a.21  
718. Nuxola white lamp 5.a.22  
719. Nuxora white refrigerator 5.a.23  
720. Nuxonb fat man 5.a.24  
721. Nuxonb white machine 5.a.25  
722. Nuxona white nails 5.a.26  
723. Nuxosp white uniform 5.a.27  
724. Nuxosb fat woman 5.a.28  
725. Nuio// white eggs 5.a.29  
726. Nuio// white angel 5.a.30  
727. Nuio// white underwear 5.a.31  
728. Nuio// white underwear 5.b.31  
729. Nuio// white angel 5.b.30  
730. Nuio// white eggs 5.b.29  
731. Nuxosb fat woman 5.b.28  
732. Nuxosp white uniform 5.b.27  
733. Nuxona white nails 5.b.26  
734. Nuxonb white machine 5.b.25  
735. Ouxonb fat man 5.b.24  
736. Nuxora white refrigerator 5.b.23  
737. Nuxola white lamp 5.b.22  
738. Nuxola white lamb 5.b.21  
739. Ouxuft white shirt 5.b.20  
740. Nuxufa white socks 5.b.19  
741. Nuxufa white statue 5.b.18  
742. Nuxufa white sofa 5.b.17  
743. Nuxufa white skirt 5.b.16  
744. Ouxofl white vase 5.b.15  
745. Nuxufl white phone 5.b.14  
746. Nuxufl white face 5.b.13  
747. Nuxocv fat girl 5.b.12  
748. Nuxucv credit card 5.b.11  
749. Nuxucv white cup 5.b.10  
750. Nuxucv white cat 5.b.9  
751. Nuxoca hot dog 5.b.8  
752. Nuxoca white dog 5.b.7  
753. Nuxoca fat dog 5.b.6  
754. Nuxuca white truck 5.b.5  
755. Nuxuca white teeth 5.b.4  
756. Nuxocb fat boy 5.b.3  
757. Ouxocb white baby 5.b.2  
758. Nuxucb white pants 5.b.1  
759. Nuxucb white pants 5.c.1  
760. Nuxocb white baby 5.c.2  
761. Nuxocb fat boy 5.c.3  
762. Nuxuca white teeth 5.c.4  
763. Nuxuca white truck 5.c.5  
764. Nuxoca fat dog 5.c.6  
765. Nuxoca white dog 5.c.7  
766. Nuxoca hot dog 5.c.8  
767. Nuxucv white cat 5.c.9  
768. Nuxucv white cup 5.c.10  
769. Nuxucv credit card 5.c.11  
770. Nuxocv fat girl 5.c.12  
771. Ouxufl white face 5.c.13  
772. Nuxufl white phone 5.c.14  
773. Nuxofl white vase 5.c.15  
774. Nuxufa white skirt 5.c.16  
775. Nuxufa white sofa 5.c.17  
776. Nuxufa white statue 5.c.18  
777. Nuxufa white socks 5.c.19  
778. Nuxuft white shirt 5.c.20  
779. Nuxola white lamb 5.c.21  
780. Nuxola white lamp 5.c.22  
781. Nuxora white refrigerator 5.c.23  
782. Nuxonb fat man 5.c.24  
783. Nuxonb white machine 5.c.25  
784. Nuxona white nails 5.c.26  
785. Nuxosp white uniform 5.c.27  
786. Nuxosb fat woman 5.c.28  
787. Nuio// white eggs 5.c.29  
788. Nuio// white angel 5.c.30  
789. Nuio// white underwear 5.c.31  
790. Noxucb red pencil 5.d.32  
791. Noxucb red plane 5.d.33  
792. Noxocb red box 5.d.34  
793. Noxocb blond boy 5.d.35  
794. Noxocb red blouse 5.d.36  
795. Noxuca red tennis 5.d.37  
796. Noxoca red dress 5.d.38  
797. Noxucv old car 5.d.39  
798. Noxucv red car 5.d.40

799. Noxocv blond girl 5.d.41  
800. Noxufl red flower 5.d.42  
801. Noxofl red vase 5.d.43  
802. Noxufa red sofa 5.d.44  
803. Noxufl red shirt 5.d.45  
804. Noxola red lips 5.d.46  
805. Noxola red lipstick 5.d.47  
806. Noxora red robot 5.d.48  
807. Noxora diamond ring 5.d.49  
808. Noxonb old man 5.d.50  
809. Noxona red nose 5.d.51  
810. Noxosp red uniform 5.d.52  
811. Noxosb old woman 5.d.53  
812. Noxosb sad woman 5.d.54  
813. Noio// wild animal 5.d.55  
814. Noio// gold earrings 5.d.56  
815. Noio// red apples 5.d.57  
816. Noio// red umbrella 5.d.58  
817. Noio// red umbrella 5.e.58  
818. Noio// red apples 5.e.57  
819. Noio// gold earrings 5.e.56  
820. Noio// wild animal 5.e.55  
821. Noxosb sad woman 5.e.54  
822. Noxosb old woman 5.e.53  
823. Noxosp red uniform 5.e.52  
824. Noxona red nose 5.e.51  
825. Noxonb old man 5.e.50  
826. Noxora diamond ring 5.e.49  
827. Noxora red robot 5.e.48  
828. Noxola red lipstick 5.e.47  
829. Noxola red lips 5.e.46  
830. Noxufl red shirt 5.e.45  
831. Noxufa red sofa 5.e.44  
832. Noxofl red vase 5.e.43  
833. Noxufl red flower 5.e.42  
834. Noxocv blond girl 5.e.41  
871. Nuxucb white pants 6.a.1  
872. Nuxocb white baby 6.a.2  
873. Nuxocb fat boy 6.a.3  
874. Nuxuca white teeth 6.a.4  
875. Nuxuca white truck 6.a.5  
876. Nuxoca fat dog 6.a.6  
877. Nuxoca white dog 6.a.7  
878. Nuxoca hot dog 6.a.8  
879. Nuxucv white cat 6.a.9  
880. Nuxucv white cup 6.a.10  
881. Nuxucv credit card 6.a.11  
882. Ouxocv fat girl 6.a.12  
883. Nuxufl white face 6.a.13  
884. Nuxufl white phone 6.a.14  
835. Noxucv red car 5.e.40  
836. Noxucv old car 5.e.39  
837. Noxoca red dress 5.e.38  
838. Noxuca red tennis 5.e.37  
839. Noxocb red blouse 5.e.36  
840. Noxocb blond boy 5.e.35  
841. Noxocb red box 5.e.34  
842. Noxucb red plane 5.e.33  
843. Noxucb red pencil 5.e.32  
844. Noxucb red pencil 5.f.32  
845. Noxucb red plane 5.f.33  
846. Noxocb red box 5.f.34  
847. Noxocb blond boy 5.f.35  
848. Noxocb red blouse 5.f.36  
849. Noxuca red tennis 5.f.37  
850. Noxoca red dress 5.f.38  
851. Noxucv old car 5.f.39  
852. Noxucv red car 5.f.40  
853. Noxocv blond girl 5.f.41  
854. Noxufl red flower 5.f.42  
855. Noxofl red vase 5.f.43  
856. Noxufa red sofa 5.f.44  
857. Noxufl red shirt 5.f.45  
858. Noxola red lips 5.f.46  
859. Noxola red lipstick 5.f.47  
860. Noxora red robot 5.f.48  
861. Noxora diamond ring 5.f.49  
862. Noxonb old man 5.f.50  
863. Noxona red nose 5.f.51  
864. Noxosp red uniform 5.f.52  
865. Noxosb old woman 5.f.53  
866. Noxosb sad woman 5.f.54  
867. Noio// wild animal 5.f.55  
868. Noio// gold earrings 5.f.56  
869. Noio// red apples 5.f.57  
870. Noio// red umbrella 5.f.58  
885. Nuxofl white vase 6.a.15  
886. Nuxufa white skirt 6.a.16  
887. Nuxufa white sofa 6.a.17  
888. Nuxufa white statue 6.a.18  
889. Nuxufa white socks 6.a.19  
890. Nuxufl white shirt 6.a.20  
891. Nuxola white lamb 6.a.21  
892. Nuxola white lamp 6.a.22  
893. Nuxora white refrigerator 6.a.23  
894. Nuxonb fat man 6.a.24  
895. Nuxonb white machine 6.a.25  
896. Nuxona white nails 6.a.26  
897. Nuxosp white uniform 6.a.27  
898. Nuxosb fat woman 6.a.28

899. Nuio// white eggs 6.a.29  
 900. Nuio// white angel 6.a.30  
 901. Nuio// white underwear 6.a.31  
 902. Nuio// white underwear 6.b.31  
 903. Nuio// white angel 6.b.30  
 904. Nuio// white eggs 6.b.29  
 905. Nuxosb fat woman 6.b.28  
 906. Nuxosp white uniform 6.b.27  
 907. Nuxona white nails 6.b.26  
 908. Nuxonb white machine 6.b.25  
 909. Nuxonb fat man 6.b.24  
 910. Nuxora white refrigerator 6.b.23  
 911. Nuxola white lamp 6.b.22  
 912. Nuxola white lamb 6.b.21  
 913. Ouxuft white shirt 6.b.20  
 914. Nuxufa white socks 6.b.19  
 915. Nuxufa white statue 6.b.18  
 916. Nuxufa white sofa 6.b.17  
 917. Nuxufa white skirt 6.b.16  
 918. Nuxofl white vase 6.b.15  
 919. Nuxufl white phone 6.b.14  
 920. Nuxufl white face 6.b.13  
 921. Nuxocv fat girl 6.b.12  
 922. Nuxucv credit card 6.b.11  
 923. Nuxucv white cup 6.b.10  
 924. Nuxucv white cat 6.b.9  
 925. Nuxoca hot dog 6.b.8  
 926. Ouxoca white dog 6.b.7  
 927. Nuxoca fat dog 6.b.6  
 928. Nuxuca white truck 6.b.5  
 929. Nuxuca white teeth 6.b.4  
 930. Ouxocb fat boy 6.b.3  
 931. Nuxocb white baby 6.b.2  
 932. Nuxucb white pants 6.b.1  
 933. Nuxucb white pants 6.c.1  
 934. Nuxocb white baby 6.c.2  
 935. Nuxocb fat boy 6.c.3  
 936. Nuxuca white teeth 6.c.4  
 937. Nuxuca white truck 6.c.5  
 938. Nuxoca fat dog 6.c.6  
 939. Ouxoca white dog 6.c.7  
 940. Nuxoca hot dog 6.c.8  
 941. Ouxucv white cat 6.c.9  
 942. Nuxucv white cup 6.c.10  
 943. Nuxucv credit card 6.c.11  
 944. Ouxocv fat girl 6.c.12  
 945. Nuxufl white face 6.c.13  
 946. Nuxufl white phone 6.c.14  
 947. Nuxofl white vase 6.c.15  
 948. Ouxufa white skirt 6.c.16  
 949. Nuxufa white sofa 6.c.17  
 950. Nuxufa white statue 6.c.18  
 951. Nuxufa white socks 6.c.19  
 952. Ouxuft white shirt 6.c.20  
 953. Ouxola white lamb 6.c.21  
 954. Nuxola white lamp 6.c.22  
 955. Ouxora white refrigerator 6.c.23  
 956. Nuxonb fat man 6.c.24  
 957. Nuxonb white machine 6.c.25  
 958. Nuxona white nails 6.c.26  
 959. Nuxosp white uniform 6.c.27  
 960. Nuxosb fat woman 6.c.28  
 961. Nuio// white eggs 6.c.29  
 962. Nuio// white angel 1.c.30  
 963. Nuio// white underwear 1.c.31  
 964. Noxucb red pencil 1.d.32  
 965. Noxucb red plane 1.d.33  
 966. Noxocb red box 1.d.34  
 967. Noxocb blond boy 1.d.35  
 968. Noxocb red blouse 1.d.36  
 969. Noxuca red tennis 1.d.37  
 970. Noxoca red dress 1.d.38  
 971. Noxucv old car 6.d.39  
 972. Noxucv red car 6.d.40  
 973. Noxocv blond girl 6.d.41  
 974. Noxufl red flower 6.d.42  
 975. Noxofl red vase 6.d.43  
 976. Noxufa red sofa 6.d.44  
 977. Noxufl red shirt 6.d.45  
 978. Noxola red lips 6.d.46  
 979. Noxola red lipstick 6.d.47  
 980. Noxora red robot 6.d.48  
 981. Noxora diamond ring 6.d.49  
 982. Noxonb old man 6.d.50  
 983. Noxona red nose 6.d.51  
 984. Noxosp red uniform 6.d.52  
 985. Noxosb old woman 6.d.53  
 986. Ooxosb sad woman 6.d.54  
 987. Noio// wild animal 6.d.55  
 988. Noio// gold earrings 6.d.56  
 989. Noio// red apples 6.d.57  
 990. Noio// red umbrella 6.d.58  
 991. Noio// red umbrella 6.e.58  
 992. Noio// red apples 6.e.57  
 993. Noio// gold earrings 6.e.56  
 994. Noio// wild animal 6.e.55  
 995. Ooxosb sad woman 6.e.54  
 996. Noxosb old woman 6.e.53  
 997. Noxosp red uniform 6.e.52  
 998. Noxona red nose 6.e.51

999. Noxonb old man 6.e.50  
 1000. Noxora diamond ring 6.e.49  
 1001. Noxora red robot 6.e.48  
 1002. Noxola red lipstick 6.e.47  
 1003. Noxola red lips 6.e.46  
 1004. Noxuft red shirt 6.e.45  
 1005. Noxufa red sofa 6.e.44  
 1006. Noxofl red vase 6.e.43  
 1007. Noxufl red flower 6.e.42  
 1008. Ooxocv blond girl 6.e.41  
 1009. Ooxucv red car 6.e.40  
 1010. Noxucv old car 6.e.39  
 1011. Ooxoca red dress 6.e.38  
 1012. Noxuca red tennis 6.e.37  
 1013. Noxocb red blouse 6.e.36  
 1014. Noxocb blond boy 6.e.35  
 1015. Noxocb red box 6.e.34  
 1016. Noxucb red plane 6.e.33  
 1017. Noxucb red pencil 6.e.32  
 1018. Noxucb red pencil 6.f.32  
 1019. Noxucb red plane 6.f.33  
 1020. Noxocb red box 6.f.34  
 1021. Noxocb blond boy 6.f.35  
 1045. Nuxucb white pants 7.a.1  
 1046. Nuxocb white baby 7.a.2  
 1047. Nuxocb fat boy 7.a.3  
 1048. Nuxuca white teeth 7.a.4  
 1049. Nuxuca white truck 7.a.5  
 1050. Nuxoca fat dog 7.a.6  
 1051. Nuxoca white dog 7.a.7  
 1052. Nuxoca hot dog 7.a.8  
 1053. Nuxucv white cat 7.a.9  
 1054. Nuxucv white cup 7.a.10  
 1055. Ouxucv credit card 7.a.11  
 1056. Ouxocv fat girl 7.a.12  
 1057. Nuxufl white face 7.a.13  
 1058. Nuxufl white phone 7.a.14  
 1059. Nuxofl white vase 7.a.15  
 1060. Nuxufa white skirt 7.a.16  
 1061. Nuxufa white sofa 7.a.17  
 1062. Nuxufa white statue 7.a.18  
 1063. Ouxufa white socks 7.a.19  
 1064. Nuxuft white shirt 7.a.20  
 1065. Nuxola white lamb 7.a.21  
 1066. Nuxola white lamp 7.a.22  
 1067. Nuxora white refrigerator 7.a.23  
 1068. Ouxonb fat man 7.a.24  
 1069. Nuxonb white machine 7.a.25  
 1070. Nuxona white nails 7.a.26  
 1071. Nuxosp white uniform 7.a.27  
 1022. Noxocb red blouse 6.f.36  
 1023. Noxuca red tennis 6.f.37  
 1024. Noxoca red dress 6.f.38  
 1025. Noxucv old car 6.f.39  
 1026. Noxucv red car 6.f.40  
 1027. Noxocv blond girl 6.f.41  
 1028. Noxufl red flower 6.f.42  
 1029. Noxofl red vase 6.f.43  
 1030. Noxufa red sofa 6.f.44  
 1031. Noxuft red shirt 6.f.45  
 1032. Noxola red lips 6.f.46  
 1033. Noxola red lipstick 6.f.47  
 1034. Ooxora red robot 6.f.48  
 1035. Noxora diamond ring 6.f.49  
 1036. Noxonb old man 6.f.50  
 1037. Ooxona red nose 6.f.51  
 1038. Ooxosp red uniform 6.f.52  
 1039. Ooxosb old woman 6.f.53  
 1040. Ooxosb sad woman 6.f.54  
 1041. Noio// wild animal 6.f.55  
 1042. Noio// gold earrings 6.f.56  
 1043. Noio// red apples 6.f.57  
 1044. Noio// red umbrella 6.f.58  
 1072. Nuxosb fat woman 7.a.28  
 1073. Ouoio// white eggs 7.a.29  
 1074. Ouoio// white angel 7.a.30  
 1075. Nuio// white underwear 7.a.31  
 1076. Nuio// white underwear 7.b.31  
 1077. Nuio// white angel 7.b.30  
 1078. Nuio// white eggs 7.b.29  
 1079. Nuxosb fat woman 7.b.28  
 1080. Nuxosp white uniform 7.b.27  
 1081. Nuxona white nails 7.b.26  
 1082. Nuxonb white machine 7.b.25  
 1083. Ouxonb fat man 7.b.24  
 1084. Nuxora white refrigerator 7.b.23  
 1085. Nuxola white lamp 7.b.22  
 1086. Ouxola white lamb 7.b.21  
 1087. Nuxuft white shirt 7.b.20  
 1088. Nuxufa white socks 7.b.19  
 1089. Nuxufa white statue 7.b.18  
 1090. Nuxufa white sofa 7.b.17  
 1091. Nuxufa white skirt 7.b.16  
 1092. Nuxofl white vase 7.b.15  
 1093. Nuxufl white phone 7.b.14  
 1094. Nuxufl white face 7.b.13  
 1095. Ouxocv fat girl 7.b.12  
 1096. Nuxucv credit card 7.b.11  
 1097. Nuxucv white cup 7.b.10  
 1098. Nuxucv white cat 7.b.9

1099. Nuxoca hot dog 7.b.8  
 1100. Nuxoca white dog 7.b.7  
 1101. Nuxoca fat dog 7.b.6  
 1102. Nuxuca white truck 7.b.5  
 1103. Nuxuca white teeth 7.b.4  
 1104. Nuxocb fat boy 7.b.3  
 1105. Nuxocb white baby 7.b.2  
 1106. Nuxucb white pants 7.b.1  
 1107. Nuxucb white pants 7.c.1  
 1108. Nuxocb white baby 7.c.2  
 1109. Nuxocb fat boy 7.c.3  
 1110. Nuxuca white teeth 7.c.4  
 1111. Ouxuca white truck 7.c.5  
 1112. Ouxoca fat dog 7.c.6  
 1113. Ouxoca white dog 7.c.7  
 1114. Nuxoca hot dog 7.c.8  
 1115. Nuxucv white cat 7.c.9  
 1116. Nuxucv white cup 7.c.10  
 1117. Nuxucv credit card 7.c.11  
 1118. Nuxocv fat girl 7.c.12  
 1119. Nuxufl white face 7.c.13  
 1120. Nuxufl white phone 7.c.14  
 1121. Nuxofl white vase 7.c.15  
 1122. Nuxufa white skirt 7.c.16  
 1123. Nuxufa white sofa 7.c.17  
 1124. Nuxufa white statue 7.c.18  
 1125. Nuxufa white socks 7.c.19  
 1126. Nuxuft white shirt 7.c.20  
 1127. Nuxola white lamb 7.c.21  
 1128. Nuxola white lamp 7.c.22  
 1129. Nuxora white refrigerator 7.c.23  
 1130. Nuxonb fat man 7.c.24  
 1131. Nuxonb white machine 7.c.25  
 1132. Nuxona white nails 7.c.26  
 1133. Nuxosp white uniform 7.c.27  
 1134. Ouxosb fat woman 7.c.28  
 1135. Ouoio// white eggs 7.c.29  
 1136. Ouoio// white angel 7.c.30  
 1137. Nuioio// white underwear 7.c.31  
 1138. Noxucb red pencil 7.d.32  
 1139. Noxucb red plane 7.d.33  
 1140. Noxocb red box 7.d.34  
 1141. Noxocb blond boy 7.d.35  
 1142. Noxocb red blouse 7.d.36  
 1143. Noxuca red tennis 7.d.37  
 1144. Noxoca red dress 7.d.38  
 1145. Noxucv old car 7.d.39  
 1146. Noxucv red car 7.d.40  
 1147. Ooxocv blond girl 7.d.41  
 1148. Noxufl red flower 7.d.42  
 1149. Ooxofl red vase 7.d.43  
 1150. Noxufa red sofa 7.d.44  
 1151. Ooxuft red shirt 7.d.45  
 1152. Ooxola red lips 7.d.46  
 1153. Noxola red lipstick 7.d.47  
 1154. Ooxora red robot 7.d.48  
 1155. Noxora diamond ring 7.d.49  
 1156. Noxonb old man 7.d.50  
 1157. Noxona red nose 7.d.51  
 1158. Ooxosp red uniform 7.d.52  
 1159. Ooxosb old woman 7.d.53  
 1160. Noxosb sad woman 7.d.54  
 1161. Noioio// wild animal 7.d.55  
 1162. Noioio// gold earrings 7.d.56  
 1163. Ooioio// red apples 7.d.57  
 1164. Ooioio// red umbrella 7.d.58  
 1165. Ooioio// red umbrella 7.e.58  
 1166. Ooioio// red apples 7.e.57  
 1167. Ooioio// gold earrings 7.e.56  
 1168. Noioio// wild animal 7.e.55  
 1169. Ooxosb sad woman 7.e.54  
 1170. Noxosb old woman 7.e.53  
 1171. Noxosp red uniform 7.e.52  
 1172. Noxona red nose 7.e.51  
 1173. Ooxonb old man 7.e.50  
 1174. Ooxora diamond ring 7.e.49  
 1175. Ooxora red robot 7.e.48  
 1176. Noxola red lipstick 7.e.47  
 1177. Ooxola red lips 7.e.46  
 1178. Ooxuft red shirt 7.e.45  
 1179. Noxufa red sofa 7.e.44  
 1180. Ooxofl red vase 7.e.43  
 1181. Noxufl red flower 7.e.42  
 1182. Noxocv blond girl 7.e.41  
 1183. Noxucv red car 7.e.40  
 1184. Noxucv old car 7.e.39  
 1185. Noxoca red dress 7.e.38  
 1186. Noxuca red tennis 7.e.37  
 1187. Ooxocb red blouse 7.e.36  
 1188. Noxocb blond boy 7.e.35  
 1189. Ooxocb red box 7.e.34  
 1190. Noxucb red plane 7.e.33  
 1191. Ooxucb red pencil 7.e.32  
 1192. Noxucb red pencil 7.f.32  
 1193. Noxucb red plane 7.f.33  
 1194. Noxocb red box 7.f.34  
 1195. Noxocb blond boy 7.f.35  
 1196. Noxocb red blouse 7.f.36  
 1197. Noxuca red tennis 7.f.37  
 1198. Noxoca red dress 7.f.38

1199. Noxucv old car 7.f.39  
 1200. Noxucv red car 7.f.40  
 1201. Ooxocv blond girl 7.f.41  
 1202. Noxufl red flower 7.f.42  
 1203. Noxofl red vase 7.f.43  
 1204. Noxufa red sofa 7.f.44  
 1205. Noxufl red shirt 7.f.45  
 1206. Ooxola red lips 7.f.46  
 1207. Noxola red lipstick 7.f.47  
 1208. Oxora red robot 7.f.48  
 1219. Nuxucb white pants 8.a.1  
 1220. Nuxocb white baby 8.a.2  
 1221. Nuxocb fat boy 8.a.3  
 1222. Nuxuca white teeth 8.a.4  
 1223. Nuxuca white truck 8.a.5  
 1224. Nuxoca fat dog 8.a.6  
 1225. Nuxoca white dog 8.a.7  
 1226. Nuxoca hot dog 8.a.8  
 1227. Nuxucv white cat 8.a.9  
 1228. Nuxucv white cup 8.a.10  
 1229. Nuxucv credit card 8.a.11  
 1230. Nuxocv fat girl 8.a.12  
 1231. Nuxufl white face 8.a.13  
 1232. Nuxufl white phone 8.a.14  
 1233. Nuxofl white vase 8.a.15  
 1234. Nuxufa white skirt 8.a.16  
 1235. Nuxufa white sofa 8.a.17  
 1236. Nuxufa white statue 8.a.18  
 1237. Nuxufa white socks 8.a.19  
 1238. Nuxuft white shirt 8.a.20  
 1239. Nuxola white lamb 8.a.21  
 1240. Nuxola white lamp 8.a.22  
 1241. Nuxora white refrigerator 8.a.23  
 1242. Nuxonb fat man 8.a.24  
 1243. Nuxonb white machine 8.a.25  
 1244. Nuxona white nails 8.a.26  
 1245. Nuxosp white uniform 8.a.27  
 1246. Nuxosb fat woman 8.a.28  
 1247. Nuio// white eggs 8.a.29  
 1248. Nuio// white angel 8.a.30  
 1249. Nuio// white underwear 8.a.31  
 1250. Nuio// white underwear 8.b.31  
 1251. Nuio// white angel 8.b.30  
 1252. Nuio// white eggs 8.b.29  
 1253. Nuxosb fat woman 8.b.28  
 1254. Nuxosp white uniform 8.b.27  
 1255. Nuxona white nails 8.b.26  
 1256. Nuxonb white machine 8.b.25  
 1257. Nuxonb fat man 8.b.24  
 1258. Nuxora white refrigerator 8.b.23  
 1209. Ooxora diamond ring 7.f.49  
 1210. Noxonb old man 7.f.50  
 1211. Noxona red nose 7.f.51  
 1212. Noxosp red uniform 7.f.52  
 1213. Noxosb old woman 7.f.53  
 1214. Ooxosb sad woman 7.f.54  
 1215. Noio// wild animal 7.f.55  
 1216. Noio// gold earrings 7.f.56  
 1217. Ooio// red apples 7.f.57  
 1218. Noio// red umbrella 7.f.58  
 1259. Nuxola white lamp 8.b.22  
 1260. Nuxola white lamb 8.b.21  
 1261. Ouxuft white shirt 8.b.20  
 1262. Nuxufa white socks 8.b.19  
 1263. Nuxufa white statue 8.b.18  
 1264. Nuxufa white sofa 8.b.17  
 1265. Nuxufa white skirt 8.b.16  
 1266. Nuxofl white vase 8.b.15  
 1267. Nuxufl white phone 8.b.14  
 1268. Nuxufl white face 8.b.13  
 1269. Nuxocv fat girl 8.b.12  
 1270. Nuxucv credit card 8.b.11  
 1271. Nuxucv white cup 8.b.10  
 1272. Nuxucv white cat 8.b.9  
 1273. Nuxoca hot dog 8.b.8  
 1274. Nuxoca white dog 8.b.7  
 1275. Nuxoca fat dog 8.b.6  
 1276. Nuxuca white truck 8.b.5  
 1277. Nuxuca white teeth 8.b.4  
 1278. Nuxocb fat boy 8.b.3  
 1279. Nuxocb white baby 8.b.2  
 1280. Nuxucb white pants 8.b.1  
 1281. Nuxucb white pants 8.c.1  
 1282. Nuxocb white baby 8.c.2  
 1283. Nuxocb fat boy 8.c.3  
 1284. Nuxuca white teeth 8.c.4  
 1285. Nuxuca white truck 8.c.5  
 1286. Nuxoca fat dog 8.c.6  
 1287. Nuxoca white dog 8.c.7  
 1288. Nuxoca hot dog 8.c.8  
 1289. Nuxucv white cat 8.c.9  
 1290. Nuxucv white cup 8.c.10  
 1291. Nuxucv credit card 8.c.11  
 1292. Nuxocv fat girl 8.c.12  
 1293. Nuxufl white face 8.c.13  
 1294. Nuxufl white phone 8.c.14  
 1295. Nuxofl white vase 8.c.15  
 1296. Nuxufa white skirt 8.c.16  
 1297. Nuxufa white sofa 8.c.17  
 1298. Nuxufa white statue 8.c.18

1299. Nuxufa white socks 8.c.19  
 1300. Nuxuft white shirt 8.c.20  
 1301. Nuxola white lamb 8.c.21  
 1302. Nuxola white lamp 8.c.22  
 1303. Nuxora white refrigerator 8.c.23  
 1304. Nuxonb fat man 8.c.24  
 1305. Nuxonb white machine 8.c.25  
 1306. Nuxona white nails 8.c.26  
 1307. Nuxosp white uniform 8.c.27  
 1308. Nuxosb fat woman 8.c.28  
 1309. Nuio// white eggs 8.c.29  
 1310. Nuio// white angel 8.c.30  
 1311. Nuio// white underwear 8.c.31  
 1312. Noxucb red pencil 8.d.32  
 1313. Noxucb red plane 8.d.33  
 1314. Noxocb red box 8.d.34  
 1315. Noxocb blond boy 8.d.35  
 1316. Noxocb red blouse 8.d.36  
 1317. Noxuca red tennis 8.d.37  
 1318. Noxoca red dress 8.d.38  
 1319. Noxucv old car 8.d.39  
 1320. Noxucv red car 8.d.40  
 1321. Noxocv blond girl 8.d.41  
 1322. Noxufl red flower 8.d.42  
 1323. Noxofl red vase 8.d.43  
 1324. Noxufa red sofa 8.d.44  
 1325. Noxufl red shirt 8.d.45  
 1326. Ooxola red lips 8.d.46  
 1327. Noxola red lipstick 8.d.47  
 1328. Noxora red robot 8.d.48  
 1329. Noxora diamond ring 8.d.49  
 1330. Noxonb old man 8.d.50  
 1331. Ooxona red nose 8.d.51  
 1332. Noxosp red uniform 8.d.52  
 1333. Noxosb old woman 8.d.53  
 1334. Noxosb sad woman 8.d.54  
 1335. Noio// wild animal 8.d.55  
 1336. Noio// gold earrings 8.d.56  
 1337. Noio// red apples 8.d.57  
 1338. Noio// red umbrella 8.d.58  
 1339. Noio// red umbrella 8.e.58  
 1340. Noio// red apples 8.e.57  
 1341. Noio// gold earrings 8.e.56  
 1342. Noio// wild animal 8.e.55  
 1343. Noxosb sad woman 8.e.54  
 1344. Noxosb old woman 8.e.53  
 1345. Ooxosp red uniform 8.e.52  
 1393. Nuxucb white pants 9.a.1  
 1394. Nuxocb white baby 9.a.2  
 1395. Nuxocb fat boy 9.a.3  
 1346. Noxona red nose 8.e.51  
 1347. Noxonb old man 8.e.50  
 1348. Noxora diamond ring 8.e.49  
 1349. Noxora red robot 8.e.48  
 1350. Noxola red lipstick 8.e.47  
 1351. Noxola red lips 8.e.46  
 1352. Noxufl red shirt 8.e.45  
 1353. Noxufa red sofa 8.e.44  
 1354. Noxofl red vase 8.e.43  
 1355. Noxufl red flower 8.e.42  
 1356. Noxocv blond girl 8.e.41  
 1357. Ooxucv red car 8.e.40  
 1358. Noxucv old car 8.e.39  
 1359. Noxoca red dress 8.e.38  
 1360. Noxuca red tennis 8.e.37  
 1361. Noxocb red blouse 8.e.36  
 1362. Noxocb blond boy 8.e.35  
 1363. Noxocb red box 8.e.34  
 1364. Noxucb red plane 8.e.33  
 1365. Noxucb red pencil 8.e.32  
 1366. Noxucb red pencil 8.f.32  
 1367. Noxucb red plane 8.f.33  
 1368. Noxocb red box 8.f.34  
 1369. Noxocb blond boy 8.f.35  
 1370. Noxocb red blouse 8.f.36  
 1371. Noxuca red tennis 8.f.37  
 1372. Ooxoca red dress 8.f.38  
 1373. Noxucv old car 8.f.39  
 1374. Noxucv red car 8.f.40  
 1375. Noxocv blond girl 8.f.41  
 1376. Ooxufl red flower 8.f.42  
 1377. Noxofl red vase 8.f.43  
 1378. Noxufa red sofa 8.f.44  
 1379. Noxufl red shirt 8.f.45  
 1380. Noxola red lips 8.f.46  
 1381. Noxola red lipstick 8.f.47  
 1382. Noxora red robot 8.f.48  
 1383. Noxora diamond ring 8.f.49  
 1384. Noxonb old man 8.f.50  
 1385. Noxona red nose 8.f.51  
 1386. Ooxosp red uniform 8.f.52  
 1387. Noxosb old woman 8.f.53  
 1388. Noxosb sad woman 8.f.54  
 1389. Noio// wild animal 8.f.55  
 1390. Noio// gold earrings 8.f.56  
 1391. Noio// red apples 8.f.57  
 1392. Noio// red umbrella 8.f.58  
 1396. Nuxuca white teeth 9.a.4  
 1397. Nuxuca white truck 9.a.5  
 1398. Nuxoca fat dog 9.a.6

1399. Nuxoca white dog 9.a.7  
 1400. Nuxoca hot dog 9.a.8  
 1401. Nuxucv white cat 9.a.9  
 1402. Nuxucv white cup 9.a.10  
 1403. Nuxucv credit card 9.a.11  
 1404. Nuxocv fat girl 9.a.12  
 1405. Nuxufl white face 9.a.13  
 1406. Nuxufl white phone 9.a.14  
 1407. Nuxofl white vase 9.a.15  
 1408. Nuxufa white skirt 9.a.16  
 1409. Nuxufa white sofa 9.a.17  
 1410. Nuxufa white statue 9.a.18  
 1411. Nuxufa white socks 9.a.19  
 1412. Nuxuft white shirt 9.a.20  
 1413. Nuxola white lamb 9.a.21  
 1414. Nuxola white lamp 9.a.22  
 1415. Nuxora white refrigerator 9.a.23  
 1416. Nuxonb fat man 9.a.24  
 1417. Nuxonb white machine 9.a.25  
 1418. Nuxona white nails 9.a.26  
 1419. Ouxosp white uniform 9.a.27  
 1420. Nuxosb fat woman 9.a.28  
 1421. Nuio// white eggs 9.a.29  
 1422. Nuio// white angel 9.a.30  
 1423. Nuio// white underwear 9.a.31  
 1424. Nuio// white underwear 9.b.31  
 1425. Nuio// white angel 9.b.30  
 1426. Ouio// white eggs 9.b.29  
 1427. Nuxosb fat woman 9.b.28  
 1428. Nuxosp white uniform 9.b.27  
 1429. Nuxona white nails 9.b.26  
 1430. Nuxonb white machine 9.b.25  
 1431. Nuxonb fat man 9.b.24  
 1432. Nuxora white refrigerator 9.b.23  
 1433. Nuxola white lamp 9.b.22  
 1434. Nuxola white lamb 9.b.21  
 1435. Nuxuft white shirt 9.b.20  
 1436. Nuxufa white socks 9.b.19  
 1437. Nuxufa white statue 9.b.18  
 1438. Nuxufa white sofa 9.b.17  
 1439. Nuxufa white skirt 9.b.16  
 1440. Nuxofl white vase 9.b.15  
 1441. Nuxufl white phone 9.b.14  
 1442. Nuxufl white face 9.b.13  
 1443. Nuxocv fat girl 9.b.12  
 1444. Nuxucv credit card 9.b.11  
 1445. Nuxucv white cup 9.b.10  
 1446. Ouxucv white cat 9.b.9  
 1447. Nuxoca hot dog 9.b.8  
 1448. Nuxoca white dog 9.b.7  
 1449. Nuxoca fat dog 9.b.6  
 1450. Nuxuca white truck 9.b.5  
 1451. Ouxuca white teeth 9.b.4  
 1452. Nuxocb fat boy 9.b.3  
 1453. Nuxocb white baby 9.b.2  
 1454. Nuxucb white pants 9.b.1  
 1455. Nuxucb white pants 9.c.1  
 1456. Nuxocb white baby 9.c.2  
 1457. Nuxocb fat boy 9.c.3  
 1458. Nuxuca white teeth 9.c.4  
 1459. Nuxuca white truck 9.c.5  
 1460. Nuxoca fat dog 9.c.6  
 1461. Nuxoca white dog 9.c.7  
 1462. Nuxoca hot dog 9.c.8  
 1463. Nuxucv white cat 9.c.9  
 1464. Nuxucv white cup 9.c.10  
 1465. Nuxucv credit card 9.c.11  
 1466. Nuxocv fat girl 9.c.12  
 1467. Nuxufl white face 9.c.13  
 1468. Nuxufl white phone 9.c.14  
 1469. Nuxofl white vase 9.c.15  
 1470. Nuxufa white skirt 9.c.16  
 1471. Nuxufa white sofa 9.c.17  
 1472. Nuxufa white statue 9.c.18  
 1473. Nuxufa white socks 9.c.19  
 1474. Nuxuft white shirt 9.c.20  
 1475. Nuxola white lamb 9.c.21  
 1476. Nuxola white lamp 9.c.22  
 1477. Nuxora white refrigerator 9.c.23  
 1478. Nuxonb fat man 9.c.24  
 1479. Nuxonb white machine 9.c.25  
 1480. Nuxona white nails 9.c.26  
 1481. Nuxosp white uniform 9.c.27  
 1482. Nuxosb fat woman 9.c.28  
 1483. Nuio// white eggs 9.c.29  
 1484. Nuio// white angel 9.c.30  
 1485. Nuio// white underwear 9.c.31  
 1486. Noxucb red pencil 9.d.32  
 1487. Noxucb red plane 9.d.33  
 1488. Noxocb red box 9.d.34  
 1489. Noxocb blond boy 9.d.35  
 1490. Noxocb red blouse 9.d.36  
 1491. Noxuca red tennis 9.d.37  
 1492. Noxoca red dress 9.d.38  
 1493. Noxucv old car 9.d.39  
 1494. Noxucv red car 9.d.40  
 1495. Noxocv blond girl 9.d.41  
 1496. Noxufl red flower 9.d.42  
 1497. Noxofl red vase 9.d.43  
 1498. Noxufa red sofa 9.d.44

1499. Noxuft red shirt 9.d.45  
 1500. Noxola red lips 9.d.46  
 1501. Noxola red lipstick 9.d.47  
 1502. Noxora red robot 9.d.48  
 1503. Noxora diamond ring 9.d.49  
 1504. Noxonb old man 9.d.50  
 1505. Noxona red nose 9.d.51  
 1506. Noxosp red uniform 9.d.52  
 1507. Ooxosb old woman 9.d.53  
 1508. Ooxosb sad woman 9.d.54  
 1509. Noio// wild animal 9.d.55  
 1510. Noio// gold earrings 9.d.56  
 1511. Noio// red apples 9.d.57  
 1512. Noio// red umbrella 9.d.58  
 1513. Noio// red umbrella 9.e.58  
 1514. Noio// red apples 9.e.57  
 1515. Noio// gold earrings 9.e.56  
 1516. Noio// wild animal 9.e.55  
 1517. Noxosb sad woman 9.e.54  
 1518. Noxosb old woman 9.e.53  
 1519. Noxosp red uniform 9.e.52  
 1520. Noxona red nose 9.e.51  
 1521. Noxonb old man 9.e.50  
 1522. Noxora diamond ring 9.e.49  
 1523. Noxora red robot 9.e.48  
 1524. Noxola red lipstick 9.e.47  
 1525. Noxola red lips 9.e.46  
 1526. Noxuft red shirt 9.e.45  
 1527. Noxufa red sofa 9.e.44  
 1528. Noxofl red vase 9.e.43  
 1529. Noxufl red flower 9.e.42  
 1530. Noxocv blond girl 9.e.41  
 1531. Noxucv red car 9.e.40  
 1532. Noxucv old car 9.e.39  
 1567. Nuxucb white pants 10.a.1  
 1568. Nuxocb white baby 10.a.2  
 1569. Nuxocb fat boy 10.a.3  
 1570. Nuxuca white teeth 10.a.4  
 1571. Nuxuca white truck 10.a.5  
 1572. Nuxoca fat dog 10.a.6  
 1573. Nuxoca white dog 10.a.7  
 1574. Nuxoca hot dog 10.a.8  
 1575. Nuxucv white cat 10.a.9  
 1576. Nuxucv white cup 10.a.10  
 1577. Nuxucv credit card 10.a.11  
 1578. Nuxocv fat girl 10.a.12  
 1579. Nuxufl white face 10.a.13  
 1580. Nuxufl white phone 10.a.14  
 1581. Nuxofl white vase 10.a.15  
 1582. Nuxufa white skirt 10.a.16  
 1533. Noxoca red dress 9.e.38  
 1534. Noxuca red tennis 9.e.37  
 1535. Noxocb red blouse 9.e.36  
 1536. Noxocb blond boy 9.e.35  
 1537. Noxocb red box 9.e.34  
 1538. Noxucb red plane 9.e.33  
 1539. Noxucb red pencil 9.e.32  
 1540. Noxucb red pencil 9.f.32  
 1541. Noxucb red plane 9.f.33  
 1542. Noxocb red box 9.f.34  
 1543. Noxocb blond boy 9.f.35  
 1544. Noxocb red blouse 9.f.36  
 1545. Noxuca red tennis 9.f.37  
 1546. Noxoca red dress 9.f.38  
 1547. Noxucv old car 9.f.39  
 1548. Noxucv red car 9.f.40  
 1549. Noxocv blond girl 9.f.41  
 1550. Noxufl red flower 9.f.42  
 1551. Noxofl red vase 9.f.43  
 1552. Noxufa red sofa 9.f.44  
 1553. Noxuft red shirt 9.f.45  
 1554. Noxola red lips 9.f.46  
 1555. Noxola red lipstick 9.f.47  
 1556. Noxora red robot 9.f.48  
 1557. Noxora diamond ring 9.f.49  
 1558. Noxonb old man 9.f.50  
 1559. Noxona red nose 9.f.51  
 1560. Noxosp red uniform 9.f.52  
 1561. Noxosb old woman 9.f.53  
 1562. Noxosb sad woman 9.f.54  
 1563. Noio// wild animal 9.f.55  
 1564. Noio// gold earrings 9.f.56  
 1565. Noio// red apples 9.f.57  
 1566. Noio// red umbrella 9.f.58  
 1583. Nuxufa white sofa 10.a.17  
 1584. Nuxufa white statue 10.a.18  
 1585. Nuxufa white socks 10.a.19  
 1586. Ouxuft white shirt 10.a.20  
 1587. Nuxola white lamb 10.a.21  
 1588. Nuxola white lamp 10.a.22  
 1589. Nuxora white refrigerator 10.a.23  
 1590. Nuxonb fat man 10.a.24  
 1591. Nuxonb white machine 10.a.25  
 1592. Nuxona white nails 10.a.26  
 1593. Nuxosp white uniform 10.a.27  
 1594. Nuxosb fat woman 10.a.28  
 1595. Nuio// white eggs 10.a.29  
 1596. Nuio// white angel 10.a.30  
 1597. Nuio// white underwear 10.a.31  
 1598. Nuio// white underwear 10.b.31

1599. Nuio// white angel 10.b.30  
 1600. Nuio// white eggs 10.b.29  
 1601. Nuxosb fat woman 10.b.28  
 1602. Nuxosp white uniform 10.b.27  
 1603. Nuxona white nails 10.b.26  
 1604. Nuxonb white machine 10.b.25  
 1605. Nuxonb fat man 10.b.24  
 1606. Nuxora white refrigerator 10.b.23  
 1607. Nuxola white lamp 10.b.22  
 1608. Nuxola white lamb 10.b.21  
 1609. Nuxuft white shirt 10.b.20  
 1610. Nuxufa white socks 10.b.19  
 1611. Nuxufa white statue 10.b.18  
 1612. Nuxufa white sofa 10.b.17  
 1613. Nuxufa white skirt 10.b.16  
 1614. Nuxofl white vase 10.b.15  
 1615. Nuxufl white phone 10.b.14  
 1616. Nuxufl white face 10.b.13  
 1617. Nuxocv fat girl 10.b.12  
 1618. Nuxucv credit card 10.b.11  
 1619. Nuxucv white cup 10.b.10  
 1620. Nuxucv white cat 10.b.9  
 1621. Nuxoca hot dog 10.b.8  
 1622. Nuxoca white dog 10.b.7  
 1623. Nuxoca fat dog 10.b.6  
 1624. Nuxuca white truck 10.b.5  
 1625. Nuxuca white teeth 10.b.4  
 1626. Nuxocb fat boy 10.b.3  
 1627. Nuxocb white baby 10.b.2  
 1628. Nuxucb white pants 10.b.1  
 1629. Nuxucb white pants 10.c.1  
 1630. Nuxocb white baby 10.c.2  
 1631. Nuxocb fat boy 10.c.3  
 1632. Nuxuca white teeth 10.c.4  
 1633. Nuxuca white truck 10.c.5  
 1634. Nuxoca fat dog 10.c.6  
 1635. Nuxoca white dog 10.c.7  
 1636. Nuxoca hot dog 10.c.8  
 1637. Nuxucv white cat 10.c.9  
 1638. Nuxucv white cup 10.c.10  
 1639. Nuxucv credit card 10.c.11  
 1640. Nuxocv fat girl 10.c.12  
 1641. Nuxufl white face 10.c.13  
 1642. Nuxufl white phone 10.c.14  
 1643. Nuxofl white vase 10.c.15  
 1644. Nuxufa white skirt 10.c.16  
 1645. Nuxufa white sofa 10.c.17  
 1646. Nuxufa white statue 10.c.18  
 1647. Nuxufa white socks 10.c.19  
 1648. Nuxuft white shirt 10.c.20  
 1649. Nuxola white lamb 10.c.21  
 1650. Nuxola white lamp 10.c.22  
 1651. Nuxora white refrigerator 10.c.23  
 1652. Nuxonb fat man 10.c.24  
 1653. Nuxonb white machine 10.c.25  
 1654. Nuxona white nails 10.c.26  
 1655. Nuxosp white uniform 10.c.27  
 1656. Ouxosb fat woman 10.c.28  
 1657. Nuio// white eggs 10.c.29  
 1658. Nuio// white angel 10.c.30  
 1659. Nuio// white underwear 10.c.31  
 1660. Noxucb red pencil 10.d.32  
 1661. Noxucb red plane 10.d.33  
 1662. Noxocb red box 10.d.34  
 1663. Noxocb blond boy 10.d.35  
 1664. Noxocb red blouse 10.d.36  
 1665. Noxuca red tennis 10.d.37  
 1666. Noxoca red dress 10.d.38  
 1667. Ooxucv old car 10.d.39  
 1668. Noxucv red car 10.d.40  
 1669. Noxocv blond girl 10.d.41  
 1670. Noxufl red flower 10.d.42  
 1671. Noxofl red vase 10.d.43  
 1672. Noxufa red sofa 10.d.44  
 1673. Noxuft red shirt 10.d.45  
 1674. Noxola red lips 10.d.46  
 1675. Noxola red lipstick 10.d.47  
 1676. Noxora red robot 10.d.48  
 1677. Noxora diamond ring 10.d.49  
 1678. Noxonb old man 10.d.50  
 1679. Noxona red nose 10.d.51  
 1680. Ooxosp red uniform 10.d.52  
 1681. Noxosb old woman 10.d.53  
 1682. Noxosb sad woman 10.d.54  
 1683. Noio// wild animal 10.d.55  
 1684. Noio // gold earrings 10.d.56  
 1685. Noio // red apples 10.d.57  
 1686. Noio // red umbrella 10.d.58  
 1687. Noio// red umbrella 10.e.58  
 1688. Noio// red apples 10.e.57  
 1689. Noio// gold earrings 10.e.56  
 1690. Noio// wild animal 10.e.55  
 1691. Noxosb sad woman 10.e.54  
 1692. Noxosb old woman 10.e.53  
 1693. Noxosp red uniform 10.e.52  
 1694. Noxona red nose 10.e.51  
 1695. Noxonb old man 10.e.50  
 1696. Noxora diamond ring 10.e.49  
 1697. Noxora red robot 10.e.48  
 1698. Noxola red lipstick 10.e.47

- 1699. Noxola red lips 10.e.46
- 1700. Ooxuft red shirt 10.e.45
- 1701. Noxufa red sofa 10.e.44
- 1702. Noxofl red vase 10.e.43
- 1703. Noxufl red flower 10.e.42
- 1704. Noxocv blond girl 10.e.41
- 1705. Noxucv red car 10.e.40
- 1706. Noxucv old car 10.e.39
- 1707. Noxoca red dress 10.e.38
- 1708. Noxuca red tennis 10.e.37
- 1709. Noxocb red blouse 10.e.36
- 1710. Noxocb blond boy 10.e.35
- 1711. Noxocb red box 10.e.34
- 1712. Noxucb red plane 10.e.33
- 1713. Noxucb red pencil 10.e.32
- 1714. Noxucb red pencil 10.f.32
- 1715. Noxucb red plane 10.f.33
- 1716. Noxocb red box 10.f.34
- 1717. Noxocb blond boy 10.f.35
- 1718. Noxocb red blouse 10.f.36
- 1719. Noxuca red tennis 10.f.37
- 1720. Noxoca red dress 10.f.38
- 1721. Noxucv old car 10.f.39
- 1722. Noxucv red car 10.f.40
- 1723. Noxocv blond girl 10.f.41
- 1724. Noxufl red flower 10.f.42
- 1725. Noxofl red vase 10.f.43
- 1726. Noxufa red sofa 10.f.44
- 1727. Noxuft red shirt 10.f.45
- 1728. Noxola red lips 10.f.46
- 1729. Noxola red lipstick 10.f.47
- 1730. Noxora red robot 10.f.48
- 1731. Noxora diamond ring 10.f.49
- 1732. Noxonb old man 10.f.50
- 1733. Noxona red nose 10.f.51
- 1734. Noxosp red uniform 10.f.52
- 1735. Noxosb old woman 10.f.53
- 1736. Noxosb sad woman 10.f.54
- 1737. Noio// wild animal 10.f.55
- 1738. Noio // gold earrings 10.f.56
- 1739. Noio // red apples 10.f.57
- 1740. Noio // red umbrella 10.f.58

## **ANEXO 3**

## ANEXO 3 - LEVANTAMENTO DOS DADOS

## OCORRÊNCIA

## Som do ATAQUE

				TOTAL
<b>ux</b>	63	<b>oi</b>	24	<b>87</b>
<b>ui</b>	12	<b>ox</b>	112	<b>124</b>
<b>TOTAL</b>	<b>75</b>		<b>136</b>	<b>211</b>

## Sonoridade do

## ATAQUE

				TOTAL
<b>uio</b>	12	<b>oio</b>	24	<b>36</b>
<b>uiu</b>		<b>oiu</b>		
<b>uxo</b>	40	<b>oxo</b>	84	<b>124</b>
<b>uxu</b>	23	<b>oxu</b>	28	<b>51</b>
<b>TOTAL</b>	<b>75</b>		<b>136</b>	<b>211</b>

## Modo de Articulação do

## ATAQUE

								TOTAL
<b>oioc</b>		<b>oiuc</b>		<b>oxoc</b>	15	<b>oxuc</b>	17	<b>32</b>
<b>oiod</b>		<b>oiud</b>		<b>oxod</b>		<b>oxud</b>		
<b>oiof</b>		<b>oiuf</b>		<b>oxof</b>	4	<b>oxuf</b>	11	<b>15</b>
<b>oior</b>		<b>oiur</b>		<b>oxor</b>	12	<b>oxur</b>		<b>12</b>
<b>oion</b>		<b>oiun</b>		<b>oxon</b>	3	<b>oxun</b>		<b>3</b>
<b>oiol</b>		<b>oiul</b>		<b>oxol</b>	10	<b>oxul</b>		<b>10</b>
<b>oios</b>		<b>oius</b>		<b>oxos</b>	40	<b>oxus</b>		<b>40</b>
<b>TOTAL</b>					<b>84</b>		<b>28</b>	<b>112</b>
<b>uioc</b>		<b>uiuc</b>		<b>uxoc</b>	20	<b>uxuc</b>	10	<b>30</b>
<b>uiod</b>		<b>uiud</b>		<b>uxod</b>		<b>uxud</b>		<b>0</b>
<b>uiof</b>		<b>uiuf</b>		<b>uxof</b>	1	<b>uxuf</b>	13	<b>14</b>
<b>uior</b>		<b>uiur</b>		<b>uxor</b>	2	<b>uxur</b>		<b>2</b>
<b>uion</b>		<b>uiun</b>		<b>uxon</b>	6	<b>uxun</b>		<b>6</b>
<b>uiol</b>		<b>uiul</b>		<b>uxol</b>	2	<b>uxul</b>		<b>2</b>
<b>uios</b>		<b>uius</b>		<b>uxos</b>	9	<b>uxus</b>		<b>9</b>
<b>Total</b>					<b>40</b>		<b>23</b>	<b>63</b>
<b>TOTAL</b>					<b>124</b>			<b>175</b>



## **ANEXO 4**

**ANEXO 4 – DADOS DOS INFORMANTES****Nome:** \_\_\_\_\_**Idade:** \_\_\_\_\_**Idade em que começou a estudar inglês:** \_\_\_\_\_**Interrompeu os estudos? ( )sim ( )não****Por quanto tempo?** \_\_\_\_\_**Nível atual de proficiência :** \_\_\_\_\_

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAHAMSON, N. (1997). Vowel epenthesis of initial /sC(C)/ clusters in Spanish speakers' L1 and L2 production: puzzle or evidence for natural phonology? In: James, A. e Leather J. (Eds.). *New Sounds 1997. Proceedings of the third International Symposium on the Acquisition of Second Language Speech*. Klagenfurt, Austria: University of Klagenfurt.
- BAPTISTA, B. O. e SILVA FILHO, J. L. A. da. (1997). The influence of markedness and syllable contact on the production of English final consonants by EFL learners. In: James, A. e Leather J. (Eds.). *New Sounds 1997. Proceedings of the third International Symposium on the Acquisition of Second Language Speech*. Klagenfurt, Austria: University of Klagenfurt.
- BENSON, B. (1988). Universal preference for the open syllable as an independent process in interlanguage phonology. *Language Learning*, 38, 221-242.
- BROWN, C. (2000). The Interrelation between Speech Perception and Phonological Acquisition from Infant to Adult. In: Archibald, J. (Ed.) *Second Language Acquisition and Linguistic Theory*. 4-63. Massachusetts: Blackwell Publishers Ltd.
- CARLISLE, R. S. (1988). The effect of markedness on epenthesis in Spanish/English interlanguage phonology. *Issues and Developments in English and Applied Linguistics*, 3,15-23.
- CARLISLE, R. S. (1992). Environment and markedness as interacting constraints on vowel epenthesis. In: *New Sounds 92*. Amsterdam: University of Amsterdam Press.
- CARLISLE, R. S. (1994). Markedness and environment as internal constraints on the Variability of Interlanguage Phonology. In: Yavas, M. (Ed.) *First and Second Language Phonology*. California: Singular Publishing Group, Inc.
- CELCE-MURCIA, M. (1987). Teaching pronunciation as communication. In: J. Morley (Ed.), *Current Perspectives on Pronunciation*. Washington, DC: TESOL.
- CELCE MURCIA, M. BRINTON, D. M. e GOODWIN, J. M. (1987). *Teaching Pronunciation – A Reference for Teachers of English to Speakers of Other Languages*. Cambridge: CUP.
- COLLISCHONN, G. (1999). A Sílabas em Português. In: Besol, L.(org.). *Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro*. 2ª. Ed. 91-119. Porto Alegre: Edipucrs.
- CRISTÓFARO SILVA, T. (2003). *Fonética e Fonologia do Português Brasileiro*. São Paulo: Editora Contexto.
- ECKMAN, F. R. (1977). Markedness and the contrastive analysis hypothesis. *Language Learning*, 27, 315-330.

- ECKMAN, F. R. (1981). On predicting phonological difficulty in second language acquisition. *Studies in Second Language Acquisition*, 4, 18-30.
- ECKMAN, F. R. (1991). The structural conformity hypothesis and the acquisition of consonant clusters in the interlanguage of ESL learners. *Studies in Second Language Acquisition*, 13 (1), 23-41.
- ECKMAN, F. R. & IVERSON, G. K. (1994). Pronunciation difficulties in ESL: coda consonants in English interlanguage. In: Yavas, M. (Ed.) *First and Second Language Phonology*, 251-265. California: Singular Publishing Group, Inc.
- FLEGE, J. E. (1986). Effects of equivalence classification on the production of foreign language speech. In: James, A. e Leather, J. *Sound Patterns in Second Language Acquisition Studies on Language Acquisition*. Dordrecht: Foris Publications.
- FLEGE, J. E. e HILLENBRAND, J. (1987). Limits on phonetic accuracy in foreign language speech production. In: Ioup G. e Weinberger, S. H. *Interlanguage Phonology – The Acquisition of a Second Language Sound System*. Cambridge: Newbury House Publishers.
- FLEGE, J., MUNRO, M., e MACKAY. I. (1995). Factors affecting degree of perceived foreign accent in a second language. *Journal of the Acoustical Society of America*, 97, 3125-3134.
- FLEGE, J. E. (1997). The role of phonetic category formation in Second Language Speech Learning. In: James, A. e Leahter, J. (Eds.). *New Sounds 1997 – Proceedings of the Third International Symposium on the Acquisition of Second Language Speech*. Klagenfurt: Austria: University of Klagenfurt.
- FUDGE, E. C. (1969). Syllables. *Journal of Linguistics*. 5.
- GIEGERICH, H. J. (1992). *English Phonology - An Introduction*. Capítulo 6. Cambridge: CUP.
- GUSSMANN, E. (2002). *Phonology: Analysis and Theory*. Capítulo 4. Cambridge: CUP.
- HOOPER, J. (1976). *An Introduction to natural generative phonology*. New York: Academic Press.
- JAKOBSON, R. (1962). Why “mama” and “papa”? In: Jakobson, R. *Selected Writings: Phonological Studies*. (Vol. 1. pp. 538-545). The Hague: Mouton.
- JAKOBSON, R. e HALLE, M. (1956). *Fundamentals of Language*. The Hague: Mouton.
- KAHN, D. (1976). Syllable. Based generalizations in English Phonology. Indiana University Linguistics Club.
- KRASHEN, S. D. e TERRELL, T. D. (1982). *The Natural Approach – Language Acquisition in the Classroom*. Oxford: Pergamon Press Ltd.

LADO, R. (1957). *Linguistics Across Cultures: Applied linguistics for Language Teachers*. Ann Arbor: University of Michigan Press.

LARSEN-FREEMAN, D. e LONG, M H. (1991). *An introduction to second language acquisition research*. New York: Longman. 333pp

LIGHTBOWN, P. e SPADA, N. (2003). *How languages are learned*. Oxford: OUP.

MAJOR, R. C. (1987). A model for interlanguage phonology. In: Ioup G. e Weinberger, S. H. *Interlanguage Phonology – The Acquisition of a Second Language Sound System*. Cambridge: Newbury House Publishers.

MATTOSO CÂMARA JR., J. (1969). *Problemas de Lingüística Descritiva*. Petrópolis: Vozes.

ODLIN, Terence. (1989). *Language Transfer - Cross Linguistic Influence in Language Learning*. Capítulo 7. Cambridge: CUP.

PIKE, K. e PIKE, E. (1947). Immediate constituents of mazateco syllables. *International Journal of American Linguistics*. 13. p. 78-91.

RAUBER, A. S. (2002). The production of English initial /s/ clusters by Portuguese and Spanish EFL speakers. Tese de Mestrado não Publicada. Florianópolis, SC: Universidade Federal de Santa Catarina.

REBELLO, J. T. (1997). The acquisition of English initial /s/ clusters by Brazilian EFL learners. In: James, A. e Leather J. (Eds.) *New Sounds 1997 – Proceedings of the Third International Symposium on the Acquisition of Second Language Speech*. Klagenfurt, Austria: University of Klagenfurt.

RINEY, T. (1990). Age and open syllable preference in interlanguage phonology. In: H. Burmeister e P. Rounds (Eds.) *Variability in second language acquisition: Proceedings of the tenth meeting of the second language research forum*. (Vol. 2, pp. 655-666). Eugene: Departamento de Lingüística, Universidade de Oregon.

SATO, C. (1984). Phonological processes in second language acquisition: Another look at interlanguage Syllable Structure. *Language Learning*, 34, 43-57.

SELINKER, L. (1972) Interlanguage. *International Review of Applied Linguistic*, 10,209-231.

SELKIRK, E. (1982). *The Syntax of Words*. Cambridge: MIT Press.

SILVEIRA, R. (2004). *The Influence of Pronunciation Instruction on the Perception and Production of English Word-Final Consonants*. Santa Catarina: UFSC.

TARONE, E. E. (1980). Some influences on the syllable structure of interlanguage Phonology. *International Review of Applied Linguistics* , 18, 139-152.

TARONE, E. E. (1987). The phonology of interlanguage. In: Ioup G. e Weinberger, S. H. *Interlanguage Phonology – The Acquisition of a Second Language Sound System*. Cambridge: Newbury House Publishers.

WEINBERGER, S. H. (1987). The influence of linguistic context on syllable simplification. In: Ioup, G. e Weinberger, S. H. *Interlanguage Phonology – The Acquisition of a Second Language Sound System*. Cambridge: Newbury House Publishers.

YAVAS, M. (1994). Final stop devoicing in interlanguage. In: Yavas, M. (Ed.) *First and Second Language Phonology* (pp 267-282). San Diego, CA: Singular Publishing Group, Inc.

YOUNG, R. (1988). Variation and the interlanguage hypothesis. *Studies in Second Language Acquisition*, 10, 281-302.

YOUNG, R., e BAYLEY, R. (1996). VARBRUL analysis for second language acquisition research. In R. Bayley & D. Preston (Eds.), *Second language acquisition and linguistic variation* (pp. 253-306). Amsterdam: John Benjamin.